

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
ÁREA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

A VOZ DOS AUSENTES NA TERRA DO NADA

**A Ação Cultural como Estratégia de Religação do
Homem à Natureza**

Ana Maria Dalla Zen

Orientador: Dr. Luis Augusto Milanesi

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação, Área de Ciência da Informação e Documentação, linha de pesquisa : Ação Cultural.

São Paulo, novembro de 2002

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Autor: Ana Maria Dalla Zen

Título: **A Voz dos Ausentes na Terra do Nada**

Subtítulo: **A ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza**

Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP),

PARECER: Aprovada.

São Paulo, 24 / abril / 2003.

Banca examinadora:

1 Dra. Maria Helena Martins, ECA/USP

2 Dr. Luiz Roberto Alves, ECA/USP

3 Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda,
Programa de Pós-graduação em Sociologia/USP

4 Dr. Moacir Gadotti, Fac. Educação/UNICAMP

5 Dr. Luiz Augusto Milanesi, ECA/USP,
Orientador.

*O mundo é o imenso vale
Onde a alma cai, como em um deserto;
E é nesse deserto que a alma se elabora,
Ao mesmo tempo transformando
o deserto em terra fértil.*

*"Aquele que perseverar até o fim,
Esse será salvo"
(Mateus 10.22)*

*Para Laura e Maurício,
herdeiros de meus sonhos,*

*Para minha mãe,
que foi embora sem saber o final,*

*Para os que ainda acreditam
que um outro mundo é possível*

Agradeço a todos aqueles que trilharam comigo esta estrada.

Em especial à cidade de São Paulo, que abriu suas portas e me recebeu com tanto carinho;

Ao meu orientador, Dr. Luiz Augusto Milanesi, que soube me ajudar nos piores momentos;

À Dra. Nelly de Camargo que, de professora, se transformou em uma grande amiga e mestre;

Ao Dr. Luiz Roberto Alves, que me ensinou a tornar mais terno o discurso acadêmico;

À D. Nazaré, que me acolheu em sua casa;

À minha São José dos Ausentes, que me fez ausentina;

Aos ausentinos que deixaram um pedacinho de si mesmos dentro deste trabalho;

Ao amigo Mário Bitt-Monteiro, que me carregou até São José dos Ausentes e é co-responsável por tudo ;

Às amigas Ilza Maria T. Girardi, Sonia Slawutsky, Milene Linden da Rocha e Carla C. da Silva, que, como anjos fiéis, me guardaram, passo a passo;

Ao Prefeito Carlos Búrigo, que nos deu o Município em adoção;

Ao Aécio Salib Boeira, Secretário de Turismo daquele paraíso, personificando o carinho e o apoio de todos os ao meu trabalho;

Aos meus colegas professores, em especial Dr. Aino Jacques, Dr. Ludwig Backup, Dra. Georgina Bond-Backup, Dra. Sonia Maria Slawutsky e todos os outros que me acompanharam nesta viagem ;

Aos alunos da UFRGS, que deram vida aos meus delírios acadêmicos

À equipe do Núcleo de Fotografia da FABICO, que iluminou o meu texto com suas imagens;

À Profa. Hellen Rozados, chefe do meu Departamento, pelo constante apoio, paciência e incentivo;

Ao Leandro e à Bela, por tudo,

À tia Agatha, pelas constantes orações;

Enfim, a todos aqueles que me ajudaram, mesmo àqueles que, ao criar empecilhos, me tornaram mais forte.

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência de construção de um projeto de desenvolvimento sustentado proposto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul na cidade de São José dos Ausentes, RS. Examina a tese de que a ação cultural é uma estratégia privilegiada para incentivar um sentimento de religação do homem à natureza. Investiga o papel que a universidade desempenha no planejamento de um processo de inclusão social de uma comunidade com forte grau de exclusão social, econômica e cultural. Avalia a eficácia da abordagem interdisciplinar na construção de um projeto de desenvolvimento fundado nos dos conceitos de permacultura, complexidade, sustentabilidade e ecologia social. Analisa o que pensa, o que busca e no que acredita uma comunidade que, embora vivendo dentro de um santuário ecológico do planeta, sobrevive em condições precárias, sem alternativas de futuro e baixa auto-estima. Utiliza a abordagem de pesquisa-participante e se identifica com o modelo pós-estruturalista de ciência, em que a subjetividade dos sujeitos, suas emoções e histórias de vida pessoal têm espaço reservado numa investigação que não pretende ser mais do que ser um recorte da realidade na perspectiva de seus atores, dos meios de comunicação e da autora. Conclui que São José dos Ausentes já apresenta resultados de um processo de mudança para inclusão social, relacionados com a articulação entre seus atores sociais, através da democracia participativa no processo decisório e da parceria com a Universidade, numa experiência interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão. No entanto, a ausência de políticas públicas mais abrangentes, a carência de uma estrutura econômica mais sólida e a própria resistência à mudança entre alguns segmentos, limitam o processo do alcance dos objetivos dessa forma de ação cultural enquanto estratégia de religação do homem à natureza.

PALAVRAS CHAVES: Ação Cultural
Permacultura
Desenvolvimento Sustentável

ABSTRACT

This research work reports an experience on the construction of a sustainable development project for the town of São José dos Ausentes proposed by the Federal University of Rio Grande do Sul. It examines the thesis that cultural action is an appropriate strategy to enhance the human attachment to nature. It also investigates the role university plays in the planning of a social inclusion project for a community that shows a strong degree of social, economic and cultural exclusion. The work assesses the efficacy of the interdisciplinary approach in the construction of a development project grounded in the concepts of permaculture, complexity, sustainability and social ecology. It analyzes thoughts, aspirations and beliefs of a community that, although living in an ecology sanctuary, survives under daunting conditions, which include no hopes for the future and low self-esteem. The research work makes use of a participative research approach and identifies itself with a post-structuralist model of science, in which the subjectivity of the individuals, their emotions and life stories have a privileged place in an investigation that does not aim to be more than one account of the reality as perceived by its actors, the media and the author. It concludes that São José dos Ausentes already shows the results of a change towards social inclusion, resulting from the connection amongst its social actors through participative democracy in the decision making process and the partnership with the university, in an interdisciplinary experience in learning, research and extension. However, the lack of encompassing public policies, the insufficiency of a solid economic structure and the reluctance to change from some sectors hinder the accomplishment of the objectives of a cultural action strategy to link man to nature.

Keywords: cultural action - permaculture - sustainable development

S U M Á R I O

PREÂMBULO, OU O COMEÇO DE TUDO/p.12

1 INTRODUÇÃO/p.27

CONTEXTO E DELIMITAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA/p.35

- 2.1 Definição do Problema/p.50**
- 2.2 Operacionalização dos Conceitos/p.52**
- 2.3 Objetivos da Investigação/p.55**
- 2.4 Hipóteses de Pesquisa/p.56**

3 O PARADIGMA DA RELIGAÇÃO DO HOMEM À NATUREZA E A ORGANIZAÇÃO DE NOVAS SOCIEDADES HUMANAS/p.59

4 A PREOCUPAÇÃO ECOLÓGICA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO/p.72

- 4.1 Pobreza, Ignorância, Ação Humanitária e Solidariedade na Sociedade do Conhecimento/p.83**
- 4.2A Universidade e o Intelectual numa Sociedade de Desiguais: a Redefinição de Papéis/p.87**

1 CULTURA, ANIMAÇÃO & AÇÃO/p.93

- 5.1 Colo, cultus, cultura/ p.94**
- 5.2 Animação x Ação Cultural/ p.108**
- 5.3A Cultura como Fenômeno Coletivo/p.114**
- 5.4A Ação Cultural & Desenvolvimento Social/p.116**

6 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS/p.121

- 6.1 Os Sujeitos da Pesquisa/p.125**
- 6.2 Procedimentos de Coleta dos Dados/ p.126**
- 6.3 A Escolha do Modelo de Pesquisa Participante/ p.134**
 - 6.3.1 A Montagem do Plano da Pesquisa Participante/p.137**
 - 6.3.2 O Diagnóstico da Comunidade e da Região/ p.138**
 - 6.3.3 A Seleção de Prioridades / p.142**
 - 6.3.4 A Construção do Plano de Ação / p. 144**
 - 6.3.5 A Inserção do Orçamento Participativo/p.146**

7 A VOZ DOS AUSENTES NA TERRA DO NADA/ p.150

- 7.1 Percorrendo as Bandas do Nada/p.151**
- 7.2 Conhecendo os Ausentes/ p.155**
- 7.3 A Construção de um Projeto de Desenvolvimento Sustentado/p.179**
- 7.4 O Olhar Acadêmico: Reflexões em Torno de uma Prática Interdisciplinar/p.232**
- 7.5**

8 AÇÃO CULTURAL & RELIGAÇÃO DO HOMEM À NATUREZA/ p. 243

- 8.1 Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável: a Romaria das Águas/ p.249**
- 8.2 A Fotografia como Prática Pedagógica de Educação Ambiental/p.254**

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS/p.263

REFERÊNCIAS / p. 273

ANEXOS

- Anexo A – CD-rom São José dos Ausentes/p.283**
- Anexo B – Roteiro básico de Perguntas para Depoimentos e Entrevistas/p.284**
- Anexo C – Selo de Qualidade Turística/p.285**
- Anexo D – Comemorações do Dia Internacional da Mulher/p.286**
- Anexo E – Programa de Educação Ambiental/p.287**
- Anexo F – Programa de Fotografia como Estratégia de Educação Ambiental/p.288**

PREÂMBULO, OU O COMEÇO DE TUDOe3

*Ella está siempre en el horizonte.
Me acuerdo dos pasos, ella se aleja dos pasos.
Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos mas allá.
Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré.
Para qué sirve la utopía?
Para eso sirve: para caminar.
Eduardo Galeano*

A idéia que deu origem a esta tese é muito antiga, tendo surgido, em forma embrionária, ao mesmo tempo em que nasceram os meus primeiros sonhos, anjos e demônios, com suas mensagens, perspectivas e fantasias. Lá estava ela, na forma de semente, esperando pacientemente que eu a aceitasse. E, em meio a essa prospecção, escavando e separando uma profusão de sedimentos que se amontoaram ano após ano, consigo situar o espaço de onde partiu o meu olhar, para se fixar em São José dos Ausentes.

Ao penetrar nos meandros e galerias desse complexo labirinto, encontro o sentido deste trabalho, que se confunde com o significado de minha própria vida. Boa parte de mim mesma entranha-se e se mistura com a tese. Há momentos em que, ao revelar, desvelar, ouvir e dar voz aos ausentes sinto que, na verdade, estou me expondo. Quando escrevo sobre o seu objeto, descrevo-me. Faço-o de forma apaixonada, afastando-me deliberadamente dos cânones mais rígidos da ciência tradicional. Porém, mesmo ao ousar, permaneço atenta, a fim de manter o distanciamento necessário para dar rigor ao caminho crítico do trabalho .

Ela nasceu em decorrência de um sentimento muito forte, misto de respeito ao homem e à natureza, amor à vida e solidariedade com o outro, por influência direta de minha família.

Meus avós paternos, com os bíblicos nomes de José e Maria, foram os primeiros mestres, ao me ensinar, pelo exemplo, a respeitar, de forma sagrada, a natureza e a vida, reverenciando-as sob todas as manifestações e formas. Aprendi com eles a observar o tempo, a terra, o sol e a lua. Mostraram-me como fazer de cada momento do trabalho diário fosse semear ou colher milho, tomate, *radicci*, ordenhar uma vaca, alimentar as galinhas, num ato de respeito à vida. Cada coisa que eles faziam convertia-se, invariavelmente, numa aula prática.

Havia um ritual a ser cumprido para cada momento, como, por exemplo, ao comer uma maçã colhida no pomar. Entre a fruta que eu via nascer até a ocasião de comê-la, passava-se um tempo que, em minha imaginação infantil, parecia uma eternidade. Ela surgia, crescia sob meu olhar guloso, era embrulhada, ainda na árvore, num saquinho de papel (daqueles de pipoca) para depois ser colhida e guardada numa gaveta. Só depois disso tudo, passados alguns milênios, é que ela vinha até mim, sob o olhar carinhoso do nono.

A gaveta onde as frutas eram guardadas tinha um cheiro doce que sinto até hoje. Um cheiro que me dava água na boca, que tomava conta da sala nas diversas vezes (quantas seriam? Lembro bem que eram várias, sim!) em que a gaveta era aberta, pois meu avô insistia em ver a fruta amadurecer, aos poucos, bem devagar. E, e meio a esse infindável processo nascer/crescer/ser devorada, ficava eu, só

olhando, desejando, aguardando. Finalmente, lá vinha ela, maravilhosa, madura, saborosa, direta para a minha boca. Mas, mesmo aí, havia outros rituais a cumprir. Meu avô, com a doçura que só mesmo um avô pode ter, me ensinava a reverenciá-la, admirar a sua cor cheirá-la, pela última vez cumprimentá-la por sua beleza. E só então, depois dessa eternidade, finalmente me autorizava a comê-la.

Isso acontecia sempre, com qualquer fruta. Fosse uma maçã, uma ameixa vermelha, uma castanha portuguesa, ou até mesmo um prosaico cacho de uvas (tão abundante naquela Antonio Prado de então...), o caminho a ser seguido era sempre o mesmo.

Com minha *nonna* Maria, as coisas não eram diferentes. Ao invés das frutas, ela era a rainha da horta, das folhagens e das plantas medicinais. Mal sabendo andar e falar, eu já conhecia e identificava chás pelo cheiro e pelo paladar. Havia chá para tudo, fosse diarreia, nervos, dor de estômago, ou qualquer outra dor, ferimento, ruptura, tanto do corpo quanto da alma. Cada erva era guardada num saquinho próprio, reconhecido pela cor ou pela estampana, feitos com os retalhos de tecido que sobravam dos vestidos das minhas tias. E, todos juntos, ficavam dentro de uma sacola de palha de trigo, pendurada atrás da porta da cozinha.

Ao contrário do *nonno*, ela se preocupou em me ensinar a trabalhar. Desde muito cedo, destinava-me tarefas *difícilimas*, muito *complexas*, como, por exemplo, produzir adubo orgânico. Lá ia eu para o galinheiro ou para o curral, colher esterco seco (cujo cheiro forte também ainda sinto e gosto) e misturá-lo com água. Passados alguns dias, aquele

líquido esverdeado estava pronto para usar. Aí então, servia para regar as folhagens e hortaliças.

Também foi minha avó quem me ensinou a colher flores de camomila e marcela, de manhãzinha bem cedo, para fazer chá, secá-las à sombra (mas não muito!) e finalmente colocá-las naqueles tais saquinhos coloridos, naquela tal cesta, a *sportolla*. E também a mexer a figada, que era feita num tacho de cobre comprado dos ciganos, “aquela gente que, dizia ela, ‘[. . .] gostava de roubar crianças para vender . . . portanto, eu que me cuidasse, que não saísse por aí sem um adulto..[. . .]”. Ao mesmo tempo em que fazia o doce, contava histórias e histórias da sua vida, dos seus pais, de seus filhos.

Aos seis anos de idade, eu já usava a sua máquina de costura, para fazer vestidos para as bonecas, depois panos de prato e, logo após, lá estava eu fazendo vestidos para minha avó.

Rígida e disciplinada, ela tinha o roteiro e a resposta certos para cada ocasião. Se não, inventava algo na hora, mas ninguém percebia. Detalhista, previa passos a serem seguidos um a um, numa seqüência infinita de etapas, tempos e tarefas a ser respeitados para realizar cada coisa. Havia dia e hora para tudo; não precisava e nem adiantava ter pressa. Quem decidia, eram as formas das nuvens, as direções dos ventos, o frio, o calor, e, especialmente, as fases da lua. A natureza, sábia, é quem indicava quando e o quê tinha que ser feito, passo a passo, sem atropelos, sem mudar nada. E assim, minha avó afirmava que era muito fácil fazer a coisa certa. Era necessário tão somente saber ouvir, ver e sentir o que a natureza estava dizendo.

Imitando-a, comecei a plantar e a cuidar de flores e folhagens, respeitando as fases da lua, as estações do ano e a reverenciar a chegada de um novo broto, folha, flor ou fruto. A benzer ferimentos com um galho de arruda. A rezar para uma freira beata, para curar dor de dente. E assim por diante. A minha *nonna* me mostrou, à sua maneira, os vínculos que existem entre o homem e a natureza, entre a realidade e a fantasia entre a vida e a morte, entre a razão e a emoção.

Meus pais, junto com o *nonno* e a *nonna*, também foram muito importantes. Com eles, vivenciei os sentimentos de solidariedade e atitudes diárias do mais desinteressado humanismo. Eles me fizeram perceber, desde muito cedo, que as fronteiras de minhas preocupações e responsabilidades eram maiores do que os meus limites pessoais. Mostraram-me que em nossa casa e em nossos corações havia espaço de sobra para abrigar muita gente, além de nós mesmos. Exemplos de como se pode ser fraterno e solidário discretamente, sem alardes, transformaram nossa casa numa espécie de centro comunitário. Eles me fizeram ver que amar ao próximo não significava dar sobras de pão velho para quem batesse à porta, ou roupas usadas para um mendigo, mas compartilhar tudo o que se tivesse, mesmo que fosse um simples copo de vinho acompanhado por uma fatia de pão com salame.

Portanto, devo à minha família o sentimento que me conduziu a São José dos Ausentes. E, ao chegar lá, depois de atravessar as nuvens, encontrei um espaço onde, através da construção desta tese, pude integrar aquelas experiências de infância com os rumos que minha trajetória acadêmica havia seguido. Vislumbrei a possibilidade de realizar um projeto de ação cultural voltado à construção de um mundo melhor.

Se o modelo de desenvolvimento baseado no lucro, no individualismo e na ganância, rompeu a ligação que unia o homem à natureza, um outro modelo pode ser construído. Esse mesmo homem, que foi capaz de escravizar a natureza a seu jugo egoísta, pode, através de um novo tipo de conduta, resgatar o vínculo original. Trata-se essa de uma das bases em que se fundamenta o pensamento ecológico, que, permeando todas as manifestações da cultura, da arte, da ciência e da fé, poderá redimensionar a realidade e redefinir o futuro numa nova perspectiva. Nesse contexto, a possibilidade de um programa de ação cultural como estratégia de religação do homem com a natureza, se concretizou no objeto desta tese.

Ao ingressar como docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em plena década de 1970, em seguida passei a trabalhar em extensão universitária que, sob suas diferentes manifestações, passou a ser o objeto central de minha produção intelectual, constituindo-se no foco da maioria dos trabalhos científicos e tecnológicos que tenho feito desde então.

Prosseguindo na exploração de meu sítio arqueológico, encontro a influência da disciplina de *Ação Cultural*, sob minha responsabilidade no curso de graduação em Biblioteconomia desde 1982. Dentro dela, passei a utilizar os autores que hoje fazem parte do marco teórico desta tese, em especial Raymond Williams, Teixeira Coelho e Luiz Augusto Milanesi, meu orientador. Assim a Ação Cultural, definiu-se como a linha de pesquisa mais oportuna, por contemplar discussões sobre identidade cultural, por permitir incursões e interferências em comunidades e, finalmente, por comportar a perspectiva de construção de alternativas de mudança social.

Em seqüência e diretamente relacionada às características próprias do território de São José dos Ausentes, foi se integrando a questão ecológica à ação cultural, tanto como pano de fundo quanto como perspectiva. E, pelo caráter coletivo, complexo e interativo que caracteriza a ecologia, foi se firmando a interdisciplinaridade como a metodologia mais adequada a ser adotada para atingir os fins propostos pelo trabalho.

Outra influência importante foi o Orçamento Participativo, estratégia política implantada em 1989 pela administração da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e que, com as posteriores vitórias do Partido dos Trabalhadores (PT), permanece até hoje na cidade. Pautado no princípio da democracia participativa em lugar da democracia representativa tradicional, baseia-se na definição das prioridades para aplicação das verbas orçamentárias municipais, a partir de decisão coletiva da própria comunidade. Trata-se de uma experiência de democracia participativa, em que o próprio povo decide o que fazer. Em reuniões abertas, organizadas em micro-regiões em que se subdivide a cidade, são priorizados os problemas a ser resolvidos e os gastos a ser despendidos.

Em 1999, com a vitória do PT para o governo do Estado, o modelo se expandiu para todo o Estado do Rio Grande do Sul, realizado em cada um dos municípios, para determinação das prioridades do governo estadual. Em função disso, a mesma estratégia foi aplicada em São José dos Ausentes, para a definição da proposta desta tese. A construção de um programa de ação cultural voltado à possibilidade de religar o homem à natureza, seu objeto, foi assim

discutida, passo a passo, proposta por proposta, dentro das reuniões locais do Orçamento Participativo. Por se tratar de um projeto voltado à construção de alternativas de inclusão social da comunidade, o planejamento participativo foi a estratégia adotada. Ao prever a democratização da administração pública, com interferência de toda a coletividade no processo de tomada de decisões, o planejamento participativo, implantado pelo atual governo do Estado do RS, inaugurou uma nova forma de ação política, ao dar a chance de que cada pessoa possa se converter no sujeito de sua própria história.

A realização do I Fórum Social Mundial (janeiro de 2001) se constituiu numa das referências de ação política que influenciaram a investigação. Na condição de alternativa concreta de contraponto à globalização, mostrou, como afirmava o seu slogan, que *um outro mundo é possível*, através de caminhos antagônicos às idéias, estratégias e propostas do capitalismo financeiro que rege a economia do planeta. Na mesma época, aconteceu o Fórum Econômico Mundial, reunido em Davos, Suíça, para discutir alternativas de combate à pobreza a partir da redistribuição da riqueza no mundo, calcada em bases e na defesa dos ideais do neoliberalismo. Na ordem econômica defendida pelo G-8 (grupo constituído pelos oito países mais ricos do mundo) a mobilidade internacional dos capitais é o elemento central na configuração da globalização.

Nessa perspectiva, buscam seus defensores eliminar progressivamente as restrições a ela, propondo a abertura das fronteiras e barreiras ao ingresso do capitalismo internacional. A liberdade para a mobilidade do capital se constitui no elemento central do sistema monetário internacional defendido pelos países ricos.

Em sentido contrário ao daquele evento, Porto Alegre transformou-se no cenário de discussões ideológicas das mais diferentes ordens, tendo como denominador comum a busca de alternativas para o combate à exclusão social, em confronto direto com o neoliberalismo. Multiplicaram-se manifestações de crítica contundente e apaixonada, dentro do mesmo tom de protesto e de oposição: *“Vocês vivem no planeta dos ricos e nós, no dos pobres. Nós queremos salvar o planeta e vocês só desejam manter a hegemonia sobre ele”*¹, disse Valden Bello, professor da Universidade das Filipinas, ao criticar o encontro dos ricos. Na realidade, o Fórum Social Mundial não se constituiu num evento antiglobalização, mas num espaço qualificado de articulação, que conseguiu reunir organizações políticas e sociais do mundo inteiro que se opõem ao atual modelo econômico, baseado fundamentalmente na hegemonia do capital financeiro.

Um dos temas centrais do evento foi o debate acerca dos efeitos da globalização nos países periféricos. Grandes especialistas do mundo inteiro reuniram-se na cidade para demonstrar, na forma de conferências, oficinas, palestras e atividades de toda a ordem, que é possível construir uma globalização sem exclusão social. Se no encontro de Davos as discussões detiveram-se na busca de alternativas de combate à pobreza sob a hegemonia do poder global, no de Porto Alegre os participantes discutiram o papel do poder local das cidades nas políticas de inclusão social e de desenvolvimento econômico. Dentro dele, surgiram propostas alternativas para a constituição de um novo modelo de desenvolvimento social, baseado num conjunto de ações

¹ **Correio do Povo**, 29 de janeiro de 2001, p.1.

vinculadas a uma mudança radical na relação do poder público com a cidadania.

Durante o Fórum, foi também amplamente discutida e destacada a importância do controle social sobre as políticas públicas locais, cuja principal expressão é o Orçamento Participativo, implantado há mais de oito anos em Porto Alegre e há mais de três anos no Estado do RS.

Para esta tese, a realização do Fórum transformou-se numa oportunidade ímpar, de grande relevância para refletir sobre a importância da democracia participativa como estratégia de definição de políticas públicas. Trataram-se, durante o evento, questões de amplitude mundial, mas que podem ser minimizadas ao microcosmo de São José dos Ausentes. E, ainda, foi fundamental para a pesquisa a coincidência de expansão da metodologia do Orçamento Participativo para todo o Estado, uma vez que, à semelhança do que ocorre em outras cidades, trata-se de uma experiência que até hoje confunde aquela população, pouco acostumada à democracia participativa que a dinâmica do OP exige.

Numa última prospecção arqueológica, resta citar as influências diretas que três pessoas exerceram na produção desta tese. Talvez tão importantes quanto os autores e as situações até aqui citados, situam-se as interferências de Ilza Maria Tourinho Girardi, Sônia Maria Slawutsky e Mário Bittencourt Monteiro, meus amigos e colegas, que fizeram com que eu me envolvesse com a causa ecológica, as duas primeiras e na integração da fotografia à questão ambiental, o terceiro.

A primeira, como militante do movimento ecológico, líder de manifestações contra crimes ambientais e engajada quotidianamente na construção de uma vida melhor, mais natural e saudável, constituiu-se num modelo a me dizer que um outro mundo é possível. Mesmo que ela não saiba disso, a sua crítica, sempre branda, mas duríssima, por tomar Coca-cola ao invés de sucos de frutas, por tomar sopas de pacote em lugar de um bom caldo de legumes feito na hora, por usar tecidos sintéticos ao invés do algodão, etc. Várias vezes ela assumiu o papel do anjo do apocalipse, anunciando a morte trazida através dos alimentos transgênicos, dos agrotóxicos, das embalagens de plástico, entre outros. Crítica mordaz dos discursos das empresas multinacionais ligadas à produção de alimentos desvelou-me as farsas existentes no uso de termos como *defensivo agrícola* em lugar de *agrotóxico*, ou em slogans, como "*Mais alimentos para o mundo*", quando, na verdade, o que o mundo precisa não é aumentar a produção, mas distribuí-la melhor entre os que têm fome. Lembra, a todo o momento, a terrível desproporção entre os incluídos e os excluídos do poder econômico no mundo atual, em que dos seis bilhões de habitantes do planeta, pelo menos 2,8 bilhões vivem com menos de dois dólares por dia, segundo dados do Banco Mundial. E por aí afora, segue ela, lutando em prol da construção de um mundo melhor.

De um modo diferente, me afetou o trabalho de Sônia, dentista engajada na causa ecológica e na perspectiva de que uma sociedade saudável passa por uma radical mudança de hábitos de alimentação. Inimiga implacável da ingestão de açúcar é militante da necessidade de sua supressão total. Adepta de uma vida mais simples propõe o resgate do uso de plantas medicinais e da homeopatia em lugar da alopatia. Companheira fiel foi das primeiras a engajar-se no meu

sonho, indo para São José dos Ausentes com turmas de mais de vinte alunos, para prestar um atendimento odontológico muito especial para os 750 alunos das escolas locais. Sob seu olhar crítico, muitas das decisões tomadas no Programa foram modificadas e todas as sugestões que deu, obtiveram sucesso. Ela é carinhosamente chamada de *Dra. Light* pela comunidade local.

Quanto ao Monteiro, é um amante da fotografia que, de tão apaixonado, fez dela o centro de sua vida. Ao eleger a fauna e a flora como seus focos de atenção, assumiu a causa da preservação ambiental como bandeira de luta. Foi ele quem descobriu São José dos Ausentes e, encantado, me levou para lá. Se não fosse por sua insistência, eu não teria conhecido São José dos Ausentes, nem o seu povo, nem a sua paisagem. Nem doutorado, talvez. Foi também por influência dele que me tornei uma amante da fotografia, fazendo dela linguagem que participa em todas as etapas da tese, para ser lida como texto visual.

Ao mesmo tempo, minha paixão por fotografia, talvez tenha sido herdada de meu avô materno, Primo Postali. Em busca de melhores condições de vida, no ano de 1894 ele saiu da Áustria, seu país natal, emigrando para o Brasil. Estabelecido em Caxias do Sul, no RS, tornou-se de imediato uma figura muito popular. Como os demais imigrantes, teve uma vida difícil, mas soube, como poucos, adaptar-se ao novo ambiente. Para sobreviver, tornou-se um profissional múltiplo: foi ao mesmo tempo dentista, músico, sapateiro e fotógrafo. A sua trajetória pessoal foi tão marcante que hoje faz parte da história de Caxias do Sul, em especial pela sua faceta de fotógrafo.

A fim de realizar seu trabalho, circulava pela colônia italiana a cavalo, levando consigo todo o instrumental de que necessitava. Por exigência das várias facetas de sua atividade, ele levava consigo uma complexa bagagem, onde podiam ser encontrados objetos os mais variados, incluindo desde equipamentos e produtos odontológicos, até câmeras e materiais fotográficos, e, possivelmente, também pregos, martelos e congêneres. Isso sem esquecer do *bandoneon*, que o acompanhava sempre.

Ele aproveitava a estada nas casas que o hospedavam para, a um só tempo, cuidar dos dentes de todos os membros da família, afinar pianos e consertar sapatos. E, é claro, para fazer o que o *nonno* Primo mais gostava: fotografá-las. Para isso, dentro da sua esdrúxula bagagem levava roupas femininas e masculinas, bem como adereços de toda a ordem (à semelhança das fotos de época que hoje são comuns em *shoppings centers*). Ele transformava aqueles colonos, que só tinham roupas muito simples de trabalho, em verdadeiros cavalheiros e damas, com roupas elegantes, sombrinhas, cartolas, dando-lhes um ar de imponência e luxo. E, como hoje atestam as suas fotografias, mudavam os rostos, as roupas e adereços eram sempre os mesmos.

Inúmeras são as aventuras a ele atribuídas, muito divertidas e engraçadas, que já fazem parte do imaginário local. A sua obra fotográfica, reunida pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), desde 1998 circula pelo Estado sob a forma de uma exposição intitulada *O Andarilho das Imagens*.

Eu não cheguei a conhecê-lo, mas dele ouço falar a todo o momento. De qualquer modo, seja sob sua influência premonitória ou

não, eis que em 1992 passei a trabalhar com fotografia, quando assumi a coordenação acadêmica do Núcleo de Fotografia da FABICO/UFRGS, a convite de seu criador e coordenador, Mário Bitt-Monteiro. Mesmo assim, meu interesse não é a obtenção das imagens, mas a sua leitura semiótica, ao extrair o significado de cada registro, ao procurar dar sentido ao objeto fotografado.

Ultrapassando a análise do superficial, do explícito, do real, persigo o que está por detrás da própria imagem. Desloco-as de seu espaço original para reintroduzi-las no recorte subjetivo e pessoal que me permito fazer daquilo que elas representam para mim. Desse modo, através da fotografia recorto imagens do mundo que vejo, defino a perspectiva de onde olho e traço o horizonte do que procuro fixar, do que quero mostrar ao leitor. Neste trabalho, a fotografia me permitiu fazer referências ao contexto da pesquisa que, agregadas às construções teóricas, acredito tenham facilitado a leitura do trabalho, conectando o texto gráfico ao texto visual.

Desse modo, a fotografia é presença constante no decorrer de todo o texto, enquanto referência visual que dá significado aos dados coletados, facilita novas produções de sentido e sugere olhares específicos. Longe de mero registro ou congelamento dos tempos e espaços, ela se constitui num dos suportes metodológicos que dá consistência para interpretação da realidade estudada nesta tese.

E assim, dou por encerrado este preâmbulo.

Meu avô

1 INTRODUÇÃO

Tanto o problema quanto os objetivos e hipóteses que orientaram esta pesquisa são o resultado de um processo de construção coletiva, que contou com a representação de todos os segmentos da comunidade estudada, através de uma pesquisa participante. A sua meta foi a estruturação de um projeto de ação cultural que, do mesmo modo que todas as demais etapas, foi feito democraticamente, com a participação de todos os seus atores sociais. E que, ao final, seja elaborado um plano de desenvolvimento sustentável que reúna um conjunto de medidas e decisões que satisfaçam as necessidades da geração atual, promovendo a melhoria de sua qualidade de vida, sem comprometer o futuro das próximas gerações.

Um dos princípios ideológicos fundamentais que originaram esta tese é a crença de que a ação cultural pode se constituir numa estratégia eficaz de mudança social, ao contribuir para o rompimento dos mecanismos de dominação e promover alternativas de inclusão social, democratizando o acesso aos bens culturais e expandindo os direitos de cidadania.

Algumas questões se mantiveram presentes no decorrer de todo o trabalho por detrás do cenário, como elementos de instigação indireta do processo de pesquisa: o que significa, para as pessoas e para o pesquisador, o alcance dos objetivos, a obtenção de respostas plausíveis? E que estratégias de sobrevivência estão aí implicadas? Além disso, o que era preciso desvelar, desvendar, descobrir, entranhado nos elementos em análise? E que relações poderia assumir a pesquisa com um ideal maior, com uma perspectiva utópica? O que era preciso distinguir e transpor? E, finalmente, quais foram os motivos reais e concretos que moveram os grupos sociais envolvidos, tanto da universidade, quanto da comunidade, na construção de um projeto desse tipo, tão diferente e fora da rotina acadêmica? O que fez com que cada um passasse tanto tempo mergulhado nessa realidade, pensando nela, assumindo riscos, expondo seus corações e mentes?

Tais ponderações revelam que foi feita uma opção por uma abordagem de pesquisa comprometida, não objetiva, afastada o quanto possível da pseudoneutralidade da ciência que se baseia no distanciamento do pesquisador de seu “objeto” de análise. Esgueirando-se rumo a uma postura mais crítica, a partir do engajamento e responsabilidade intelectual do pesquisador na construção de um caminho próprio, pretendeu ser diferente.

Tratava-se da necessidade pessoal da autora em procurar novas saídas, baseadas na construção de perspectivas não convencionais de análise de dados, a partir de novas vertentes. E, desde o início, de tentar atribuir novos sentidos e significados, ousando abandonar caminhos já percorridos, e sair em busca de novas trilhas. Ao

invés de falar de cima do patamar acadêmico, entrar na realidade, no cotidiano, para poder compreendê-lo.

Desse modo, o trabalho teve início com a revisão de algumas bases teóricas tradicionais e com a desconstrução de tradicionais princípios, crenças e práticas estabelecidas. Inspirou-se na crença de que a análise da realidade depende de onde parte o olhar sobre ela. Como as respostas dependem muito do lugar de quem olha, de como olha e do que vê na realidade, esta tese se prevê, de antemão, como um recorte, um ponto de vista em que a subjetividade da autora se mistura com a própria pesquisa. O conhecimento assim produzido se fez provisório, ao ser convertido numa imagem parcial do que se pode apreender do mundo exterior.

Em nenhum momento este trabalho pretendeu vislumbrar situações ou condições que pudessem ser captadas, analisadas ou investigadas objetivamente. Nem se baseou em enunciados teóricos estabelecidos previamente que, ao atuarem como um fio condutor, firme e seguro, pudessem levar a uma análise objetiva, confortável e conveniente.

Desse modo, a trama teórica foi sendo tecida aos poucos, passo a passo. As vozes e as falas foram encontradas entre aqueles pensadores que indicaram novos rumos, descontentes que estavam com a ciência tradicional, baseada na extrema valorização do método, a ponto de confundir rigidez com rigor científico. Por influência desses autores, foi se delineando um caminho que, fundado em pilares pouco ortodoxos, mas firmes, mostrou ser possível a produção de um novo tipo de conhecimento científico. Um conhecimento que, pautado pelo

necessário rigor teórico e metodológico, se fez mais fluido, mutável, provisório e sensível.

Portanto, como se verá os capítulos que seguem, em lugar da segurança de uma verdade, racional e absoluta, apontam-se e sugerem-se várias possibilidades de recortes da realidade. Diferentes versões que, não excludentes, podem se modificar de acordo com o enfoque e perspectiva de quem olha.

O trabalho parte da premissa de que não existe apenas uma realidade a ser apreendida, sob um contexto completo, simples e fechado, nem um foco único que possa sintetizar o mundo exterior. Ao contrário, pressupõe que há inúmeras alternativas de interpretar o contexto investigado. Tratam-se de partes, pedaços, visões subjetivas, que dependem de quem e de onde parte o olhar que vê o fenômeno. Portanto, o texto permite várias leituras, mutáveis, cambiáveis, parciais, de acordo com o ângulo de quem o lê.

Assim, o objeto da tese é São José dos Ausentes. Não como uma realidade completa a ser apreendida, uma comunidade com problemas específicos, pré-determinados e globais a ser solucionados. Ao contrário, o objeto envolve uma São José dos Ausentes, desconhecida, velada, escondida.

Havia uma problemática complexa e difusa, onde podiam ser vislumbradas várias questões. Tantas quantas se quisesse conhecer, pensar, discutir, enunciar. Foram identificadas diferentes práticas culturais que mereciam fazer parte de um projeto de ação cultural.

O trabalho, a partir daí, fundou-se na crença de que seria possível construir um modelo que desse lugar para tantos problemas, decisões, alternativas, quantos se tivesse condições de descrever, de planejar, de concretizar. E, em decorrência, no contexto de São José dos Ausentes surgiram possibilidades concretas de construção de um projeto de desenvolvimento sustentável, como resultado de decisões democráticas, coletivas, plurais, fraternas.

O marco teórico foi se construindo aos poucos. De início, centrou-se nos conceitos de cultura e de ação cultural, buscando selecionar entre eles os que convergiam melhor para a perspectiva e o ângulo de análise escolhido. Em seqüência, foi realizada uma vasta prospecção na bibliografia disponível, a fim de encontrar elementos que fossem úteis nessa tentativa de interpretar, desvelar, entender o objeto de estudo. Algo que contribuísse para dar sentido à construção de um novo tipo de conhecimento que, centrado em bases não convencionais, se situasse dentro do novo modelo que vem se firmando aos poucos no mundo da ciência. Trata-se do paradigma ecológico, que, baseado na preservação da vida no planeta, na inserção da subjetividade, na atribuição de um papel específico para as emoções, sugere novos valores humanos como elementos essenciais no processo de produção do conhecimento.

Nessa estrada, foi se firmando, como num quebra-cabeça, passo a passo, o lugar de onde parte o olhar da pesquisadora. Pesquisadora esta que se identifica como uma intelectual comprometida com a organização da cultura; que vê a ação cultural como uma estratégia de religação do homem com a natureza; que acredita ser

possível ainda sair à procura de novas formas de encantamento; e, assim, sonhar uma nova utopia.

Outros conceitos foram sendo inseridos, necessários para subsidiar a construção do caminho crítico da tese. Entre eles, citam-se a questão da identidade cultural e do espaço local num mundo globalizado, os sentidos e significados de um projeto de desenvolvimento sustentável, seus paradoxos e contradições. A escolha recaiu em São José dos Ausentes, mas poderia ter sido em vários outros palcos. O cenário não mudaria, nem os atores, nem os conflitos que constituem o seu drama e a sua trama.

Desse modo, em seqüência serão apresentadas as reflexões que constituíram a base teórica do trabalho. Em primeiro lugar, será identificado, passo a passo, o modelo de ciência a que se vincula esta tese. Após, serão discutidos as funções da universidade e do intelectual dentro dessa perspectiva, enfatizando o papel que pode ser desempenhado pela academia na questão da desigualdade de oportunidades sociais.

Acompanhando a análise, serão avaliadas as possibilidades de ação acadêmica que surgem no contexto de uma realidade complexa, tendo como referência à substituição da abordagem disciplinar pela interdisciplinar e, desta, a tentativa de encontrar uma brecha transdisciplinar. Em seqüência, serão discutidos os conceitos de cultura, de ação e animação cultural. Desse modo, se alcança outro objetivo deste trabalho, que é o de vincular a ação cultural ao contexto do pensamento ecológico, ao utilizá-la como um método de religação do homem à natureza.

Após, será feita uma descrição dos procedimentos metodológicos aplicados. Já em seu sexto capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados a que se chegou com a investigação, enquanto no sétimo será detalhado o plano de ação posto em prática na comunidade. No oitavo capítulo, serão feitas as conexões necessárias entre as questões apresentadas no início do trabalho com as hipóteses, objetivos e resultados, definidoras do significado desta tese, E, finalmente, no capítulo nove, serão sintetizadas as conclusões, provisórias, subjetivas, parciais, que caracterizaram o recorte, o olhar do pesquisador em direção ao contexto interpretado.

E o título, de onde veio? Dos Ausentes, sinônimo de ausentinos, população daquele paraíso, de sua terra maravilhosa e da neblina que esconde e camufla tudo e todos, a cada dia. O seu nome? *Nada*. Portanto, o projeto de ação cultural enquanto estratégia de religação do homem com a natureza, aqui relatado, foi realizado na terra do Nada, com os seus sujeitos, os Ausentes.

2 CONTEXTO E DELIMITAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Quando o arco-íris estiver nas nuvens, eu o olharei como recordação da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos, com todas as criaturas que existem sobre a terra ... já não haverá mais dilúvio para devastar a Terra
GÊNESIS 9, 16-17;11

O Município de São José dos Ausentes, RS, emancipado em março de 1992, situa-se no extremo nordeste do Rio Grande do Sul. Separado a leste de Santa Catarina pela muralha dos Aparados da Serra, abriga o Pico do Monte Negro, ponto culminante do Estado, com 1403 metros de altitude. Possui uma área superior a mil e duzentos quilômetros quadrados, onde vivem (ou se escondem?) três mil, cento e quinze habitantes.

A denominação de Ausentes deve-se ao fato de que os primeiros proprietários da região não tomaram posse das terras. Em função disso, os lotes foram leiloados duas vezes, mas, em ambas, os novos proprietários também não tomaram posse e, mais ainda, não deixaram herdeiros. Desde então, aquela imensidão de terras, que se constituía no maior latifúndio do Rio Grande do Sul, passou a ser conhecida como sendo a "Fazenda dos Ausentes".

O início de sua povoação se situa em torno do ano de 1740, quando foi desbravada pelos jesuítas que, acompanhados de índios guaranis, fugiam das Missões, introduzindo o gado na região. Dessa época, permanecem como vestígios os mangueirões de pedra, extensos

muros, verdadeiras paredes, levantados para proteger o gado das baixas temperaturas, e que se constituem nas primeiras e mais antigas construções arquitetônicas do Estado.

O processo de sua colonização foi muito peculiar, com a presença de imigrantes italianos, portugueses, libaneses e africanos, entre outros, num processo de mestiçagem muito forte, marcado pela ausência de preconceitos raciais de qualquer ordem, o que se constitui como um traço da cultura local até hoje.

Em 1995, o Município era o penúltimo em arrecadação do Estado do RS, com um orçamento mensal que girava em torno de R\$ 100.000,00 (cem mil reais), apenas. A economia baseia-se na indústria madeireira, a partir do reflorestamento da região com *pinnus elliotis*, na pecuária extensiva, em declínio cada vez mais acelerado, e na crescente produção agrícola, especialmente nas culturas da maçã e batata.

No setor educacional, o Município contava com oito escolas de 1ª a 5ª séries e uma até a 8a. série, que oferecia merenda escolar, atendimento médico-odontológico e um professor por série. Desde 1998, já como resultado deste trabalho, funciona uma escola de segundo grau, criada a partir da expansão de uma das escolas de primeiro grau.

Emancipado em 1992, o Município surgiu a partir da reunião de cinco distritos que não possuíam qualquer vínculo entre si. Quase nada fazia com que os habitantes de São José do Silveira, Faxinal Preto, Várzea e São Gonçalo se sentissem uma comunidade, algo que os unisse enquanto um grupo que reivindicasse tal autonomia. Além da neblina, do isolamento, da distância e do frio, outro elemento comum que os

integrava, esse sim, era o desinteresse com que esses distritos eram tratados pela administração de Bom Jesus, município a que pertenciam. A região era considerada, tanto pelo poder público quanto pela própria população dessa cidade, como um verdadeiro estorvo à administração.

Com seus inúmeros cânions, dezenas de nascentes de rios e sua permanente cerração, só atrapalhava os planos municipais de desenvolvimento. Quando a UFRGS iniciou seu trabalho lá, era comum ouvir-se exclamações de espanto, pois, afinal, “[. . .] o que a universidade pode fazer lá naquele fim de mundo?[. . .] Só tem frio, chuva e barro[. . .]”. Nada era lembrado que fosse positivo, original, interessante; ao contrário, só eram citados problemas, tédio, distância, afastamento, e por aí afora. Desse modo, a emancipação, mais do que resultado de uma luta política, foi na verdade concedida, por ter sido consentida.

Geograficamente separados entre si, até hoje alguns distritos, com um contingente razoável de habitantes não se identificam com o Município. Ao invés da condição de ausentinos, quando perguntados, referem-se ao próprio distrito ou lugarejo. É comum ouvir-se alguém dizendo que “[. . .] eu sou lá do Silveira, não aqui de Ausentes [. . .]”, ou “[. . .] o fulano não é daqui; ele é lá da Várzea [. . .]”, como se fosse outra cidade, outro mundo. Além disso, não é raro se ouvir alguém afirmar que nunca saiu do distrito onde nasceu, que não conhece nada mais fora desse pequeno espaço geográfico.

As estradas de chão batido permanecem intransitáveis a maior parte do ano, em decorrência das chuvas permanentes e de um forte desgaste provocado pelo trânsito de caminhões para transporte da

madeira. Com isso, os caminhos, ao invés de contribuir para unir os grupos, servem para afastá-los. Mostram o quanto estão longe uns dos outros.

As moradias são muito simples e pequenas, feitas de madeira e sem qualquer proteção contra o frio. Há pouco mais de um ano a energia elétrica chegou a cerca de 70% das famílias, mas ainda permanece como um sonho distante para os dois distritos mais distantes, Várzea e Faxinal Preto.

A água, por seu lado, é de excelente qualidade, tanto no que se refere à pureza quanto à alcalinidade, e não recebe qualquer tipo de tratamento. O esgoto é lançado em valos, que derivam em arroios e rios, o que compromete a preservação da qualidade do ambiente natural. Aliado a isso, a coleta de lixo, feita somente na zona urbana, é um dos maiores problemas de saneamento básico a ser solucionado.

Figura 3

As queimadas, que fazem parte da cultura local, são um fator de poluição e destruição do ambiente. Todavia, mesmo com ações punitivas dos organismos ambientais, elas continuam sendo realizadas todos os anos, como forma de alimentar o gado durante o inverno.²

Ano de 1995. O Núcleo de Fotografia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) vai até São José dos Ausentes, para fotografar o ambiente. A fama era a de que tratava de um local muito interessante, com paisagens que mereciam um olhar acadêmico mais acurado.

Ao se chegar lá, o que se encontrou, na verdade, foi um verdadeiro santuário ecológico do planeta, berço genético e reserva de espécies. Localizado no portal de entrada da região dos Campos de Cima da Serra, na encosta da Serra do Mar, São José dos Ausentes se constitui numa paisagem ímpar, com imensos lençóis de gramíneas entrecortados por *canyons* profundos, emoldurados pelas araucárias que sobreviveram à ação predatória das serrarias que lá atuaram até a década de 1970.

O seu ponto mais peculiar e de interesse turístico é a ocorrência de neve no inverno e baixas temperaturas durante o ano todo, com médias inferiores a dez graus. Além disso, a região é conhecida pela espessa neblina que cobre tudo a partir das 15 horas, diariamente. Trata-se do fenômeno conhecido como *viração*, decorrente da inversão térmica provocada pelo encontro dos ventos quentes vindos do litoral (distante apenas 40km) com as massas de ar frio da região, situada numa altitude superior a 1200 metros. Em função dessa neblina, os guaranis deram à região o nome de *Ibitimbó*, o recanto da cerração.

² O gado, nessa época, pela falta de pastagens, sobrevive lambendo as cinzas dos campos queimadas, ricas em nutrientes.

O nome da neblina? O título deste trabalho já o antecipara: *Nada*. Portanto, já haviam se delineado, desde o início, quais seriam os objetos metafóricos deste trabalho: os Ausentes na terra do Nada. Três variáveis muito significativas num projeto de ação cultural: um povo que se diz ausente, uma terra linda, um nada que esconde tudo .

Hoje, quando o controle sobre a preservação da água se tornou imprescindível para a preservação da vida do próprio planeta, São José dos Ausentes passou a se constituir num ponto estratégico, pela riqueza hídrica de seu território. Em seu espaço se escondem as nascentes dos três rios mais importantes da região sul do País, que são os rios das Antas, das Contas e Pelotas. Por isso, nas últimas décadas tais rios têm sido motivo de interesse dos ambientalistas, preocupados em preservar limpas as suas águas.

Trata-se de um espaço ímpar, diferente, desafiante. Um ambiente privilegiado por paisagens particularmente belas, num clima muito frio e tenebroso. É um convite permanente à solidão, ao isolamento, talvez à tristeza, mas também à contemplação, à alegria, à meditação, e, enfim, à paz.

Aos poucos, foi surgindo o interesse em se saber quem eram as pessoas que moravam, ou se escondiam lá encima. Como viviam aqueles que conseguiam sobreviver atrás das nuvens, naquele frio, afastados do resto do mundo? Quem seriam eles?

FIGURA 4

Os dados oficiais já davam uma idéia. São José dos Ausentes era um dos municípios mais pobres do Rio Grande do Sul, situado entre o segundo e o terceiro lugares entre os de menor orçamento público do Estado. Percebia-se, a cada momento, o quanto o nome dado à cidade era próprio para identificar sua população e seu território, marcados ambos por significativos indicadores de falta, ausência, carência, tanto social, quanto econômica, cultural, como também em qualquer outro setor que se quisesse envolver.

Se havia alguns pontos unindo aquelas diferentes pessoas, afastadas uma das outras por alguns quilômetros, lá convertidos em imensas distâncias pela inexistência de estradas, esses se constituíam na falta de recursos e de perspectivas de futuro, consubstanciados na fome e no desemprego.

Num imenso território, ora dividido por profundos *canyons*, ora recortado por grandes rios com precárias pontes, com estradas de chão batido intransitáveis a maior parte do ano pela abundância das chuvas na região, tudo denunciava o afastamento, a distância, a tristeza. Mas, como se fosse um milagre, ou passe de mágica, uma rede de escolas rurais atendia praticamente todas as crianças em idade de cursar o primeiro grau. Verdadeiros heróis-mirins superavam quilômetros de caminhada, enregelados pelo frio, para chegar à escola onde se encontravam com outros heróis, os professores, que seguiam o mesmo rumo. Num mundo sem perspectivas, o único caminho era a escola.

Naquele ano, a maior parte das pessoas que moravam fora da sede do Município não tinha acesso à televisão, nem a jornais ou

revistas. Até hoje a televisão se constitui no supremo objeto de desejo de grande parcela da população. Não havia onde comprar jornais e revistas; apenas algumas pessoas os recebiam, na condição de assinantes. Na zona rural, é comum até hoje que jornais e revistas sejam levados por alguém de fora, viajantes ou turistas. Sempre algumas semanas depois da data de suas edições.

Em compensação, o rádio, este sim, é onipresente. É através dele que as pessoas se informam sobre o que acontece no mundo. Também veículo de lazer e recreação, serve como elo de ligação, de discussão, de debate e de aproximação entre as pessoas. O *grenal* (clássica disputa entre os times do Grêmio e o Internacional) é acompanhado aos gritos, em rodas de amigos reunidos para acompanhar o seu time favorito. Através dele, discutem “[. . .] o que acontece no Oriente Médio, que fica lá longe, muito longe [. . .]” . Ou ficam sabendo dos “[. . .] roubos dos políticos, esses ladrões [. . .]”. Riem da previsão do tempo, já que “[. . .] quando dizem que vai ter temporal, faz dia bom. Se falam em chuva, vem um “baita” (sic) sol [. . .]”.

Tudo o que o rádio traz, serve de motivo para o debate, para a conversa. Através do rádio, as pessoas se sentem ligadas ao mundo, já que “[. . .] nessa “lonjura” (sic), nesse fim de mundo, só mesmo o rádio para alegrar a gente [. . .]”. Através dele conhecem e discutem a globalização, os desastres aéreos, enfim, “[. . .] tudo o que acontece lá embaixo [. . .]”.

Em São José dos Ausentes, o paraíso [e o inferno] fica [m] mais perto. Protegido pelas nuvens, seu território esconde pessoas abandonadas à própria capacidade de resistência, ou, mais

precisamente, à própria sorte. O ambiente, este sim, é riquíssimo, não só em belezas naturais, mas pelas reservas hidrográficas abundantes, pelas nascentes dos rios das Antas, do Marco, Contas e Pelotas camufladas em seu solo, com águas puras e cristalinas que abrigam uma grande biodiversidade de espécies de flora e fauna. Nos campos, vivem o lobo guará, o leão baio, a curicaca, o graxaim, o macaco da mão-pelada, o gavião “caracará”. “[. . .] Todos livres, até a chegada que alguém “lá de baixo” dê um fim [. . .]”.

Enfeitando tudo isso, as araucárias, oferecendo o pinhão para alimentar a gralha azul. Mas esse mesmo ambiente ainda é queimado todos os anos, para que o gado possa sobreviver no inverno rigoroso, se alimentando das cinzas. E, com as queimadas, seguem a exaustão e a erosão do solo que, junto com o uso excessivo e indiscriminado de agrotóxicos no cultivo da batata e da maçã, se constituem nos piores problemas de impacto ao ambiente natural e à própria vida humana.

Logo se percebeu que aquele santuário ecológico e sua vasta biodiversidade de flora e fauna, mereciam a atenção da comunidade científica. A araucária, a gralha azul, a curicaca, as nascentes imaculadas dos rios, as turfeiras, os *canyons*, as cachoeiras, tudo devia ser registrado, cuidado, preservado.

A identidade cultural dessa comunidade, marcada pela rudeza do cotidiano no campo, com os traços do gaúcho, com seu trabalho, música, dança, tradições, merecia uma maior aproximação, um registro, pelo menos fotográfico. E, se já era importante saber como aquelas pessoas conseguiram sobreviver naquele espaço tão longínquo, frio e hostil, traçando uma trajetória digna, forte, o seria ainda mais a

busca de alternativas de uma melhor qualidade de vida e de um futuro mais promissor para aquela gente.

Percebia-se que o contexto a ser estudado era muito rico, numa comunidade que resistia à hostilidade do clima e das dificuldades da vida diária. Uma identidade cultural que se mostrava forte por si mesma, que merecia ser interpretada, valorizada e, mais do que tudo, ser transformada num mecanismo de inclusão social, enquanto estratégia útil para a construção de um futuro mais humano, mas justo e solidário para seus agentes.

Havia um bom argumento para se planejar algo mais sólido. A exclusão social falava por si mesma, presente naquele recanto escondido, tão longe do resto do País, mas tão igual. Ela gritava no silêncio daquela gente, marcada por uma expressiva baixa auto-estima, falta de oportunidades, de trabalho, de alimentos, de assistência, abandonadas à própria sorte no meio do frio e da distância. Paradoxalmente, naquele ambiente paradisíaco, pessoas viviam no inferno.

A cidadania restringia-se, quando muito, ao direito de voto, para referendar os nomes daqueles candidatos que apareciam por lá na época das eleições, prometendo a realização de todos os seus sonhos, que eram “[...] a escola de segundo grau, o asfalto, a luz na minha casa, uma ambulância [. . .]” e por aí afora.

E foi assim que São José dos Ausentes se fez presente. Eis que, desse modo, a universidade pública se permitiu sair mais uma vez de

dentro de si mesma, para interagir com a sociedade. E lá estava eu, de novo mergulhada num projeto de extensão universitária, pressionando a Universidade a se envolver com São José dos Ausentes, seu povo e paisagem. Pelo menos o título já estava claro, seria esse: *São José dos Ausentes, Povo e Paisagem*.

Fui em busca de pessoas que quisessem participar de um projeto que eu não sabia bem qual era. Apenas tinha a certeza que a Universidade era a parceira ideal para o Município. O Prefeito queria que “[. . .] a UFRGS adotasse São José dos Ausentes [. . .]” . Mal sabia ele que o pedido seria levado ao pé da letra!

Encontrei dentro da Universidade as pessoas certas, que ainda acreditam no papel do intelectual na sociedade e que é possível a construção de um mundo melhor a partir da ação acadêmica. Mais ainda, pessoas que vêem a ciência num novo rumo, fundado em vínculos mais solidários entre o homem e a natureza. E que estão prontos a orientar suas pesquisas para linhas mais eficientes de superação do fenômeno da exclusão social. Identifiquei sujeitos dispostos a sair do mundo acadêmico e atuar dentro da própria sociedade, enquanto agentes importantes para a construção de uma nova utopia, de um reencantamento do homem diante de si mesmo e da vida.

Ao fazer esse chamamento, talvez eu estivesse procurando na verdade encontrar um sentido para a minha própria vida. Já que, como bem definiu uma professora, “[. . .] Ir para São José dos Ausentes é sair em busca dos nossos próprios sonhos [. . .]”³

³ Esta foi uma frase repetida várias vezes por Suzienne David, professora de Fotografia, cada vez que tentava motivar mais alguém para participar do Programa. Ela esteve presente desde a primeira viagem à região, sendo uma das primeiras pessoas a se encantar com a beleza da região e da hospitalidade daquelas pessoas.

Nasceu assim uma linha de pesquisa na academia que acreditou ser possível aplicar metodologias alternativas de ação cultural, baseadas na construção coletiva de um programa de inclusão social aliado à preservação ambiental. Um projeto que, sem pretender-se conclusivo, apenas desse início a um processo, este sim permanente, contínuo e aberto, de reintegração do homem à natureza. Uma proposta baseada em valores solidários e fraternos, que contribuísse para dar mais qualidade de vida às pessoas sem comprometer aquele ambiente paradisíaco, nem o futuro das futuras gerações, nem do planeta.

Dessa maneira foi se delineando o projeto que me coube concretizar, transformando-o nesta tese. Através dele, busquei mostrar uma das formas de que a universidade pode dispor para, tendo como referências os princípios da interdisciplinaridade, da complexidade e da ecologia social, redimensionar a si mesma, ao interferir na construção de alternativas mais humanas de desenvolvimento social. E que a ação cultural planejada de forma coletiva e democrática, é um fio condutor seguro para a definição de um novo futuro do homem, baseado na perspectiva da religação do homem à natureza.

2.1 Definição do Problema

De início, a idéia era propor um projeto de extensão universitária, através do qual a UFRGS passaria a atuar naquela realidade como tradicionalmente o faz. Algumas atividades, previamente selecionadas de acordo com o interesse e as possibilidades da Universidade, para colaborar na solução de algumas questões apontadas pela administração municipal como suas prioridades.

Pelas características da região, parecia que seria suficiente a aplicação de alguns resultados já obtidos pela pesquisa, em especial na área de tecnologias limpas que, além de oferecer soluções para os problemas da comunidade, preservassem a qualidade daquele ambiente. Isso incluiria também alguns cursos de capacitação profissional e pronto, estaria encerrada a participação da UFRGS em São José dos Ausentes.

Logo percebi que não era bem isso que iria acontecer. Mesmo sem saber qual seria o caminho, eu já sabia, de antemão, que não seria tão simples como à primeira vista parecer. Como já afirmara em minha dissertação de mestrado, há mais de duas décadas, os mecanismos tradicionais de extensão universitária, de levar fórmulas, estratégias e táticas prontas para solucionar os problemas da comunidade, eram inócuos e ineficazes (DALLA ZEN, 1980). Seria, portanto necessário algo novo. Alguma coisa condizente com o contexto e com as perspectivas daquelas pessoas, a ser construído a partir das especificidades locais e mediante a participação ativa da comunidade,

em metas, prioridades e diretrizes que deveriam ser indicadas por seus próprios representantes, pelos seus atores sociais.

Um projeto que criasse alternativas teóricas e tecnologias para a solução de problemas específicos daquelas pessoas e daquele território. Um plano que oferecesse alternativas de melhoria da qualidade de vida sem comprometer o meio ambiente. Um projeto cujos caminhos deveriam ser novos, originais, mais eficazes que as antigas fórmulas acadêmicas. E que, para contemplar a complexidade do objeto de estudo, deveria incluir a participação de todas as áreas de conhecimento da universidade. Mas que, ao invés da tradicional fragmentação em áreas isoladas, se fundasse num modelo diferente. Algo que pudesse unir as diferenças e especificidades de cada campo, integrando-as, numa nova perspectiva que ultrapassasse as barreiras do enfoque disciplinar, com sua tradicional compartimentação, ruptura e isolamento.

Como fazer isso? Quais as perspectivas de um projeto desse tipo, sob o foco da ação cultural? Algumas questões, características e paradoxos da realidade deveriam ser previamente esclarecidas, a partir da inserção profunda do pesquisador na comunidade. Assim, a constituição de uma proposta de mudança que pudesse dar vez aos ausentes, teria que, antes, ouvir-lhes a voz. E, para escutá-los, foram definidas as seguintes perguntas:

- 1 Como se processam as relações entre os grupos sociais dominantes e subalternos?
- 2 Que elementos caracterizam a identidade da cultura local?

- 3 Quem são e quais os papéis que os agentes sociais populares exercem na dinâmica cultural?
- 4 Que traços culturais constituem a trama de um projeto de desenvolvimento sustentado para São José dos Ausentes ?
- 5 Como os sujeitos envolvidos avaliam a metodologia adotada para construção de um projeto de ação cultural para São José dos Ausentes?
- 6 De que modo os meios de comunicação interpretaram os resultados desse trabalho?

Assim, através das respostas obtidas a essas indagações, foram se delineando as características da voz dos ausentes na terra do nada, ou seja, os elementos que deveriam ser levados em consideração num processo de ação cultural voltado à religação do homem à natureza.

2.2 Operacionalização dos Conceitos

A fim de delimitar a abrangência de análise deste trabalho, são aqui operacionalizados os principais conceitos referidos nas questões acima, a saber:

a) *Conformismo, resistência e enfrentamento.*

Refere-se às atitudes dos sujeitos em relação às condições da realidade política, social, econômica e cultural em que vivem. Conformismo será aqui utilizado como sendo uma resignação passiva dos grupos subalternos

frente ao que é oferecido, decidido ou determinado pelos grupos dirigentes (patrões, fazendeiros ou poder público). Resistência incluirá os mecanismos e estratégias utilizadas pela comunidade para sobreviver. Enfrentamento, finalmente, se constituirá no conjunto de atitudes, experiências e alternativas através das quais os grupos contestam, modificam, criticam ou transgridem a realidade e a ordem vigentes, a fim de melhorar as condições de sobrevivência cotidiana e perspectivas de melhoria da qualidade de vida futura.

b) *Elementos sociais, econômicos, ambientais, culturais, educativos, de trabalho e de sobrevivência*

Incluem os itens que representam os principais pontos discutidos pela comunidade, a saber: alternativas de inclusão social através da expansão das oportunidades de trabalho remunerado; expectativas de ampliação de vagas em atividades relacionadas ao turismo rural ecológico; melhoria do sistema de assistência à saúde; expansão do sistema educacional; criação de mecanismos culturais locais, na forma de bibliotecas públicas, grupo de teatro, rádios comunitárias, jornal, cursos de formação artística, entre outros.

c) *Agentes sociais populares*

Considera-se como tal aquelas pessoas que sejam reconhecidas pela comunidade como líderes, que exerçam algum tipo de influência entre os grupos, em quaisquer esferas, incluindo a educacional, a política, a econômica, a cultural, a religiosa, a social, a de saúde, entre outras.

d) *Traços culturais*

Identificam as características que definem a identidade aSENTINA, envolvendo manifestações locais de tradicionalismo, associativismo, religiosidade, imaginário, entre outros.

e) *Desenvolvimento sustentado*

Significa a construção de um projeto de desenvolvimento que possa suprir as necessidades e propor a melhoria da qualidade de vida das gerações atuais preservando os recursos naturais .

f) *Sujeitos envolvidos*

Inclui representantes da comunidade local, membros da universidade que atuam no programa e turistas e outras pessoas que conheçam, reconheçam e se sintam influenciados pelo Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem.

g) *Abordagem*

Envolve a metodologia da pesquisa participante, a interdisciplinaridade na produção do conhecimento, a complexidade na análise da realidade e a perspectiva ecológica como referências fundamentais.

h) *Meios de comunicação*

Reúne a televisão, os jornais e as revistas que veicularam matérias específicas sobre as categorias de análise do Programa São José dos Ausentes, que constituem as telas do CD-Rom (Anexo A), a saber: a história, a terra, o nome, o homem, o ambiente, o turismo, a economia, o imaginário, a hospitalidade, a geografia, entre outros.

2.3 Objetivos da Investigação

A partir das questões acima referidas, foram definidos os seguintes objetivos que, à semelhança das perguntas acima referidas, também possuem um caráter provisório, transitório e mutável, passíveis de ser modificados no decorrer da pesquisa. Isso porque, ao ser uma investigação a ser realizada de acordo com a metodologia de uma pesquisa participante, como se verá no capítulo específico, permite e prevê modificações em todo o processo, tanto no que se refere às perguntas iniciais, quanto aos objetivos determinados. As referências iniciais do pesquisador, quando discutidas com o grupo envolvido, poderão ser alteradas para dar espaço às intervenções dos demais sujeitos. Portanto, dentro dessa perspectiva, a pesquisa pretende alcançar os seguintes objetivos:

- 1 Caracterizar os principais traços culturais da comunidade de São José do Ausentes, buscando recuperar dentre eles os mais significativos para o aumento da auto-estima e valorização da comunidade.
- 2 Identificar os diferentes atores sociais para, através de suas falas, interpretar os fazeres, interesses e motivações dos segmentos que representam.
- 3 Constituir um modelo local de desenvolvimento sustentado através da participação popular e da gestão coletiva dos bens culturais fundamentado na integração à natureza e no pensamento ecológico.

- 4 Capacitar as pessoas para o manejo e apropriação de meios próprios e autônomos de comunicação interna, a partir das tecnologias digitais, aplicadas à fotografia, rádio comunitária e jornal popular.
- 5 Construir estratégias de sobrevivência que permitam alternativas de futuro mais dignas para o homem, a partir de atitudes de profundo respeito pelas demais espécies de vida no planeta e fundamentadas nos conceitos de qualidade política (definição coletiva de prioridades políticas da comunidade) e de justiça social (cidadania).
- 6 Propor novas diretrizes para a ação acadêmica, ao reunir a extensão, o ensino e a pesquisa na formulação de novos princípios de produção do conhecimento, pautadas nos conceitos de desenvolvimento sustentado, permacultura, complexidade e ecologia social.

2.4 Hipóteses de pesquisa

Para orientar o trabalho, foram definidas quatro hipóteses, uma relacionada à própria comunidade, duas à metodologia escolhida para intervenção acadêmica naquela comunidade e uma sobre os reflexos dos resultados do trabalho junto aos meios de comunicação, a saber:

- 2.4.1** As manifestações culturais da comunidade de São José dos Ausentes/RS se caracterizam mais como elementos de conformismo e sobrevivência do que de confronto e resistência, sendo a cordialidade das relações entre os diferentes grupos sociais uma estratégia que mascara mecanismos latentes ou manifestos de dominação política, social e econômica(CABRAL, 99).

- 2.4.2** As ações decorrentes do planejamento participativo contribuem para a eliminação da exclusão social na medida em que comprometem, motivam e reúnem todos os atores sociais na construção de suas próprias perspectivas de vida.
- 2.4.3** A introdução de um sistema de planejamento participativo, que permite que os diversos segmentos sociais decidam sobre as prioridades da comunidade, contribui significativamente para a recuperação da autoestima dos sujeitos que envolvem.
- 2.4.4** Existe relação entre os objetivos, atividades e resultados obtidos pelo Programa e o modo como são interpretados pelos meios de comunicação.

Foi fácil perceber, desde o primeiro momento, que por trás daquele panorama quase telúrico, havia formas veladas de dominação dos que detém o poder. Camufladas em relações de compadrio e de companheirismo, pareciam esconder-se ao mesmo tempo o interesse dos grupos dominantes lutando pela preservação de seu papel hegemônico sobre os demais grupos, e uma certa subserviência e resignação dos grupos excluídos. Parecia ser necessário que alguma coisa acontecesse para modificar, senão a estrutura, pelo menos a conjuntura, o que se firmava, passo a passo, como sendo o papel destinado a esta tese.

Figura 6

3 O PARADIGMA DA RELIGAÇÃO DO HOMEM À NATUREZA E A ORGANIZAÇÃO DE NOVAS SOCIEDADES HUMANAS

*O universo é regido por leis deterministas? Qual é o papel do nosso tempo?
São perguntas que foram formuladas pelos pré-socráticos
na aurora do pensamento ocidental.
Elas nos acompanham já há dois mil anos.
Hoje, os desenvolvimentos da Física e das Matemáticas
do caos e da instabilidade abrem um novo capítulo nessa história.
Atualmente percebemos esses problemas sob um novo ângulo.
Podemos a partir de agora evitar as contradições do passado
Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de Química*

Uma crise de dimensões incalculáveis caracteriza o mundo nas duas últimas décadas. Trata-se de uma verdadeira revolução que vem afetando todos os aspectos da humanidade, com dimensões morais, intelectuais e espirituais. Dentro dela, pela primeira vez o homem se defronta com a ameaça real de extinção da própria raça humana, bem como de toda a vida no planeta.

Entre os fatores desencadeadores desse processo, cita-se a entrada da humanidade na sociedade do conhecimento, que aos poucos foi substituindo a sociedade industrial, a ponto de hoje ser identificada como sendo a era da informação. Baseada num crescente e vertiginoso processo de informatização, a informação modificou a vida humana em todas as suas formas e manifestações.

O mundo, nesse contexto, passa por um processo de transformações de tal ordem que indica o surgimento de uma nova ordem mundial, baseada em novos valores, modelos e padrões de vida. A mudança é de tal envergadura que exigiu, de acordo com LÉVY (1993),

o surgimento de novas maneiras de pensar, consubstanciadas em novas formas de inteligência.

A crescente internacionalização das economias e o aumento da interdependência dos sistemas políticos em escala global constituem aspectos desse novo cenário. As redes de informações, comunicações, finanças e de mercados assumiram uma esfera globalizada, o que provocou o declínio das fronteiras nacionais e, em decorrência, exigiram que o princípio da soberania das nações e o papel do Estado assumissem novos significados. Todavia, essa mesma sociedade contemporânea, que se constitui sob a base do conhecimento e da comunicação, está, contraditoriamente, afastando o homem da realidade natural, do mundo que o cercava, já que ele pode viver, praticamente, *on-line*:

A relação com a realidade concreta, com seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições é mediada pela imagem virtual que é somente imagem. O pé não sente mais o macio da grama verde. A mão não pega mais um punhado de terra escura. O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano (BOFF, 1999, p.11).

Desse modo, o tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação está ameaçando a própria essência humana, ao deixar de lado o cuidado, a sensibilidade e o enternecimento que a constituem. Por isso, lembra o autor, é necessário que o novo paradigma do cuidado se transforme num princípio inspirador de uma nova perspectiva de vida:

Sonhamos com um mundo ainda por vir, onde não vamos mais precisar de aparelhos eletrônicos com seres virtuais para superar nossa solidão e realizar nossa essência humana de cuidado e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se constituirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos [...] cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra. Sonhamos com o cuidado assumido com o *ethos* fundamental do humano e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação(Op.cit., p.14).

O que a humanidade precisa, portanto, é de um modelo de convivência entre os seres vivos, fundado numa relação mais harmônica e de mais respeito com a Terra. E que, com ele, se inicie um novo pacto social entre os povos, no sentido de respeitar e preservar a vida em todas as suas manifestações. Ou, como insiste SERRES (1990), é necessário que se firme, agora, o contrato natural, já que o contrato social, mesmo que ainda não seja cumprido na prática, já foi suficientemente teorizado divulgado e reconhecido.

Nessa dinâmica, um novo modelo de pensamento está modificando o próprio conhecimento científico, numa escala revolucionária. O paradigma em que se fundamenta a ciência tradicional não consegue dar conta da complexidade do mundo atual. Em decorrência disso, está se firmando aos poucos um novo modelo, que assenta o pensamento em novas bases, a ele vincula novos objetivos, linhas e perspectivas e, assim, aponta rumos diferentes, originais e criativos, para a produção de um outro tipo de conhecimento.

As técnicas, os valores e as práticas compartilhados pela ciência para legitimar suas questões, suas bases e soluções, estão sendo substituídas por uma nova visão, que surgiu para fazer frente à

incapacidade do conhecimento em solucionar os problemas decorrentes da evolução tecnológica, da revolução da informação e, especialmente, da crise ambiental, que cresce a cada momento, decorrente da exploração desenfreada da natureza pelo homem nos últimos trezentos anos. Enquanto a primeira atua sobre a transformação da base produtiva das economias, associada a mudanças da organização do trabalho e da produção, a segunda impõe novos padrões de relacionamento com a natureza e seus recursos. E as duas juntas repercutem significativamente sobre os estilos de vida e de consumo, a ética, a cultura, as dinâmicas políticas e sociais, redimensionando os conceitos de tempo e espaço.

O paradigma que dominou a ciência tradicional nos últimos trezentos anos, dentro do qual se moldou a nossa sociedade ocidental, está em crise, à beira de um salto quântico. Entre os aspectos em mutação, podem ser citados: a visão mecanicista do universo e do próprio corpo humano como um mecanismo, a competição como sendo um dos traços definidores da vida em sociedade, a crença exagerada no progresso material, a substituição do sentido de *ser* pelo de *ter* como bases para a felicidade humana, a exploração da natureza pelo homem como um direito social, e, ainda, a superioridade do homem sobre a mulher.

O modelo mostrou-se equivocado. O progresso científico e econômico não trouxe, como prometera o Iluminismo, a felicidade do homem. A nova perspectiva que está se firmando cada vez mais é a ecológica. Nela, o mundo é visto como um todo integrado. E o próprio significado da realidade, que o racionalismo acreditara ser possível apreender através do processo analítico, esquartejado, compartimentado e disciplinar da ciência clássica, foi drasticamente

redimensionado. Através da substituição de conceitos da lógica tradicional, do determinismo, da racionalidade, por um conhecimento diferente, instigante, nascido a partir da fissura do átomo e da física quântica, se iniciou um processo de desmembramento, de ruptura e de revisão das antigas certezas.

Não se pode porém ignorar que alguns traços formadores da cultura moderna se constituíram ou pelo menos se tornaram mais evidentes dentro da ciência tradicional, com sua base no século XVIII, no Iluminismo. BOSI (1996) ressalta que foi nessa época em que a ciência, a arte e filosofia passaram a ter um caráter ou possibilidade de resistência às pressões estruturais dominantes em cada contexto. E exatamente ao se fundirem as noções de cultura e progresso, naquele século, que se forjou o sentido de “[. . .] cultura como consciência de um presente minado por graves desequilíbrios é o momento que preside à criação de alternativas para um futuro de algum modo novo” (p.17):

As Luzes não se apagaram pelo fato de as terem refletido criticamente o pensamento hegeliano-marxista, a sociologia do conhecimento e uma certa fenomenologia avessa ao racionalismo clássico. E, se me for permitida uma comparação com o que aconteceu com o idealismo neoplatônico no seu encontro com o cristianismo, diria que, assim como o Logos precisou fazer-se carne e habitar entre nós para manifestar-se de modo pleno aos homens, também a razão contemporânea saiu à procura da encarnação e da socialização no desejo de superar o já velho projeto ilustrado, salvando-o do risco de envolver para a filosofia estática da razão[. . .] ou de pôr-se irresponsavelmente a serviço do capitalismo e da máquina burocrática(BOSI, 1996, p.18).

E o autor continua, fazendo uma crítica aos que vêm nas Luzes um momento de antropocentrismo exacerbado, sem limites, egoísta:

No entanto, quando as Luzes se iluminam a si mesmas reconhecendo suas fonte e seus limites, o retorno que podem empreender junto aos homens e às coisas traz o benefício da modéstia que só diz o que sabe e nada promete além do que pode cumprir. A dialética da Ilustração, porque se move e enquanto se move, não se exaure nos efeitos perversos que nela apontam os leitores *apocalípticos* da tecnocracia e da indústria cultural quando se puseram a desmistificar a imagem acrítica do neocapitalismo que os *integrados* não cessam de pintar e difundir. De qualquer modo, a cultura encarnada e socializada tem um papel cada vez mais central a desempenhar na construção de um futuro para as nações pobres. (p.19).

Feita essa configuração, recolocados os efeitos tanto positivos quanto negativos das Luzes, a ciência continuou sua trajetória cada vez mais fundamentada na rigidez do método e no exagero da razão, até chegar um momento de ruptura, representado pelo advento da física quântica, decretando o fim das certezas, a descrença na objetividade, o ressurgimento do sujeito no processo de conhecimento:

Neste fim de século, a questão do futuro da ciência é com freqüência proposta. Creio que estamos apenas no início dessa aventura. Assistimos à emergência de uma ciência que não está mais limitada a situações simplificadoras, idealizadas, mas que nos coloca diante da complexidade do mundo real, de uma ciência que permite à criatividade humana viver como expressão singular de um traço fundamental de todos os níveis da natureza (PRIGOGINE,, 1996,p.12).

Conceitos revolucionários como o indeterminismo, a complexidade e o relativismo foram inseridos dentro do próprio conhecimento e não em sua oposição. A realidade passa a ser interpretada como uma grande teia, onde cada elemento interfere nos demais, onde cada fio, onde cada manifestação vincula-se, modifica-se, influencia e é influenciada pelo todo.

Nessa nova maneira de pensar, o antropocentrismo que caracterizava a visão de mundo das luzes, em que os homens eram considerados superiores às demais manifestações de vida, acima e senhores da natureza, foi cedendo lugar a uma nova perspectiva em que, ao invés de separar os seres humanos do ambiente natural, considera a vida, sob qualquer de suas manifestações no planeta, como um sistema integrado, qual uma teia ou uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes. Trata-se do pensamento ecológico que, surgindo a partir da preocupação com os ecossistemas naturais, foi expandindo o seu raio de ação, até envolver os agrupamentos humanos em sua interação com os demais organismos vivos.

A ecologia [termo que etimologicamente tem sua origem no grego *ekos*, (=casa), ao qual foi agregado o sufixo *logos* (=tratado)] foi a resposta que o próprio homem encontrou para tentar reverter o quadro de destruição e reducionismo a que a natureza foi submetida em decorrência de um processo desenfreado de dominação dos recursos naturais em nome do lucro, do poder, do egocentrismo.

O século XX demonstrou que era necessário *cuidar da casa*. E aquele sentido de posse e de supremacia antropocêntrica sobre a natureza, foi sendo substituído por uma nova forma de interação, em que o homem e a natureza são diferentes, mas igualmente importantes manifestações da própria vida.

Dentro desse novo modo de pensar a vida, o solo, ar, água, flora, fauna e o homem, se entranham, se misturam, se emaranham umbilicalmente. Trata-se de uma união profunda, baseada na interdependência entre cada uma das partes, num processo sistêmico

onde o todo sente os reflexos de cada parte: se uma delas é agredida, todas as demais sofrem; se ela se recupera, as demais também o fazem. E assim, na tentativa de reverter os desastres e crimes ambientais cometidos em nome do progresso e da felicidade humanas, recupera-se o próprio sentido da vida. Esse novo espaço antropológico em que a cooperação torne ainda possível um futuro para o planeta, é o ecológico.

A crença numa cultura ecológica pressupõe uma religação entre o homem e a natureza. *Re-ligar*, re-unir aquilo que foi rompido, separado:

As convergências a serem construídas devem concernir a restauração do sagrado de todas as coisas, o resgate da dignidade da Terra, a redescoberta da missão do ser humano, homem e mulher, chamado à celebração do mistério do cosmos e, finalmente, o encontro com Deus, mistério de comunhão e de vida, no próprio processo de cosmogênese. (BOFF, 1996, p.13).

Em termos operacionais, falar numa cultura ecológica significa construir e alimentar comunidades sustentáveis, que possam satisfazer as necessidades e aspirações atuais, sem diminuir as chances das futuras gerações. É importante que se aprendam e se apliquem os princípios ecológicos para revitalizar as instituições sociais, incluindo-se aí a educação, a economia e a política. Em conseqüência, a perspectiva da ecologia passa a ser identificada, também, como sendo a base da vida em sociedade. É urgente, pois, que o combate insistente do homem contra a natureza seja substituído por uma nova forma de diálogo ente ambos, o que, de acordo com o mito do eterno retorno, proposto por DE CERTEAU (1995), se trata de mais uma resposta que o próprio homem encontrou para redimir-se, em busca da felicidade.

SERRES (1990) lembra que a sociedade científica, fundada por Galileu, assumiu para si mesma o direito à propriedade da natureza, estabelecendo-se em torno desse direito as raízes da sociedade moderna constituindo-se assim um novo contrato social. A partir daí, a natureza torna-se um espaço de domínio da ciência, mas sem espaço para que ela própria seja ouvida:

A natureza permanece fora do coletivo e é por isso que o estado de natureza permanece incompreensível na linguagem inventada na e pela sociedade ou que inventou o homem social. A ciência promulga certas leis sem sujeito neste mundo sem homens: as suas leis diferem das leis do direito. As ciências experimentais tornam-se dominadoras desse espaço vazio, desértico e selvagem, acerca do qual os filósofos pensaram que se existisse, comportaria a condição, a fonte, o fundamento, a história, gênese, a genealogia de todo o direito e até mesmo o seu múltiplo desdobramento em diversas instâncias, respondendo à questão indefinida: com que direito?[...]. Resultado do processo de Galileu: a razão sem sujeito, objetiva, impõe-se a que um sujeito pode dizer, ela decide, pois, sem que nenhum de nós, o leitor ou eu, tenha de fazer ou dizer seja o que for (SERRES, 1990, p.33-34).

Esse estado de coisas só vai se redefinir no momento em que a natureza se revolta desse jugo, cada vez mais insustentável, e quando a ciência se mostra incompetente para solucionar o desequilíbrio que o conhecimento científico, na forma de tecnologias aplicadas para a exploração dos recursos naturais, provocou entre o mundo social e o natural.

É importante lembrar, como mostra MATURANA (1998), que todos os sistemas vivos possuem basicamente os mesmos princípios de organização. Tanto as comunidades ecológicas como as humanas são *autopoiéticas*, ou seja possuem padrões internos que permitem a sua permanência, como uma espécie de memória genética que passa de geração para geração, mantendo viva a estrutura, o funcionamento e a própria vida do sistema. Mas, além disso, permanecem abertos a fluxos

de energia e recursos externos. Suas estruturas são determinadas por suas histórias de mudanças estruturais. E, acima de tudo, são inteligentes, em função da dimensão cognitiva que possuem, inerentes ao processo da vida.

É evidente que há diferenças fundamentais entre os ecossistemas e as comunidades humanas. Entre elas, há o fato de que os ecossistemas não possuem a autoconsciência, nem a linguagem, nem cultura, fenômenos próprios e exclusivos das comunidades humanas. Do mesmo modo, eles não possuem nem justiça, nem democracia, e nem egoísmo. Mas, podemos aprender com eles como sobreviver e viver em sustentabilidade. Deles, podemos extrair alguns princípios que podem servir de guias para manter vivas as comunidades humanas: a *interdependência*, a *natureza cíclica dos processos ecológicos* e, finalmente, o princípio da *cooperação*.

O primeiro desses princípios, pressupõe a dependência mútua entre todos os processos vivos. Compreender essa interdependência ecológica significa compreender relacionamentos. Das partes ao todo, dos objetos aos relacionamentos, dos conteúdos aos padrões. Uma sociedade humana auto-sustentada é consciente dos múltiplos relacionamentos entre seus membros.

O segundo refere-se à natureza cíclica dos processos ecológicos, o que supõe que todos os componentes são continuamente reciclados. O reaproveitamento de dejetos converte-se em alimento para outras espécies. Comunidades de organismos se desenvolvem continuamente, usando e reciclando as mesmas moléculas de minerais, água e ar, imitando-se os processos cíclicos da natureza através da

criação de comunidades auto-sustentadas. E, para poder alcançar esse novo padrão de conhecimento, torna-se essencial que os negócios econômicos tradicionais sejam redesenhados.

Finalmente o terceiro se constitui no princípio da cooperação, que é a base fundamental de toda a comunidade auto-sustentada. Os ciclos cambiantes de energia e os recursos de um ecossistema são sustentados por uma permanente cooperação.

A associação, nas comunidades humanas, significa democracia e participação de todos os sujeitos na construção coletiva. Cada participante compreende e aceita a necessidade do outro, e cada um tem um papel importante no processo da vida. Enquanto a economia enfatiza a competição, a expansão e a dominação, a ecologia enfatiza a cooperação, a conservação e a associação.

Portanto, o modelo da religação do homem à natureza se constitui numa reflexão surgida no meio científico para resgatar as relações entre todas os sistemas de vida do planeta num modo mais harmônico, baseadas na cooperação em lugar da competição, na procura de alternativas não impactantes para suprir as necessidades humanas e, finalmente em novas oportunidades para o futuro, mais otimistas, tanto para o homem quanto para a natureza:

Essa aliança é eterna. Ela se atualiza especialmente em momentos de crise como o nosso. Ela funda a esperança de que o futuro comum não se construirá sobre as ruínas do planeta e da humanidade. Assim como do caos originário surgiu a cosmogênese, a litosfera, a hidrosfera, a atmosfera, a biosfera e a antroposfera, surgirá também a noosfera – a comunhão das mentes e dos corações – num centro de vida, de solidariedade e de amorização comum. Tudo apontará para a teosfera final, onde tudo estará em Deus e Deus em tudo. Eis a verdade do panteísmo(BOFF, 1996, p.12).

A nova proposta, da reintegração entre o sagrado e o profano, entre o espírito e o corpo, entre o céu, o homem e a terra, traz consigo uma nova concepção de religião, que, numa dimensão universal, busca fazer convergirem em torno de um elo comum todas as diversidades espirituais existentes no mundo. Assim, as múltiplas manifestações religiosas passam a ser consideradas apenas formas diferentes de crença num só princípio de espiritualidade, que é o da valorização do sentido da vida.

Desse modo, essa preocupação em integrar o homem ao ambiente se alastrou dentro do mundo científico e fora dele. O seu crescimento e sua expansão foram tão grandes que hoje a preocupação ecológica se transformou numa questão cultural, fazendo parte da problemática discutida pelos mais variados setores, instituições, atividades, sociedades, grupos e pessoas que compartilham dessa nova visão. Portanto, a ecologia passou a fazer parte da problemática que envolve a construção de um projeto de ação cultural que queira se afirmar como responsável pelo futuro do homem e do planeta. E, como se verá no capítulo seguinte, veio a se constituir num novo paradigma da ciência contemporânea.

Figura 7

4 A PREOCUPAÇÃO ECOLÓGICA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

*Emoção: o que faz mover.
Como nos moveremos no dia em que já não nos apoiarmos nela?
Como tê-la nos nossos braços sem
ter os pés apoiados no seu esteio?
Como aparelharmo-nos dela sem a ter?
Portanto, como nos comoveremos?
Aqueles que perderem a Terra jamais saberão chorar
Michel Serres*

Hoje, os ideais de justiça, igualdade e fraternidade, afirmados como sendo os direitos fundamentais do homem há quase trezentos anos, atingiram uma abrangência planetária. Tratam-se de princípios que unem diferentes pessoas, grupos e intelectuais preocupados com a busca de uma nova visão antropológica. Algo novo, que seja capaz de alterar percepções, valores, e maneiras de pensar do homem em relação aos seus semelhantes e à própria vida. Pessoas que, irmanadas no alcance de novas metas que, mesmo utópicas, dêem conta da possibilidade de ampliar a liberdade de opinião, de concretizar os princípios da justiça social e, finalmente, de tornar viáveis os sentidos de igualdade e fraternidade entre os povos. Enfim, esses conceitos são as bases que movem a luta daquelas pessoas que acreditam na possibilidade de tornar os direitos humanos uma prática universal.

Uma das bases em que se assenta essa nova visão de humanismo é o *princípio da complexidade*, proposto por MORIN (1998; 2000). A complexidade é uma forma de pensar que investe na razão

aberta e na diversidade de idéias, na sua polifonia. Ela instaura a síntese em lugar da análise, a cooperação em lugar da competição, a sabedoria intuitiva em lugar do conhecimento racionalizante, a conservação em lugar da expansão e o indeterminado em lugar do determinado e do causal. Acreditar na complexidade envolve uma atitude de oposição ao conhecimento tradicional, criando espaço para novas organizações, saberes, alternativas, que sejam capazes de recuperar a multiplicidade e a unidade do sujeito, do *Homo sapiens demens*.

CARVALHO (1998, p.12) afirma que, para concretizá-la, é fundamental a construção de uma nova ética para o futuro, que reúna aqueles que acreditam na utopia de um mundo menos antropocêntrico, mais fraterno e solidário. Para que isso ocorra, é necessária a crença numa nova forma de conhecer, em que “[.. .] a fabricação do real teria que se pautar pela combinação do intelecto e da emoção, da beleza e da verdade, do necessário e do contingente, da harmonia e do caos”. Trata-se da perspectiva transdisciplinar que, rompendo com as amarras da separação do conhecimento em campos distintos, com a disjunção entre ciência, arte, técnica e fé, as envolva num novo todo, complexo, integrado, solidário, cooperativo e igualitário.

Até agora, porém, o princípio da complexidade se mantém restrito apenas a uma parcela dos intelectuais do País. A grande maioria ainda mantém muitas reservas a seu respeito e à própria eficácia desse conceito. Lembra o autor que, se ao contrário, essa visão de mundo já tivesse se infiltrado dentro da universidade a tal ponto que pudesse ter “contaminado” a ciência, várias problemas ainda não resolvidos, restritos a análises compartimentadas, já teriam não só uma, mas várias soluções ou, pelo menos, perspectivas de respostas.

Longe disso, o conhecimento se mantém ainda muito distante desse rumo, envolvido em diferentes disputas pelo poder, vigilância e narcisismo. Mesmo assim, já existem dissidentes, “[. . .] alguns já desterritorializados, que abdicaram de sua competência disciplinar, para transmitir a alunos, amigos e amantes uma forma mais dionisiaca de se entender a natureza e a cultura [. . .] (Op.cit., p.13). E esse grupo de inconformados está crescendo na proporção direta de que a visão fragmentária do conhecimento não dá mais conta da realidade do mundo contemporâneo.

Acreditar no princípio da complexidade, lembra o autor, é aceitar como verdade que os limites tradicionais da ciência podem ser ultrapassados, ampliados, expandidos, através da eliminação da racionalidade excessiva, da obsessiva busca de predição e do rígido controle do método característicos do conhecimento científico tradicional. Significa estar aberto para novos tipos de conhecimento e maneiras originais de produzi-lo. Pressupõe compartilhar informações, aceitar saberes não-convencionais, discutir novas possibilidades e metodologias de investigar a realidade, revisar a tendência comum à generalização de respostas, e, finalmente, considerar válidas os recortes e as reconfigurações locais.

Com o conceito da complexidade, MORIN (1998; 2000a; 2000b; 2001a; 2001b) oferece um elo fundamental para a construção de um novo tipo de ciência, mais adequado à realidade do terceiro milênio, com suas contradições, paradoxos e reviravoltas. Diante da crise da explicação científica clássica e tradicional, esse princípio entende não como opostos, mas complementares, os conceitos de ordem e caos e de

organização e desorganização. Indo de encontro à ciência tradicional, que os vê como opostos, o princípio da complexidade redimensiona o seu significado, de modo que, ao invés de contrários, ambos os conceitos passam a ser considerados tão somente dimensões diferentes da mesma realidade. Nessa linha, é necessária a inserção, interpretação e síntese dos dois lados, para que se possa analisar um fenômeno que represente um recorte do real, seja ele referente a aspectos físicos, biológicos ou humanos.

A visão complexa integra todas as dimensões que definem o humano, sejam elas de caráter físico, biológico, espiritual, cultural, sociológico ou histórico. O sujeito não precisa mais ser dividido, esmiuçado, separado, partido, como o faz a ciência tradicional que, na tentativa de compreender o homem dissecando-o, o que conseguiu na realidade foi apenas eliminar da vida os princípios de integração, de unidade e de consonância que caracterizam a humanidade. Ao contrário, a complexidade o vê como um todo, integrado em si mesmo, entre coração e mente, razão e emoção, físico e espiritual e com as demais formas de vida do universo.

Um segundo fio condutor desse novo tipo de ciência emergente se constitui na interdisciplinaridade. Trata-se de um conceito que estabelece novos tipos de relações entre os sujeitos e objetos, a partir de um encadeamento entre todas as ciências de forma integrada, livre da compartimentação disciplinar, da divisão entre campos isolados e da hierarquização de umas às outras. Acreditar nele significa aceitar que o conhecimento científico pode seguir rumos alternativos, gerar novas abordagens e lançar diferentes olhares sobre a realidade. Indo além da multidisciplinaridade, que é o tratamento de um mesmo objeto

sob a ótica de diferentes campos do conhecimento, a interdisciplinaridade aceita que um mesmo contexto seja objeto de um olhar mais amplo, que envolve diferentes ramos do conhecimento numa nova perspectiva de análise.

E, agregado aos dois primeiros, está se firmando aos poucos no meio científico o princípio da transdisciplinaridade, uma das bases do paradigma emergente que surgiu em decorrência da interdisciplinaridade. Para defini-lo, NISCOLESCU (2001) parte de uma crítica tanto à multidisciplinaridade quanto à interdisciplinaridade, que o autor considera como abordagens necessárias, mas não suficientes, para abarcar o conhecimento.

A primeira, por ter uma abrangência muito restrita, já que se refere ao estudo do objeto de uma única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. Com isso, mesmo que traga algo a mais à disciplina em questão, continua a servir apenas dessa mesma disciplina. Embora a abordagem multidisciplinar ultrapasse o alcance de uma dimensão de campo isolado, a sua finalidade continua restrita à estrutura da pesquisa disciplinar.

A *interdisciplinaridade* já representa um novo caminho, ao propor a transferência de métodos de uma disciplina para outras. Mas, como a anterior, a sua finalidade continua restrita à pesquisa disciplinar. Desse modo, mesmo que amplie o raio de ação da *multidisciplinaridade*, a interdisciplinaridade é insuficiente para propor novas linhas de análise. Então, para tentar suprir essa lacuna, o autor sugere que se utilize o conceito de *transdisciplinaridade*, que, como o prefixo *trans* indica:

[. . .] diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 2000, p. 13) .

Do ponto de vista da ciência clássica, não pode haver coisa alguma entre, através ou além das disciplinas. Em decorrência, a transdisciplinaridade é vista como um absurdo entre os cientistas mais tradicionais. Já na sua própria perspectiva, ao contrário, o pensamento clássico não é absurdo; apenas possui um campo de aplicação restrito:

A lógica binária clássica confere seus títulos de nobreza a uma disciplina científica ou não científica . Graças as suas normas de verdade, uma disciplina pode pretender esgotar inteiramente o campo que lhe é próprio. Se esta disciplina for considerada fundamental, como a pedra de toque de todas as outras disciplinas, este campo alarga-se implicitamente a todo conhecimento humano. Na visão clássica do mundo, a articulação das disciplinas era considerada piramidal, sendo a base da pirâmide representada pela física. A complexidade pulveriza literalmente esta pirâmide, provocando um verdadeiro *big-bang* disciplinar (NICOLESCU, 2001, p.23).

Neste trabalho, a abordagem se fez interdisciplinar, tendo como um horizonte utópico a transdisciplinaridade. Definido assim o rumo do caminho, restava optar pelas formas de construí-lo. A resposta, nesse sentido, foi encontrada nos conceitos de desenvolvimento sustentado, permacultura e ecologia social. Através dele, constituiu-se um elo de ligação entre os diferentes campos científicos que, inicialmente tomados de modo isolado, viriam a se juntar, mesclar e truncar a tal ponto que passariam a se constituir na urdidura da trama complexa, proposta por Edgar Morin.

Esses conceitos são fundamentais, uma vez que representam possibilidades de respostas à crise que a humanidade

enfrenta hoje. Apresentam-se como alternativas viáveis para atender, superar, solucionar ou equacionar a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência da vida no planeta, coisa que o desenvolvimento científico e tecnológico se mostrou incapaz de fazer, pelo menos por enquanto.

Nesse panorama vem surgindo uma nova ordem que, baseada em valores, modelos e padrões sociais mais solidários, acredita poder superar a contraditória realidade atual, em que convivem, lado a lado, tecnologias sofisticadas, frutos de um avanço científico extraordinário, com as mais cruéis, degradantes e paradoxais condições de sobrevivência da espécie humana. E, coadjuvante desse mesmo quadro, ocorre um progressivo e cada vez mais rápido processo de destruição da natureza pela ação do homem, da ciência, da tecnologia. A sobrevivência da vida do próprio planeta corre um sério perigo.

Se o progresso, bandeira de luta da modernidade, não conseguiu, nem de longe, resolver os problemas sociais mais graves, como a fome e a miséria da maior parcela da população do planeta, novas alternativas continuam sendo perseguidas. Padrões, modelos, atividades alternativas vêm sendo construídos tanto pela ciência como pela própria sociedade, para atingir um novo patamar humanitário. Proliferam reflexões em torno de sistemas, técnicas, modos de organização da produção e do trabalho, voltadas à criação de novos tipos de relacionamento entre o homem, a sociedade e a natureza.

Dentro desse cenário, uma alternativa sólida que vem se firmando é a do desenvolvimento sustentável, ou sustentado. Proposto pela AGENDA 21 (1992), se constitui numa estratégia de atendimento das

necessidades humanas atuais de forma tão racional e harmônica que não comprometa o futuro das próximas gerações. Nesse processo, variáveis sociais, econômicas, político-institucionais, tecnológicas e ambientais são analisadas de maneira complexa, imbricada, uma vez que o princípio da harmonia entre o homem e a natureza vem sendo reconhecido como o único caminho viável para a sobrevivência do planeta. Trata-se da busca de saídas que se acredita ainda possíveis “para não apagar o futuro”⁴. Ou, no mínimo, para sustar o impacto ambiental que o planeta sofreu até agora.

O modelo de transformação social, nesse processo, tem como base ético-ecológica a crença de que a harmonia entre o desenvolvimento social e o ambiente natural é imprescindível para o futuro do homem e do planeta. Esta, por sua vez, é uma das premissas em que se fundamenta a Permacultura, que é um outro conceito-chave desta tese.

O termo, que significa *permanente cultura*, foi proposto por MOLLISON (1979). Ao formular esse conceito, o autor acabou se colocando em posição diametralmente oposta àquela em que se baseia a Teoria da Evolução das Espécies, de Charles Darwin, que explica a evolução a partir da sobrevivência dos mais aptos. Para Mollison, ao contrário, a vida no planeta se desenvolve através da cooperação, e não da competição, já que, como demonstrou, 80% das relações entre os seres vivos são do tipo cooperativo, enquanto apenas 20% são do tipo competitivo. Portanto, segundo ele as espécies que conseguiram sobreviver não foram necessariamente as mais aptas, e sim aquelas que aprenderam a cooperar. Em consequência, o princípio da cooperação,

⁴ Slogan de uma das chapas que concorreu à diretoria do ANDES – Sindicato Nacional dos Professores, 2002.

com as dimensões de solidariedade, de colaboração, de complexidade, de interação que pressupõe dentro de si, se converte na maneira indispensável para a manutenção da vida no planeta, sob todas as formas e em todas as espécies.

A Permacultura é um tipo de engenharia de ecossistemas, que utiliza elementos da ecologia na produção de tecnologia aplicada à busca de melhor qualidade de sobrevivência, tanto para o homem quanto das demais manifestações de vida do planeta. Ela propõe que sejam criados mecanismos que possibilitem a sobrevivência humana cooperando com a natureza, em lugar de lutar contra ela e prevê a busca de alternativas não-convencionais de habitação, saúde, alimentação, energia, etc., que tornem viável a criação de *habitats* humanos em harmonia com o meio ambiente.⁵

Assim, a Permacultura se constituiu em mais um dos suportes teóricos desta tese, que tem como meta a construção de um modelo de desenvolvimento sustentado para São José dos Ausentes. A sua contribuição foi fundamental, ao por indicar alternativas para a sobrevivência da vida humana com mais qualidade e em sintonia, sincronia e harmonia com as demais espécies de vida do planeta.

É sabido o quanto essa nova perspectiva é importante para *não apagar o futuro*. Já se discutiu suficientemente o quanto a sobrevivência do homem nos últimos cem ou duzentos anos tem sido relacionada à sua capacidade de exploração dos recursos naturais, bem

⁵ Atualmente, existem ONGs no mundo todo voltadas à produção de alternativas permaculturais, como: alimentação alternativa, habitações auto-sustentáveis, reutilização da água, compostagem do lixo orgânico, fontes alternativas de energia, entre outros. Em Porto Alegre, destaca-se a ação da Fundação GAYA, criada por José Lutemberger, que reúne mais de trezentos membros, incluindo especialistas em diferentes áreas do conhecimento, artistas e interessados em geral, preocupados com a causa ecológica e, conseqüentemente, com a permacultura.

como o papel destacado que a ciência e a tecnologia no final do século XX exerceram no sentido de fazer esse processo de dominação da natureza crescer exponencialmente. E, ainda, quanto a geração de novos conhecimentos científicos e a conseqüente aceleração do uso de tecnologias mais avançadas, contribuíram para acelerar os danos à natureza, tornando-os planetários.

O solo, o ar, as águas, o clima, a flora, a fauna e a própria qualidade de vida humana estão comprometidas. Para sustar o processo, é necessário que o modelo atual de desenvolvimento seja trocado por um novo, que, ao substituir a visão instrumental, mecanicista e fragmentária da sociedade por uma nova maneira de olhar, fundada em novas relações, mais solidárias e cooperativas, estabeleça novos vínculos entre o ser humano e a natureza

Para reverter esse quadro, BOFF (1994; 1996; 1999) sugere a *Ecologia Social*, a ser agregada e somando esforços com as perspectivas do desenvolvimento sustentado e da permacultura. Trata-se de uma ampliação do conceito que o autor faz, de modo a abarcar não só os problemas da natureza, mas também da própria sociedade. Com isso, ele propõe que a análise dos sistemas sociais, com seus problemas e perspectivas, seja feita em interação direta e permanente com os ecossistemas. Em decorrência, as formas de organização da sociedade e as maneiras do homem se relacionar com a natureza devem ser repensadas: a recuperação do valor da terra e do respeito à natureza, através de seus ciclos naturais e aos tempos ecológicos, é que darão sentido e constituirão as perspectivas dessa nova sociedade.

MATURANA (1998), por sua vez, oferece uma contribuição ímpar para a construção desse novo modelo de desenvolvimento social, ao lançar o conceito de *Biologia do Conhecimento*, que mostra existir uma total interação entre as dimensões biológicas e sócio-culturais da natureza, da sociedade e do homem. Ao contrário do pensamento científico ocidental, que compartimentou as três em campos separados, a *Biologia do Conhecimento* propõe um novo modelo de abordagem dos fenômenos estudados, num olhar integrado, associado e interdisciplinar entre todas as áreas, facetas, linhas que constituem o intrincado sistema de relacionamento entre o homem, a sociedade e a natureza.

A análise fragmentada de problemas humanos baseada no dualismo corpo/mente; espírito/matéria; natureza /história; indivíduo / sociedade, torna-se, a partir daquele conceito, imprópria e indevida. Isso porque, ao contrário, o que caracteriza o humano é exatamente o entrelaçamento entre indivíduo e sociedade, natureza e cultura, razão e emoção, objetividade e subjetividade. E, em franca oposição com o pensamento científico tradicional, a *Biologia do Conhecimento* destina um espaço próprio para as emoções, já que um dos traços que definem o ser humano é o encadeamento entre o racional e o emocional.

Dessa maneira, o conhecimento clássico, fundado apenas na razão, com sua objetividade, linearidade e materialidade, dá margem e abre espaço para um novo tipo de conhecimento, onde se contemplam todas as dimensões humanas, da mais racional objetividade à mais profunda e particular subjetividade, que coexistem de forma harmônica e integrada.

Os conceitos de desenvolvimento sustentado, permacultura, ecologia social e biologia do conhecimento sintetizam os quatro pilares em torno dos quais se construiu esta tese. Na realização de todas as etapas da pesquisa, houve uma preocupação permanente em que tais marcos fossem sistematicamente divulgados, discutidos e interpretados por todos os sujeitos envolvidos na investigação, tanto aqueles da universidade, quanto os da comunidade local.

4.1 Pobreza, Ignorância e Ação Humanitária na Sociedade do Conhecimento

*Não só os pobres e oprimidos devem se libertar.
Hoje todos os seres humanos devem ser libertados.
Todos somos reféns de um paradigma que os coloca,
contra o sentido do universo, sobre as coisas
ao invés de estar com elas na grande comunidade cósmica*
Leonardo Boff

O ingresso na sociedade do conhecimento coincide com um período de liberação econômica que, na maioria dos países, vem acentuando a desigualdade e a exclusão social. Ao mesmo tempo em que ocorre uma complexa flexibilização do trabalho, ao lado de um acelerado crescimento do desemprego, vêm ganhando corpo as mais diferentes manifestações de ação humanitária.

Nos países pobres, a ajuda humanitária cresceu e se desenvolveu junto com as guerras, concomitante às epidemias e à fome. Embora seja um mecanismo impotente para superar a pobreza, a ação humanitária, sustentada por contribuições e trabalho voluntários, é necessária e eficiente em situações onde a reinclusão dos excluídos na sociedade parece impossível. Todavia, hoje se pode e deve fazer mais

do que ajudar aqueles que foram esmagados pela nova ordem econômica mundial.

Trata-se da etapa final de uma época dominada pelo neoliberalismo. E, como lembra TOURAINE (1998), no caso dele continuar eliminando os privilégios e oferecendo proteção a certas categorias, as exigências de participação social das categorias excluídas fatalmente serão intensificadas. As formas vigentes de solidariedade estão se tornando cada vez mais difíceis de ser mantidas pelos países ricos, e estão afetando diretamente a competitividade entre os países, o que, na visão neoliberal, se constitui num dramático quadro de crise.

Dentro desse panorama, um fenômeno social novo vem ocorrendo em especial nas grandes cidades. Trata-se da *exclusão social*, termo que nomeia o contingente de pessoas que sobrevivem à margem do crescimento econômico, sem chances de inserção na sociedade dentro do modelo econômico vigente. Originada da mundialização da economia e impulsionada pela supremacia do capital financeiro (globalização financeira) e pelas transformações tecnológicas na indústria e nos serviços, em especial nas telecomunicações, a exclusão social é uma vergonhosa, triste e cruel prova de que os princípios de igualdade e de fraternidade ainda permanecem no campo dos ideais inatingíveis, utópicos. O progresso ainda não foi capaz de concretizá-los na vida cotidiana.

Durante a Revolução Industrial a exclusão social de homens e mulheres se dava de forma residual, em decorrência do crescimento do consumo de massas e pelo avanço da social-democracia. Hoje ela se instalou dentro da sociedade de modo

assustador, a ponto de já ter assumido um caráter absoluto, ao se transformar num intenso e progressivo processo de pauperização de grandes parcelas da população, numa escala global, planetária.

Ao seu lado, se desorganizaram os padrões antigos de convívio social e aumentou num escala sem limites a violação dos direitos humanos mais fundamentais. A violência, a instabilidade e a criminalização da política avançam dia a dia, momento a momento.

A globalização da economia, por seu lado, vem aguçando cada vez mais os problemas sociais, ao fazer com que questões locais se tornem globais e problemas globais se localizem.

Há um movimento contínuo rumo à exclusão, que altera a vida das pessoas, interfere no seu cotidiano e nos seus modos de vida, praticamente sem controle. Do mesmo modo, também os problemas importantes das cidades tornam-se mundiais e, em consequência, não podem mais ser tratados como questões particulares, fragmentárias, porque sua repercussão se dá sempre numa dimensão mundial:

Os governos devem agora pensar nas suas questões locais como questões de seu país e do mundo. Isso para poder interferir sobre eles sem demagogias e sem fanfarronices. No âmbito de um governo local, por exemplo, todas as políticas, por mais complexas e exigentes que sejam devem estar voltadas para o combate à exclusão social e para a melhoria da qualidade de vida da população. Mas isso só pode ser feito ao se compreender que a cidade é uma cidade do mundo. E a ele, mundo, o governo deve se reportar para que a cidade cresça e se desenvolva. Obras como saneamento básico, a urbanização, a pavimentação das ruas, iluminação pública e obras voltadas para a saúde e a educação das classes populares são fundamentais incontornáveis dessas políticas. Mas elas, para vingarem, devem ser articuladas para que a cidade tome decisões que gerem coesão social com a participação da cidadania (GENRO, 2000, p.3).

Nesse contexto, a expansão de formas de democracia participativa vem se firmando como uma alternativa de gestão pública que tenta equacionar o problema da exclusão social, como um mecanismo de participação popular através das quais as comunidades atuam no controle público do Estado e do governo, de baixo para cima. Acredita-se que, assim, poderão ser criadas novas perspectivas de vida pública.

Com a democracia participativa, a vida das pessoas poderá melhorar, uma vez que os sujeitos podem decidir quais as alternativas o poder público deverá executar, a fim de qualificar as condições de vida atual e também deixar alternativas para as futuras gerações. Entre os modelos postos em prática, cita-se o Orçamento Participativo, experiência implantada em 1996 em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul em 1999⁶. Através dele, as próprias comunidades assumem as decisões acerca das políticas públicas das cidades, invertendo o papel dos líderes políticos tradicionais, que até então tomavam para si tais definições.

Dentro da realidade do mundo globalizado, estão sendo criadas novas formas para combater a exclusão. Entre os pensadores que se preocupam com o problema, DEMO (1983;1986;1997;2000) é incisivo ao afirmar que, na sociedade do conhecimento, o combate à pobreza deve incluir, em primeiro lugar, o combate à *pobreza política*, muito mais forte do que a *pobreza natural*, já que o seu centro é fenômeno de exclusão social, e não apenas de carência.

⁶ Sobre os resultados da implantação do Orçamento Participativo, ver FEDOZZI (1999;2000).

Em termos sociais, o problema mais grave é o da ignorância, enquanto falta de consciência crítica, pela ausência de capacidade de conceber e articular um processo histórico próprio, deixando-se utilizar como massa de manobra ou objeto de manipulação. Uma política social do conhecimento, nessa linha, volta-se para esse desafio, procurando recolocar no horizonte o compromisso com a emancipação e a cidadania organizada. Cidadania, nesse sentido, é entendida como muito maior do que assistência social, por mais importante que possa ser a cooperação com fins humanitários. Ser cidadão não é ser beneficiário da proteção estatal:

Se ignorância é o problema social mais devastador, seu enfrentamento não se dará sobretudo pelo acesso a benefícios, mas pela capacidade individual e sobretudo coletiva de fazer e fazer-se oportunidade, ou de se emancipar (DEMO, 2000, p.23).

Há uma grande distância entre solidariedade e ação humanitária.⁷ Enquanto esta última busca ajudar os excluídos e os pobres a sobreviver, a primeira busca reintroduzi-los na sociedade, seja nos limites da lei, seja através do amparo direto às famílias. Embora ações humanitárias sejam necessárias para reduzir as questões sociais mais contundentes, elas não são suficientes para a inclusão social. A ação cultural, nessa perspectiva, deve superar a dimensão humanitária, para atingir um patamar solidário e de justiça social, ou seja, que colabore como uma estratégia eficaz de inclusão social dos sujeitos envolvidos.

4.2 A Universidade e o Intelectual numa Sociedade de Desiguais: a Redefinição de Papéis

Além das pressões do paradigma ecológico sobre a produção do conhecimento, outro desafio que a universidade deve

enfrentar no mundo de hoje refere-se ao papel e às funções que pode exercer dentro da sociedade atual, que, como se analisou acima, se caracteriza por uma significativa desigualdade de oportunidades para diferentes grupos sociais, divididos entre as categorias de inclusão e exclusão.

De acordo com GRAMSCI (1978), o intelectual, ao se colocar a serviço de uma ideologia em prol dos não-privilegiados, assume um caráter orgânico. Isso se dá na medida em que ele contribui para a tomada de consciência da massa, ao orientá-la no sentido de que ela possa assumir uma função dirigente, organizativa e educativa, semelhante ao que ele próprio faz, enquanto intelectual.

Não se trata esse de um processo simples. Na prática, a presença do intelectual entre grupos populares pode ser, em verdade, uma camuflada estratégia de populismo cultural. Mesmo em práticas políticas e culturais que se afirmam como libertadoras e democráticas, há o permanente risco da constituição de vertentes populistas, que, na realidade, se identificam como formas indiretas e veladas de autoritarismo, ainda que involuntárias.

Isso se verifica, lembra CHAÚÍ (1996), ao se considerar a *priori* a cultura da classe dominante como elitista e privilegiada e a cultura popular como sendo a única autêntica e verdadeira. O populismo aparece e instala-se, diretamente, objetivamente, ao se afirmar que a cultura popular, apesar de tão importante e representativa, é primitiva, tosca, inconsciente, a ponto de exigir que uma vanguarda esclarecida reúna os elementos que a constituem, reflita sobre eles e os

⁷ TOURAINE (1998) faz uma excelente análise comparando a abrangência e o alcance dos dois termos.

devolva, de forma “conscientizada”, para o povo. Trata-se da mesma visão que o populista cultural acredita estar combatendo:

Se a elite dominante faz das produções culturais populares [. . .] um resíduo folclórico para museus, divertimentos do “letrados”, festivais, por sua vez o populista só consegue admitir a produção cultural popular se puder “melhorá-la” (CHAUI, 1996, p.28).

Desse modo, o populismo cultural é uma forma mascarada de autoritarismo, que pode levar a uma descrição incompleta, vazia e sem nexos da cultura popular. Isso ocorre ainda mais fortemente caso o populismo se aliar à folclorização da cultura, que ocorre quando ela é desvinculada dos sujeitos em seus fazeres cotidianos, a partir de olhares de fora do contexto onde as ações acontecem. Em consequência, o popular é visto como algo morto, vazio de significações, passado. E a cultura, que significa vida, trabalho, emoção, é reduzida, minimizada, recalcada a tédio, vazio e morte.

BOSI (Ecléa, 1988), ao deter-se na análise dos problemas ligados à cultura das classes pobres, mostra que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência dessas classes. A autora mostra que a própria fala popular, quando passada para a escrita, já demonstra a diferença que possui em relação à fala culta:

Os conteúdos de consciência que buscamos vão apresentar-se como substância narrável reveladora do que os sócio-linguistas denominam *Código restrito*. Os desníveis e fraturas da elocução costumam ser diagnosticados como signos de um contexto de carência cultural.

Mas os recursos expressivos dessa fala podem não se atualizar no abstrato, e sim no concreto, no descritivo e numa concisão que se acompanha do gesto e do olhar.. Num “encolhimento” do código que *repousa* na compreensão do outro. Compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes.(BOSI, Ecléa, 1988, p.26).

Mas como o pesquisador pode desvendar essas expressões, se ele pertence a um grupo com *status*, signos e comportamentos bem distantes daqueles do entrevistados? São dois grupos diferentes frente à frente:

[. . .] um, cujas realizações culturais significam socialmente; outro, cujas realizações assumem significação quando postas em oposição à cultura dominante. Enquanto não articulada com a nossa, aquela cultura é a outra para nós, o folclore, a fonte vital do diferente (Op.cit.,p.27).

Essa distância pode ser rompida através da ação dos intelectuais que tem se envolvido nesses grupos, ou seja, dos intelectuais orgânicos definidos por GRAMSCI (1978). E, também, pelos depoimentos dos trabalhadores que, tendo uma vida intensa das condições de sua classe, tenham adquirido uma consciência militante.

Ao analisar a condição da ação acadêmica na sociedade atual, SANTOS (1996) afirma que a universidade só sobreviverá se assumir uma condição de ativa protagonista no processo de transição paradigmática que a ciência atravessa hoje. Tanto assim que, se persistir em manter-se do lado da ciência tradicional, poderá, em curto prazo, ser uma instituição do passado.

Para conseguir sobreviver dentro da nova configuração mundial, a instituição deve adequar-se à nova realidade, através da atualização de seus processos de produção, disseminação e aplicação de conhecimentos. Há uma nova forma de racionalidade no ensino, na pesquisa e na extensão universitárias, em que a tradicional ênfase nos conteúdos e métodos seja substituída por uma maior preocupação com as considerações de caráter ético e social. E, em decorrência, lembra o

autor, é importante que seja criado um novo senso comum, já que aquele que havia, foi extinto pela ciência tradicional.

A universidade tem um papel significativo nessa mudança, no sentido de construir novas alternativas para inserção da subjetividade na construção do conhecimento. E, se a ciência moderna obteve um expressivo desenvolvimento científico a partir da eliminação do senso comum, ao mesmo tempo isso representou a expropriação da pessoa humana da capacidade de participar no desvendamento do mundo e na construção de regras de vida:

Compete à universidade criar as condições para que a comunidade científica possa refletir nos pesados custos sociais que o seu enriquecimento pessoal e científico acarretou para as comunidades sociais bem mais amplas. A primeira condição consiste em promover o reconhecimento de outras formas de saber e o confronto comunicativo entre elas. A universidade deve ser um ponto privilegiado de encontro entre saberes. A hegemonia da universidade deixa de residir no caráter único e exclusivo do saber que produz e transmite para passar a residir no caráter único e exclusivo da configuração de saberes que proporciona (SANTOS, 1996, p.224).

Em decorrência, é necessário ressignificar tanto a criação, como a divulgação e a aplicação do conhecimento, constitutivos das atividades de pesquisa, do ensino e da extensão universitária. Isso envolve a busca de rumos interdisciplinares na ação acadêmica, cujo caminho, neste trabalho, se iniciou com a aplicação do princípio da complexidade no tratamento dos focos de interesse da pesquisa e direcionados pela ótica do desenvolvimento sustentável, da permacultura e da ecologia social na construção de alternativas de interação com a sociedade.

Figura 8

5 CULTURA, ANIMAÇÃO & AÇÃO

Cultura é o que nos salva da violência

Michel Serres

*Nenhuma ordem social é baseada em verdades
inatas, uma mudança no ambiente resulta numa
mudança no comportamento*

John Locke (1632-1704)

A fim de situar a ação cultural um contexto próprio, é importante que se esclareça o seu significado, o que será feito neste capítulo, de modo a situá-la como um processo de mudança dinâmico, mas também profundo, visceral, na vida das pessoas. Antes disso, será feita uma análise do conceito de cultura, de modo a delimitá-lo na dimensão particular deste trabalho. Em seguida, para evitar equívocos de interpretação, os pontos comuns e divergentes entre ação e animação cultural. Estabelecendo-se as diferenças de sentido aqui atribuídas aos dois fenômenos.

De imediato, será detalhado o sentido da cultura como fenômeno coletivo, plural, popular, como é considerado e, finalizando, será feita uma análise do papel da ação cultural para o desenvolvimento social, pressuposto teórico que se constituiu em referência fundamental no decorrer de toda a investigação.

Com este capítulo, pretende-se circunscrever o conceito de cultura enquanto fenômeno coletivo, relacionado ao cotidiano e que pode ser transformado em elemento de mudança social.

5.1 Colo, cultus, cultura

Cultura é um termo que permite diferentes e até mesmo conflitantes significados. Por isso, é fundamental que se discuta o conceito na abrangência deste trabalho. Um projeto de ação cultural, que é uma de suas metas previstas, só adquire sentido na medida em que forem de antemão explicitados os lugares de onde partem os olhares que o propõem. Por isso, este capítulo representa a operacionalização mais fiel possível do fenômeno, a fim de, entre as diferentes acepções encontradas, se apresente a mais apropriada para dar-lhe sentido, direção, perspectiva.

Do ponto de vista etimológico, a palavra *cultura* originou-se do verbo latino *colo* (= cultivo) de vegetais ou de animais (= criação e reprodução). Logo, o termo sugere um processo diretamente relacionado aos verbos *cultivar*, *criar*, *reproduzir*, e, por extensão, *cultura* (=cultivo ativo) da mente humana. E, de acordo com WILLIAMS (1992, P.10), somente no século XVIII, nas línguas alemã e inglesa, o termo passou a dar nome para o “[...] modo de vida global de determinado povo”. De qualquer modo, permanece vivo, dentro dele, o mesmo sentido, de dinamismo, de ação em movimento.

BOSI (1996) estabelece relações bastante significativas entre a palavra cultura e colonização. Inicia com uma análise dos termos *cultura*, *culto* e *colonização*, que são derivados do verbo latino *colo*, cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*:

Colo significou, na língua de Roma, eu moro, eu ocupo a terra, e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo. Um herdeiro antigo de *colo* é *incola*, o habitante; outro é *inquillinus*, aquele que reside em terra alheia. Quanto a *agricola*, já pertence a um segundo plano semântico vinculado à idéia de trabalho (BOSI, 1996, p.11).

A ação desse *colo*, no presente verbal, lembra sempre algo incompleto e transitivo: “É o movimento que passa, ou passava, de um agente para um objeto. *Colo* é a matriz de *colonia* enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar” (Op.cit.) O colono é o que trabalha na terra, não o seu dono e não é por acaso que há dois tipos de colonização: o que significa um simples povoamento e o que estabelece a exploração do solo. O termo *colo* serve para ambos, tanto para *eu moro* como *eu cultivo*:

E a rigor, o que diferencia o habitar e o cultivar do colonizar? Em princípio, o deslocamento que os agentes sociais fazem do seu mundo de vida para outro onde irão exercer a capacidade de lavrar ou fazer lavrar o solo alheio. O *incola* que emigra torna-se *colonus* (Op.cit.).

Ao se mudar do tempo presente para o passado *cultus* e o futuro *cultura*, modificam-se os significados:

Para o passado [...] *cultus* atribuía-se ao campo que já fôra arroteado e plantado por gerações sucessivas de lavradores. *Cultus* traz em si não só a ação sempre reproposta de *colo*, o cultivar através dos séculos, mas principalmente a qualidade resultante desse trabalho e já incorporada à terra que se lavrou. Quando os camponeses do Lácio chamavam *culta* às suas plantações, queriam dizer algo de cumulativo: o ato em si de cultivar e o efeito de incontáveis tarefas, o que torna o participio *cultus*, esse nome que é verbo, uma forma significativa mais densa e vivida que a simples nomeação do labor presente. O *ager cultus*, a lavra [...] junta a denotação de trabalho sistemático à qualidade obtida, e funde-se com esta no sentimento de quem fala. *Cultus* é sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento já tem memória. A luta que se travou entre o sujeito e o objeto do suor coletivo contém-se dentro do participio, e o torna apto a designar a inerência de tudo quanto foi

no que se passa agora. Processo e produto convêm no mesmo signo (BOSI, 1996, p. 13).

É importante a vinculação que o autor faz com o culto do passado, dos mortos:

Quanto a *cultus, us*, substantivo, queria dizer não só o trato da terra como também o culto dos mortos, forma primeira de religião como lembrança, chamamento ou esconjuro dos que já partiram. A Antropologia parece não tem mais dúvidas sobre a precedência do enterro sagrado em relação ao amanho do solo; enquanto este data apenas do Neolítico e da Revolução Agrícola (a partir de 7000 a . C., aproximadamente) a inumação dos mortos já se fazia nos tempos do Homem de Neanderthal, há oitenta anos atrás.

Convém amarrar os dois significados desse nome-verbo que mostra o ser humano preso à terra e nela abrindo covas que o alimentaram vivo e abrigam morto:

Cultus(1): o que foi trabalhado sobre a terra; cultivado;

Cultus (2): o que se trabalha sob a terra; culto; enterro dos mortos, ritual feito em honra dos antepassados.

(Op.cit., loco citato).

Há, dentro dele, a intenção em integrar a experiência pessoal ao passado através das mediações simbólicas que A possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz pelas mediações simbólicas, através do gesto, do canto, do rito, da dança, da oração, da "fala que evoca", da "fala que invoca" . E, lembra o autor, tudo isso se constitui em religião no mundo arcaico, "vínculo do presente com o outrora-tornado-agora, laço da comunidade com as forças que a criaram em outro tempo e que sustentam a sua identidade" (Op.cit.).

É ainda muito interessante o sentido do culto, que, com a sua constante atualização das origens e dos ritos, "afirma-se como um outro universal das sociedades humanas juntamente com a luta pelos meios materiais de vida e as conseqüentes relações de poder implícitas, literal e metaforicamente, na forma ativa de *colo* (Op.cit., p.15).

Prosseguindo, o autor vincula ainda o processo da cultura à colonização, lembrando que então ela se torna um processo totalizante, que implica ocupação, exploração, submissão. Todavia, neste processo em tempo presente, há a dimensão do passado :

A colonização é um processo totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do colo: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas; são também crentes que trouxeram nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer. Mortos bifrontes, é bem verdade: servem de agulhão ou de escudo nas lutas ferozes do cotidiano, mas podem intervir no teatro dos crimes com vozes doridas de censura e remorso. (Op.cit., p.16).

Ao se conjugar o verbo no futuro, *culturus*, passa então a envolver o que vai trabalhar, o que se quer cultivar, tanto em relação ao solo (agricultura) quanto ao ser humano, desde a infância, de onde se constitui o significado mais geral que conserva até hoje. E, no momento que cultura refere-se a um processo que exige permanência, que se volta à integração entre presente-passado-futuro, a educação passa a ser a sua mola mestra, o seu veículo, a sua dinâmica. E a beleza da descrição do autor faz com que a citação não possa ser interrompida, sob pena de se perder a própria emoção que traz dentro de si:

Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo[. . .] Cultura supõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro. Essa dimensão de projeto, implícita no mito de Prometeu, que arrebatou o fogo dos céus para mudar o destino material dos homens, tende a crescer em épocas nas quais há classes ou estratos capazes de esperanças e propostas, como na Renascença florentina, nas Luzes dos Setecentos, ao longo das revoluções científicas e técnicas ou no ciclo das revoluções socialistas[. . .] (Op.cit.)

E então prossegue, para identificar o que ele chama de visão ergótica da cultura:

[. . .] O vetor moderno do titanismo, manifesto nas teorias de evolução social, prolonga as certezas dos ilustrados e prefere conceituar cultura em oposição à natureza, gerando uma visão ergótica da História como processo das técnicas e desenvolvimento das forças produtivas. Cultura aproxima-se, então, de *colo*, enquanto trabalho, e distancia-se, às vezes polemicamente, de *cultus*. O presente se torna mola, instrumento, potencialidade de futuro. Acentua-se a função da produtividade que requer um domínio sistemático do homem sobre a matéria e sobre outros homens. Aculturar um povo se traduziria, afinal, em sujeitá-lo ou, no melhor dos casos, adaptá-lo tecnologicamente a um certo padrão tido como superior. Em certos regimes industrial-militares essa relação se desnuda sem pudores. Produzir é controlar o trabalhador e o consumidor, eventualmente cidadãos. Economia já é política em estado bruto. Saber é poder, na equação crua de Francis Bacon (BOSI, 1996, p.17).

Logo, a complexidade do conceito de cultura equivale à também complexa rede de situações que abarca, inserindo o homem num tempo passado, presente e futuro, mas sempre ressaltando tratar-se de um processo, de um devir, de um movimento dinâmico, contínuo, vivo.

Já Herder (1784-91) foi o primeiro autor a empregar esse termo com um significado de plural, *culturas*, diferenciando-o de *civilização*. E, enquanto o termo germânico *Kultur* era utilizado para representar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, a palavra francesa *Civilization* referia-se às realizações materiais de um povo. Finalmente, Edward Tylor (1832-1917) com o vocábulo inglês *Culture*, passou a identificar " [. . .] este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" ⁸ (apud LARAIA, 2001, p.25).

⁸ TYLOR, Edward. **Primitive Culture**. Londres, John Morsay & Co. Nova York: Harper, 1958, p.1.

Dessa maneira, uma só palavra sintetiza todas as possibilidades de ação humana, a cultura, que se identifica como um processo obtido através de um aprendizado, e não como uma aquisição inata, que possa ser transmitida por mecanismos biológicos. Nessa acepção, ampla e abrangente, o termo foi importante para a evolução da antropologia no final do século XVIII e princípio do seguinte, servindo para designar um modo de vida característico e global de determinado grupo.

Ao seu lado foi se firmando um outro sentido, que é o de cultura como sinônimo de *cultivo ativo da mente*, atitude essa que pode envolver diversas facetas, entre as quais: um estado mental desenvolvido (pessoa culta, pessoa de cultura), os processos desse desenvolvimento : (cultura identificada como interesses ou atividades culturais), os meios desses processos (cultura considerada como o trabalho intelectual ou artístico do homem).

Usualmente o termo é utilizado para indicar o modo de vida global de determinado povo ou de algum grupo social. E, nessa perspectiva, permite diferentes interpretações, entre as quais:

- a) a ênfase no espírito formador de um modo de vida global, manifesto por todo o âmbito das atividades sociais, mas que se evidencia particularmente em atividades especificamente culturais, como a linguagem, estilos de arte, tipos de trabalho intelectual, etc.;
- b) o foco numa ordem social global, no seio da qual uma cultura específica (quanto a estilos de arte e tipos de trabalho intelectual), é considerada

produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais.

BOSI (1988) sintetiza o sentido da cultura enquanto bem adquirido pela educação, diferente da cultura do povo:

Existe uma cultura vivida e uma cultura a que os homens aspiram. Os psicólogos sociais forrados de uma concepção ideológica de cultura falam em necessidade, privação, carência cultural. Representações e valores se agrupam em torno do eixo: adquirir cultura. Seria a cultura um elemento de consumo, pois? Ou é uma oposição e uma superação do natural, um desabrochar da pessoa na vida social? (BOSI, Ecléa, 1988, p.28).

A cultura enquanto necessidade que é satisfeita através da instrução contribui para destruir os objetos e as significações da cultura do povo, uma vez que impede ao sujeito a expressão de sua própria classe.

Todavia, ambas possuem um significado importante para interpretar o fenômeno, uma vez que:

[. .] A importância dessas duas posições é de que propõem a integração entre as atividades culturais e as demais formas de vida social. Enquanto a primeira posição implica num método amplo, de ilustração e elucidação do espírito formador, como nas histórias nacionais de estilos de arte e tipos de trabalho intelectual que manifestam, relativamente a outras atividades, nos interesses e valores essenciais de um povo. Na segunda, se insere uma investigação desde o caráter conhecido ou verificável de uma ordem social geral até as formas específicas assumidas por suas manifestações culturais. (WILLIAMS, 1992, p.12-13).

O conceito mantém ainda a ênfase no espírito formador, só que, ao invés de lhe atribuir a responsabilidade em criar todas as demais atividades, a sociologia da cultura passa a encarar a cultura como sendo um " [. . .] sistema de significações mediante o qual

necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunidade, reproduzida, vivenciada e estudada" (WILLIAMS, 1992, p.12).

Assim, existe na prática uma certa convergência entre os sentidos antropológico e sociológico da cultura. Isso permite que ela seja entendida como um modo de vida específico de determinado grupo, dentro do qual há um sistema de significações bem definido que envolve, permeia, identifica todas as formas de atividade social.

Continua persistindo outro sentido, mais especializado, que a considera sinônimo de atividades artísticas e intelectuais. Todavia o termo assume uma dimensão muito mais ampla, uma vez que passou a incluir não apenas as artes e as formas clássicas de produção intelectual, mas também todas as demais práticas sociais significativas, que vão desde a linguagem, as artes e a filosofia, até chegar ao jornalismo, à moda e à publicidade. Desse modo, cultura se constitui num campo cada vez mais amplo, complexo, extenso, em torno do qual convergem manifestações as mais diversas. É então que ela se transforma em *indústria cultural*, convertida em bem de consumo dentro da lógica da sociedade capitalista, quando diferentes manifestações culturais se traduzem em programas específicos destinados a públicos também particularizados. (BOSI, 1987,b) .

Ao identificar-se como um fenômeno que se baseia nas necessidades elementares da população, a cultura passa a ser objeto de programas dos governos, que então se preocupam expressamente com aquilo que é manifestado como sendo as *necessidades* culturais de sua clientela. Em decorrência, o apoio à cultura passou a ser incentivado como estratégia de expansão dos lucros das empresas, ao apoiarem

financeiramente aquilo se que denomina de seus *produtos* culturais. Mas persiste, a todo tempo, a incompatibilidade entre os projetos de planejamento econômico e a satisfação do que se afirma se constituírem em *necessidades* culturais.

Ainda em decorrência do avanço do sistema capitalista, a partir de um determinado momento as sociedades passaram a sofrer de um certo mal-estar, de uma certa insatisfação decorrente do próprio crescimento, expresso através dos problemas de poluição, da contaminação pela ingestão de agrotóxicos nos alimentos, através do uso de drogas, etc. Tais sintomas, indicadores de uma crise no contexto cultural, fizeram surgir alternativas para solucioná-la.

Nesse contexto, os valores sociais sofreram um processo gradativo de mudança, que vem redirecionando o alcance, o significado e a própria compreensão do conceito. Cultura é entendida também como um fenômeno que envolve toda a vida social, em suas diferentes manifestações, que vão desde aquelas de caráter material (estratégias de sobrevivência, hábitos de alimentação, cultivo da terra, etc), às de caráter intelectual (modos de pensar, produção artística e literária, etc.), lúdico (cantos e danças, hábitos de lazer) ou místico (crenças, manifestações do imaginário), a quaisquer outras que se identifiquem como representações que o homem faz de si mesmo e da sua relação com a natureza.

Desse modo, cultura passa a se referir a um conjunto coletivo e amplo, que inclui tanto os modos como os homens operacionalizam suas idéias, sentimentos, temores, esperanças, alegrias e tristezas, como as práticas de controle que exercem sobre a natureza e a

sociedade (CHAUI et alii, 1984). Trata-se, pois, da expressão do conjunto dos símbolos que exprimem os pensamentos, sentimentos e ações dos homens entre si e em relação à natureza.

Todos os seres humanos participam do processo cultural, seja produzindo ou reproduzindo a cultura. Não dá espaço para as tradicionais categorizações fundamentadas na divisão da sociedade entre aqueles que detém ou não o poder, que identificam a cultura como instrumento de dominação de classe, pautada numa sociedade dividida entre dominantes e dominados. Logo, não se insere nesse significado particular, qualquer tipo de distinção entre cultura erudita e/ou popular, nem entre sujeitos cultos e/ou incultos, ou entre pessoas competentes e/ou incompetentes.

A distinção entre cultura erudita e popular, de acordo com CHAUI (et alii, op.cit.), é mais uma ruptura provocada pelas classes dirigentes que, ao se invocarem detentoras da cultura erudita, definem cultura popular como sendo as manifestações dos grupos subalternos. Tanto isso é real que somente há pouco tempo é que esses grupos se apropriaram do conceito, passando a se autodenominar de cultura popular.

Essa diferenciação entre cultura erudita e popular é, na verdade, uma distinção de cunho ideológico, que traz dentro de si mais uma tentativa velada de distanciamento, ruptura e diferença entre segmentos que, na verdade, fazem parte de um mesmo contexto social.

Neste trabalho, o sentido atribuído à ação cultural não se detém nessa divisão entre cultura erudita e popular. Desse modo, todas as manifestações do cotidiano das pessoas são passíveis de fazer parte do

processo de ação cultural, desde que envolvam desde formas de pensar, agir, criar, sonhar, até de aprender e ensinar, bem como todas e quaisquer formas de representação que o ser humano faz de si, dos outros e da relação do homem com a natureza, sob quaisquer formas de saberes. Trata-se do dia a dia das pessoas, importante em si mesmo, vivo e presente.

Outro ponto importante, ao se analisar o conceito de cultura, é o de distingui-la de folclore, com o que às vezes é confundida ou até mesmo integrada. Em posição diametralmente oposta, folclore envolve aquelas manifestações [da cultura] que, tendo desaparecido do cotidiano das pessoas, pertencem ao passado, mas que precisam ser preservadas, protegidas, uma vez que constituem a memória social, síntese de um patrimônio cultural que não pode desaparecer.

DE CERTEAU (1995) afirma cultura como um processo que envolve todas as práticas, por mais ambíguas e dispersas que possam parecer, que são realizadas dentro do contexto social, como forma de aceitar, recusar ou conformar-se com a cultura dominante, daqueles que detém o poder. E, ao contrário do folclore, não precisa ser protegida, nem conservada, pois tem uma lógica própria interna que a mantém viva. O que tem que ser mantido, protegido, apoiado, é o povo, e não a cultura: o importante, lembra ele, são as pessoas, enquanto agentes que fazem a cultura. Então, ao invés de se preocupar em lidar com as coisas, o mais importante, dentro da ação cultural, é discutir os significados do cotidiano daquilo que o homem produz, passo a passo, dia a dia, a cada momento, construindo a sua própria trajetória.

Portanto, cultura não pode ser reduzida a um padrão de valor, nem forma de dominação, ou de poder, de determinados grupos sociais sobre outros.

Nem se confunde com folclore que, estático e inerte, é uma descrição cristalizada e embalsamada da narrativa daquilo que já passou. É a *beleza do morto*, já que, lembra o autor, embora o folclore faça descrições belas, elas se referem à morte, e não à vida. Através dele, ouvem-se as vozes e se traduzem recortes dessa experiência passada. Uma nova narrativa é constituída no presente para descrever o que já foi. E, para dar mais sentido aos vestígios resgatados, são utilizados códigos cultos. Mas essa nova narrativa, por mais rica em conteúdo que possa ser, é pobre em expressar os elementos culturais a que se refere. A expressividade original foi se perdendo no decorrer da morte do objeto que se narrou.

Nessa linha, a cultura se coloca em situação diametralmente oposta à das descrições folclóricas, uma vez que trata com a vida, mexe somente com a vida, jamais com a morte. Dessa forma, um projeto de ação cultural se insere, do mesmo modo, na valorização das pessoas, do futuro, e não do morto, daquilo que já foi, que não é mais.

Todas as ações humanas, vinculadas ao trabalho, religião, arte, economia, formas de solidariedade e dominação, segundo códigos e convenções simbólicas, são manifestações da cultura. Há o interesse em interpretar o significado, os modos como os grupos agem e reagem diante da natureza e em relação aos demais grupos, sem a preocupação em caracterizá-los enquanto manifestações eruditas ou

populares, divisão essa que não corresponderia ao quadro teórico que serve de base para esta investigação.

É tudo aquilo que resulta do trabalho, da elaboração humana, que abre caminhos, que desponta como possibilidade, emoção, expectativa e perspectiva. O conceito, na dimensão que lhe é atribuída por CANCLINI (1986,p. 52), abrange, sintetiza e integra todas as perspectivas do objeto deste estudo, ao considerar que :

[. . .] não só o mundo dos livros e das belas artes, mas também o conjunto dos processos simbólicos através dos quais se compreende, se reproduz e se transforma a estrutura social. Inclui, portanto, todos os processos de sentido e de significação, os mecanismos ideológicos com que se elabora o consenso, as formas particulares que tem um grupo de viver e pensar o cotidiano (CANCLINI, 1986, p.52).

Assim entendido, o conceito de cultura se constitui num complexo sistema de códigos que só assumem significado num processo de comunicação, tão bem sintetizado por CABRAL (1995, p.69), ao descrever a cultura como o espaço simbólico do cotidiano:

[. . . .] o tempo, a morte, a sexualidade, os modos de vestir, cozinhar, dividir o trabalho, etc. adquirem sentidos e significados próprios – a cultura é o espaço simbólico, cujo código fala da existência e experiência humanas. Todas as dimensões da cultura informam sobre quem somos, o que pensamos e fazemos e esse conjunto de códigos compõe o sistema de comunicação mais amplo. A comunicação é, pois, o que dá alma à cultura, mantendo-a sempre viva e dinâmica; quando os homens se comunicam através da linguagem, tendo em vista agir sobre o mundo pode-se afirmar que, num sentido mais amplo, a comunicação também é ação (CABRAL, 1995, p.59).

Como mostra mais uma vez DE CERTEAU (1995), é um fenómeno que deve ser aplicado *no plural* e não no singular. Pressupondo-se coletiva, é democrática, ao incluir todos os indivíduos dentro do fazer cultural. Isso porque cada sujeito, de uma forma ou outra,

contribui com a cultura, com algum tipo de saber, alguma forma de fazer ou alguma maneira de pensar. Cada pessoa exerce, nessa linha, um papel na organização do mundo em que vive, por menor, obscuro ou superficial que possa parecer.

O grande desafio, ao se rearticular o fazer cultural, através de um projeto de ação cultural numa perspectiva de cultura no plural, é ouvir as maiorias, e não as minorias. A produção cultural, assim pensada, não é para ser apropriada apenas por alguns segmentos sociais, como ocorre com a cultura em sua conotação de mercadoria, de poder, em que só têm lugar os eleitos, a pequena parcela que a possui, a domina, que pode comprá-la, vendê-la, mercantilizá-la, enquanto os demais, a maioria, são apenas os outros, os excluídos.

É a cultura *reificada*, relacionada à posse de mercadorias, coisas, poder, em oposição à concepção de cultura *ergótica*, vinculada ao trabalho, à ação e ao movimento humanos, de acordo com análise apresentada por BOSI (1987b), ao interpretar os sentidos mais comuns atribuídos ao termo.

De tudo isso, reafirma-se neste trabalho o conceito amplo de cultura como um processo, um fenômeno coletivo em movimento, sem distinções que quaisquer tipos entre o que seja cultura erudita ou popular. De qualquer forma, pelas características do objeto em análise, a divisão entre as categorias de cultura do povo e da academia, poderão, mesmo que de forma inconsciente, tecer essa diferenciação.

5.2 Animação x ação cultural

Uma vez discutido o conceito de cultura, o passo seguinte dado foi estabelecer uma distinção entre *animação* e *ação cultural*, já que existem variações quanto aos sentidos e significados de cada um. Operacionalmente, neste trabalho optou-se por considerar os conceitos de animação e de ação de acordo com MILANESI (1991) e TEIXEIRA COELHO (1989)⁹.

Nessa linha, a animação é interpretada como um movimento de divulgação e de circulação da cultura, a partir de políticas que determinam programações consideradas previamente importantes para os públicos a que se destinam. Trata-se de um processo de mão única, que parte de um emissor, que escolhe, planeja e realiza os eventos, para um receptor, o público a que se destinam as atividades. Inclui, ainda, um caráter pedagógico de dois lados: um que oferece, que ensina, e outro que recebe e que aprende.

É indiscutível a importância da movimentação, da vida, da dinâmica que a animação cultural pode oferecer. Todavia, restringe-se pelo fato de que se destina a públicos, e não a sujeitos, isto é, mesmo que a participação nos programas contribua para as pessoas conhecerem e expandirem seu universo cultural, isso se dá mais em termos quantitativos do que qualitativos: terminou o programa, acabou, a vida de cada um volta ao normal, ao que era, sem mudanças substanciais na trajetória de cada um. Já a ação cultural, ao contrário,

prevê um caminho aberto, que se preocupa mais com a permanência de atitudes, comportamentos, valores construídos dentro do processo, do que com objetivos e metas pré-fixadas.

Daí, entre os fatores que distanciam uma da outra, citam-se os objetivos e o processo de sua realização. Por exemplo, um programa de eventos culturais, através do qual são oferecidos diferentes tipos de atividades, pode tanto se converter tanto num processo de animação quanto de ação cultural. O que estabelece a diferença não é a atividade em si mesma, mas os seus objetivos e o tipo de inserção e de interação das pessoas dentro dela. Enquanto a proposta se restringir o oferecimento de atividades pré-estabelecidas, prontas, na forma de espetáculos, *shows*, palestras, apresentações, etc., por mais interessantes que possam ser, ela se constituirá num programa de animação cultural.

Para se converter em ação cultural, esse tipo de propostas deve incluir, tanto em seus objetivos quanto no processo de sua realização, funções de cunho pedagógico, que contribuam para a mudança do sujeitos envolvidos. Trata-se de um fenômeno que busca alcançar metas de longo alcance, de reflexos coletivos ou individuais.

O que importa não é a forma ou o tipo de atividade realizada, mas sim as relações que estabelece entre a proposta e os sujeitos, as reflexões e as modificações que sugere ou permite. Deve, de algum modo, provocar ou incentivar mudanças nas pessoas, voltadas à melhoria da qualidade de suas vidas. O processo se constitui em ação cultural ao incluir interações entre os grupos, ao possibilitar trocas entre os

⁹ É comum também se encontrar a utilização dos termos como sinônimos. E, nos currículos acadêmicos, há cursos denominados de Animação Cultural (UNICAMP) e de Ação Cultural (UFRGS), com ementas semelhantes.

sujeitos, num processo ativo, dinâmico e subjetivo que estimule o diálogo, a aproximação e a apropriação dos mecanismos culturais.

Isso pode ocorrer, por exemplo, em oficinas de iniciação artística, cursos de capacitação, ou através de treinamentos para uso de novas tecnologias, e, enfim, uma série de outros formatos de programas, nos quais a decisão acerca de prioridades seja compartilhada e que visem especialmente o crescimento dos sujeitos como pessoas. Ou, de acordo com MILANESI (1991), a partir do momento em que se conjugarem os verbos *informar*, *discutir* e *criar*. Ao informar, contribui para ampliar a visão de mundo; ao discutir, incentiva a expansão da capacidade de crítica e de diálogo e, finalmente, o verbo criar, capacidade máxima dos sujeitos em ampliar seus horizontes, ultrapassando os próprios limites pessoais, saindo de si mesmos.

Ao contrário da ação, a animação cultural reduz as pessoas à condição de consumidores, de espectadores, de públicos, muitas vezes passivos e omissos, reduzidos quase que a objetos, de forma transitória, fechada e parcial. A ação cultural, em sentido inverso, afirma-se como um processo político, que se realiza através do agir e fazer coletivos, de sujeitos entre sujeitos, na condição de atores de sua própria história. Enquanto a animação oferece o espetáculo, a ação cultural converte-se no palco, oferecendo cenários para que os sujeitos participem da construção de suas trajetórias pessoais e coletivas.

As políticas culturais, portanto, podem se identificar tanto com a animação quanto a ação cultural. O que as diferencia são as opções ideológicas que as orientam; enquanto a animação se atrela à manutenção do *status-quo*, da preservação da distância entre a

categoria dos que são denominados de *cultos* e seus opostos, os *incultos*. Dessa maneira, a animação pode ser utilizada como estratégia de dominação e de preservação de privilégios de classes. Ao contrário, a ação cultural visa a mudança, prevê a inclusão social, a inserção das diferenças culturais. Se na animação o sujeito vira objeto e desce para a platéia, na ação cultural, ele sobe ao palco, escreve a trama, atua e dirige a cena.

TEIXEIRA COELHO (1989), ao reportar-se à animação cultural, a identifica com *fabricação*, já que, à semelhança com o que ocorre numa fábrica, estão pré-estabelecidos os objetivos, as etapas e as funções para atingir as metas propostas. Tudo já vem pronto desde o início. São feitas determinações prévias sobre o que e como fazer, aonde chegar, nem mais, nem menos. Trata-se de um direcionamento das pessoas para determinados rumos, a partir de objetivos e metas pré-fixados. Não há qualquer liberdade para o sujeito optar, agir, criar. O indivíduo fica passivo, inerte, morto.

A ação cultural possui um forte cunho político, que se concretiza quando ela oferece o instrumental, os meios e as bases necessárias para que, através do livre arbítrio, as pessoas possam tomar as suas próprias decisões a respeito de suas vidas, de suas opções, de seus destinos. Os sujeitos envolvidos adquirem os mecanismos e se apropriam do uso dos instrumentos para que possam tomar as suas próprias decisões, de modo dinâmico, ativo, refletido.

Todavia, a força ideológica que caracteriza a ação cultural pode ser facilmente contaminada, uma vez que há uma tendência a se achar que " [. . .] o que eu faço é sempre 'ação', quer

dizer, a coisa correta, o certo, o justo; 'fabricação' é a do outro, assim como o que eu faço é ciência, e o que faz o outro, ideologia" (Op. cit., p.13). Mesmo assim, lembra o autor, a ação cultural é, entre as duas possibilidades, a única que permite uma participação coletiva, de cunho político. Somente ela pode oferecer um espaço para que as pessoas assumam a condução e definam os rumos de suas próprias vidas. Dentro dessa perspectiva, a ação cultural considera a cultura como um fenômeno vivo, resultante do trabalho de pessoas que querem realmente conhecer a dinâmica de suas relações políticas.

Outro aspecto a ressaltar é que a ação cultural, se comparada à animação, é bem mais difícil de ser realizada. A animação, por possuir um receituário e fórmulas de como se fazer, de como e onde se chegar é bem mais fácil e familiar. Mas, em que pese a maior facilidade de se fazer animação, ao invés de ação, esta última é a única opção que pode levar à busca de um ideal de mundo melhor e mais livre.

O objetivo e o uso feito dos espaços culturais também servem para distinguir a animação da ação cultural. Sejam eles constituídos na forma de casas/centros de cultura, teatros, clubes, etc., há, portanto todo um conjunto de fatores que inclui, entre outros, os objetivos, a destinação, a estrutura e o funcionamento das atividades que caracterizam a sua programação enquanto animação ou ação cultural.

A esse respeito, MILANESI (1991) critica a proliferação de estabelecimentos denominados de *centros culturais* ou *casas de cultura* no País ocorrida na década de 70. Do mesmo modo, o autor faz um alerta sobre a limitação de alcance de programas de eventos culturais pré-

determinados para públicos direcionados. Eles, por si mesmos, não garantem a expansão dos interesses culturais das pessoas que conseguem envolver. Tais espaços e atividades ditos culturais, por mais bem intencionadas que tenham sido as suas propostas, podem, na prática, se constituir tão somente em espaços vazios, estáticos, passivos e ineficazes enquanto promotores da cultura. Quando muito, servem para informar, para ampliar o repertório cultural dos sujeitos, mas pouco alterando em seus modos de vida, em suas perspectivas e motivações pessoais. Essa ineficácia se amplia na mesma medida em que as atividades propostas se destinem a públicos passivos, tão somente consumidores de programas culturais prontos, enlatados, pré-fabricados.

Quando as mensagens se destinam a receptores dessa ordem, num caminho de mão única, sem participação do público, se constituem tão somente em alternativas que *animam* a cultura, ou seja, em mecanismos que adaptam as pessoas a formas e fórmulas pré-determinadas. Fazem com que elas se acomodem, ou se conformem, deixando em segundo plano, ou até eliminando, as próprias emoções e interesses. De sujeitos, tornam-se objetos.

Ao contrário, toda e qualquer atividade cultural pode se converter num contexto dinâmico de ação cultural. Basta, para isso, que ofereça, dentro de suas dinâmicas, funções e atividades, espaços para a participação dinâmica, ativa, coletiva e dialógica dos públicos a que se destinam. A presença das pessoas, enquanto sujeitos, ocorre em todas as etapas do processo, que inclui desde a participação no planejamento e na decisão dos programas e atividades a ser realizadas, até a produção e, finalmente, a fruição dos bens culturais. Quem determina e decide o tipo de participação quer ter, são os próprios sujeitos.

Assim, neste trabalho reafirma-se a dimensão pedagógica e dialética da ação cultural. Desse modo, os sujeitos da comunidade envolvida, se convertem nos protagonistas de suas próprias vidas, responsabilizando-se diretamente pelas decisões sobre a suas trajetórias pessoais enquanto atores sociais ou agentes culturais.

5.3 A Cultura como Fenômeno Coletivo

A ação cultural, considerada como um fenômeno coletivo envolve a democratização da tomada de decisões. Através da participação no processo de planejamento, as pessoas interferem na situação social em que vivem. Ao invés de simples receptores de decisões tomadas previamente, participam da gestão cultural. E, desse modo, a cultura, se considerada um fenômeno plural, coletivo, assume um caráter também pedagógico e organizativo. É importante ressaltar, porém, que mesmo nesse tipo de planejamento, eminentemente democrático e participativo, há o risco de ocorrerem manifestações de cunho autoritário ou populista, como nos modelos tradicionais de planejamento, vindos de cima para baixo. A participação em todo o processo, por si só, não garante a realização de práticas democráticas, plurais, coletivas. Podem ocorrer, dentro delas, decisões calcadas em interesses individuais, ou em lutas pelo poder.

É importante lembrar que nem sempre, mesmo que o processo de criação conjunta se concretize, a participação coletiva ocorre em sua produção. É comum que os projetos sejam produzidos por uns poucos, a partir de interpretações pessoais que fazem das

necessidades de seus destinatários. Estes, quando muito, atuam em etapas secundárias, sendo muitas vezes deixados de lado no momento das grandes decisões (FESTA, 1986).

Nessa prática, podem ser perdidos importantes valores dos grupos, em especial os que se referem ao entretenimento, ao lazer, às amenidades, ao humor, ao lúdico, enfim, às coisas do mundo, do sonho, da fantasia, do divertimento, do afetivo, cujas nuances ou linguagens, se interpretadas de modo instrumentalizado, podem facilmente se folclorizar, assumindo, ao invés da efervescência, da energia vital que caracteriza os fazeres culturais, a beleza e a rigidez do morto, do passado, do mumificado, útil apenas para ser trancafiado em exposições, museus, panteões, sinônimos muitas vezes de tumbas culturais. (PERUZZO, 1991).

O respeito à efetiva participação da comunidade em todos os momentos é um elemento a ser sistematicamente considerado. Ao se analisar o fazer cultural dos sujeitos, as portas devem ficar abertas em todos os momentos para ouvir suas vozes. Desse modo, não se deixa morrer exatamente aquilo que dá sentido ao projeto, que são as manifestações populares, que incluem a sobrevivência do riso, do cômico, da festa, do sentimento de solidariedade e, enfim, da própria capacidade de resistência. E na construção desse caminho, há que cuidar para não se cair na folclorização, na supervalorização de elementos culturais que muitas vezes podem não ser nada mais do que simples estratégias de sobrevivência cotidiana.

A comunicação popular, quando relacionada à ação cultural pode se constituir num importante instrumento de superação dos aspectos autoritários e verticais da comunicação de massa, a partir de

um modelo fundamentado no diálogo e na participação. Desse modo, mais uma vez, ressalta-se a importância da democratização da cultura em todas as etapas dos processos envolvidos.

5.4 Ação Cultural & Desenvolvimento Social

Como já exposto, a ação cultural se constitui num processo de interferência na cultura num processo que inclui três etapas: informar, discutir e criar (MILANESI, 1991).

Informar significa oferecer aos grupos acesso ao conhecimento para que dele possam se apropriar e, assim, consigam mais concretamente decidir sobre os rumos de suas próprias vidas. Corresponde ao momento em que todas as fórmulas, meios, tecnologias e estratégias que se dispuser poderão ser utilizadas para difundir padrões, valores e manifestações culturais de qualquer ordem. Trata-se, por assim dizer, da etapa educativa do processo de ação cultural, em que novas perspectivas podem se abrir a partir da apropriação de informações pelos grupos sociais envolvidos. Isso se dá quando os sujeitos processam-nas na ótica de suas próprias perspectivas de análise. E, em decorrência, transformam aquelas informações iniciais em conhecimento, ao internalizá-las e adaptá-las às suas vivências, saberes e emoções pessoais.

É nessa etapa que a animação cultural se converte numa arma eficaz da ação cultural, ao oferecer atividades, eventos ou produtos culturais pré-determinados, previamente julgados relevantes e do interesse dos sujeitos, mesmo que estes não tenham participado dessas decisões. As pessoas, ao tomar contato pela primeira vez com obras

artísticas, manifestações ou produtos culturais que não conheciam, ampliam sua visão de mundo.

Desse modo, mesmo considerando o caráter de "*fabricação cultural*" atribuído por TEIXEIRA COELHO (1989) à animação cultural, ela é necessária, mas não suficiente, para provocar mudanças significativas na vida dos sujeitos, o que é próprio da ação cultural. .

A segunda etapa, por seu lado, corresponde ao momento em que os sujeitos realmente se apropriam das informações. Através de diferentes formas, atividades e estratégias, as informações são comentadas, discutidas, analisadas, interpretadas, confirmadas ou refutadas pelas pessoas. Trata-se da fase em que a atividade supera a etapa anterior, ampliando realmente a visão de mundo dos sujeitos, vez que as informações são apropriadas pelos grupos. E, quando isso ocorre, elas são incorporadas aos seus repertórios pessoais, convertendo-se então em novos interesses culturais.

É então que os sujeitos se tornam realmente atores de sua trajetória cultural, ao aceitarem ou rejeitarem as informações que lhes foram oferecidas. E, no caso de aceitação, dá-se início a um processo amplo, tênue e difuso de apropriação de valores culturais, num processo de *hibridização*, de acordo com o conceito de CANCLINI (1996) ou de *mestiçagem cultural*, de acordo com SERRES (1999). Entre os dois, a mestiçagem cultural, ou seja, a incorporação de padrões culturais originários de diferentes identidades numa mescla, numa mistura que gera algo novo e integrado, é a expressão mais própria para descrever esse processo.

O conceito de *hibridização cultural*, por seu lado, ao referir-se a um processo de adaptação de uma cultura a outra, onde determinados valores superam e se sobrepõem uns aos outros, é um processo doloroso de adaptação. Já a mestiçagem cultural prevê e aceita a permanência de diferentes identidades culturais locais, coexistindo numa nova forma, integrada e integradora, entre os elementos que lhe deram origem. Enquanto conceito de hibridismo considera que, em decorrência da globalização do mundo atual, as identidades culturais se desvanecem, se deslocam e se desintegram em algo difuso, disperso, o de mestiçagem, pautado numa perspectiva mais otimista, vê a religação dos elementos num novo conjunto, diferente, maior, acolhedor e menos agressivo. Trata-se, portanto, de uma mudança de perspectiva do olhar.

Como eles são posicionamentos ideologicamente diferenciados, a opção se fez pelo conceito de mestiçagem cultural proposto por SERRES (op.cit.). Enquanto CANCLINI (Op.cit.) se refere à dominação de uma cultura sobre outra através de novas tecnologias, padrões e valores, comunicação, mesclando o velho no novo, adaptando-o, na forma de superação, de modernização, de progresso, SERRES (Op.cit.) oferece um conceito mais humanista. Mesmo com o nível de globalização das relações e das comunicações no mundo atual, sob sua ótica se permitem, acontecem, ocorrem mestiçagens mais integradas, vinculadas a uma dinâmica mais cooperativa, sensível e emotiva. Entre os dois conceitos, este último o mais condizente com o rumo e as perspectivas desta investigação.

Finalmente chega-se à terceira etapa da ação cultural, que é a de criar, concretizando-se o vínculo com o desenvolvimento

social. E quanto maior for a democratização da tomada de decisões durante o processo, maior será a contribuição de um programa de ação cultural no desenvolvimento social dos grupos envolvidos. Nessa linha, ressalta-se a adequação da estratégia do Orçamento Participativo, em que as próprias comunidades decidem as prioridades das políticas públicas em todas as áreas, entres elas as políticas culturais locais. São as próprias pessoas que, em seminários abertos, discutem os seus problemas, informam-se sobre as estratégias de solução e decidem sobre prioridades e táticas de sua implementação.

Então, ao considerar-se o conceito de cultura em sua dimensão mais ampla, que envolve todas as manifestações do cotidiano das pessoas em suas relações entre si e com a natureza, a ação cultural se converte num mecanismo eficaz para o desenvolvimento social. Assim entendida, ela contribui para transformar as pessoas, democratizar a cultura e responsabilizar os sujeitos enquanto atores de suas próprias trajetórias pessoais. E, então, através da democratização da tomada de decisões, a ação cultural se converte, também, num fator importante de inclusão social, enquanto direito de cidadania.

6 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Ciência sem consciência é a ruína da alma
Rabelais, Pantagruel, VIII*

Um aspecto que caracteriza o caminho metodológico percorrido é o claro interesse em manter uma certa distância dos procedimentos e pressupostos da pesquisa tradicional. A rigidez do método e o rigor da objetividade seriam obstáculos que atrapalhariam uma aproximação maior com os fenômenos, em especial no que se refere às questões educativas e culturais, que possuem atributos e significados peculiares, particulares e subjetivos.

Mais livre, a investigação contemplou espaços para os elementos transitórios, circunstanciais e pessoais que fizeram parte do seu objeto. Com isso, as interpretações dos resultados foram feitas numa perspectiva que os vê como sentidos e significações específicos, singulares, locais. Baseou-se num modelo de experimentação próprio e que, na ótica de uma pesquisa qualitativa, não previu qualquer tipo de generalização dos seus resultados.

Para relatar e interpretar os resultados, também foram seguidas estradas não convencionais. Sob influência direta de Michel Serres, em especial das obras *A Lenda dos Anjos* (1995) e *Filosofia Mestiça* (1993), para esclarecer ou facilitar as explicações, foram utilizadas metáforas textuais e imagens visuais (fotografias). A inserção de licenças poéticas foi feita de forma proposital, por ser considerada um elemento útil para facilitar a compreensão do sentido do texto e possibilitar a

inserção da subjetividade do pesquisador como elemento persistente no decorrer do trabalho.

Desse modo, a pesquisa se fez livre dos ferrolhos do rigor metodológico convencional, ofereceu espaços para curvas, para retornos, para paradas imprevistas, etc. , tendo em vista prioritariamente as expectativas e a motivação dos sujeitos e o rigor da produção acadêmica..

Seguiu um caminho tortuoso, permitidas idas e vindas, com sucessivos retornos em busca da saída, num percurso mais instigante, e perturbador do que seria possível numa investigação tradicional, que respeitasse os cânones acadêmicos convencionais.

A primeira influência, e talvez a mais importante, na definição da metodologia desta pesquisa, foi Paulo Freire, ao propor alguns princípios que serviram de suportes ideológicos para os métodos alternativos de investigação, a saber: o acesso ao conhecimento científico e técnico como mecanismos necessários para o desvendamento da realidade e sua transformação, através do trabalho; o papel da criatividade como estratégia de geração de novas formas de participação em todos os aspectos que afetam o desenvolvimento social e econômico; a importância da organização em grupos autônomos, nos quais os sujeitos se convertam nos agentes de sua própria libertação; e, finalmente, os meios de comunicação sendo utilizados para o acesso à gestão e à produção de mensagens e seus conteúdos pelos próprios sujeitos (FREIRE, 1981).

As bases para a construção do caminho metodológico foram encontradas especialmente em BRANDÃO (1982;1987), DEMO (1986;1997) ; HAGUETTE (2000) e LUDKE&ANDRÉ (1986). Na forma de uma pesquisa qualitativa, teve o ambiente natural como sua fonte e o pesquisador como seu principal instrumento. Nessa perspectiva, o processo em que se desenvolveu a investigação é mais relevante do que os seus eventuais produtos finais, tendo como o seu foco de atenção o significado que as pessoas dão às coisas e à própria vida.

A justificativa para se fugir da rigidez do formalismo da ciência tradicional, refere-se ao fato de que a opção por uma metodologia de pesquisa quantitativa impediria uma aproximação mais direta com os fenômenos estudados, em especial com as questões educativas e culturais, já que estas possuem atributos e significados peculiares.

Esse interesse maior na interpretação dos significados culturais funda-se no pressuposto de que o comportamento humano é influenciado pelo contexto em que a pessoa está inserida. Isso impede que se desloquem os indivíduos de seu ambiente natural, sob pena de não se compreender o fenômeno em sua globalidade. Seria impossível também compreender as atitudes, os sonhos, as expectativas das pessoas abstraindo-as do quadro cultural em que interpretam os seus sentimentos, pensamentos e ações.

Um aspecto metodológico próprio deste trabalho constituiu-se no fato de que o pesquisador desempenhou, ao mesmo tempo, dois papéis diferentes: o de investigador, em sua acepção concreta e prática, e o de responsável pelo planejamento cultural da

comunidade de São José dos Ausentes, objeto deste trabalho. Assume então posições por vezes antagônicas, ao acompanhar, analisar e avaliar decisões que ele próprio, muitas vezes, ajuda a tomar.

De acordo com o caminho escolhido e com os pressupostos teóricos que orientam a pesquisa, a sua abordagem se fez mais livre em relação à objetividade exigida pelas metodologias tradicionais, restrita ao necessário para que o rigor científico da investigação seja preservado. E, no que toca à abrangência dos resultados desta tese, ela se fixou na interpretação de questões locais, específicas e situadas em seu contexto próprio e particular. Embora se refira a questões globais, que dizem respeito a todo o planeta, como a preocupação ecológica, a exclusão social, a solidariedade e a sustentabilidade da vida, dirigindo o seu foco ao território em que se situam os atores, ao cenário e às ações a ele vinculadas.

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada no próprio contexto, rotinas e cotidiano dos participantes, uma vez que qualquer tipo de deslocamento das pessoas de seu ambiente natural poderia influenciar no tipo de participação dos sujeitos. Como apontam LUDKE & ANDRÉ (1986) torna-se praticamente impossível compreender o comportamento de cada um dos sujeitos, interpretar seus sentimentos, pensamentos ou ações, sem o cenário cultural em que atuam. Em especial por se tratar de uma comunidade rural, afastada por diversos elementos da convivência urbana, qualquer interferência desse tipo seria problemática para os objetivos da pesquisa, comprometendo a validade do tipo de manifestações dos membros daquela comunidade.

6.1 Sujeitos da Pesquisa

O universo se constituiu pela comunidade de professores, alunos e técnico-administrativos da Universidade e pela população de São José dos Ausentes que se envolveu diretamente nas ações propostas pelo Programa no período de 1995 a 2001, subdivididos em dois grupos:

- a) professores, alunos e técnicos-administrativos da UFRGS que se destacaram por sua atuação decisiva e engajada com o Programa, de cujas ações possam ser identificados resultados concretos e qualificados.
- b) pessoas da comunidade indicadas através de contatos informais entre aqueles reconhecidamente engajados no processo de mudança social de São José dos Ausentes nas esferas política, econômica, educacional, saúde, meio ambiente, ecologia, cultura e turismo, acrescidos dos nomes de outros sujeitos apontados pelos entrevistados .

Nessa linha, foram inseridos sujeitos pertencentes às seguintes categorias:

bóias-frias, ou seja, pessoas que atuam sazonalmente nas fazendas e que estão excluídos do sistema produtivo formal, sem remuneração definida nem direitos trabalhistas;

pequenos proprietários rurais que conseguem manter-se com a exploração da agricultura ou da pecuária;

grandes proprietários rurais, que se mantêm através da agricultura extensiva ou criação de gado;

professores pertencentes à rede de ensino do Município;

funcionários públicos que atuam na atual administração da Prefeitura Municipal;

donas de casa, aposentados, alunos e outras categorias;

A pesquisa buscou, através da manifestação de sujeitos de diferentes segmentos sociais, a descrição, análise e interpretação do significado dos valores culturais que consideram como sendo os traços que caracterizam e que definem a identidade cultural daquela comunidade. Trata-se de uma amostra intencional, própria da pesquisa participante (BRANDÃO, 1987), uma vez que o critério básico para a escolha dos sujeitos, foi o interesse pessoal demonstrado pelos sujeitos em integrar-se à investigação. Mediante prévio consentimento, essas pessoas tiveram os seus nomes divulgados ou, em alguns casos, substituídos por pseudônimos.

6.2 Métodos e Técnicas de Coleta dos Dados

Os dados foram coletados através de entrevistas, sob a forma de histórias de vida, da reconstrução da história da comunidade através da análise de documentos e, especialmente, pela participação dos sujeitos na construção de alternativas de melhoria da qualidade de vida dos grupos envolvidos.

Cada experiência de vida relatada transformou-se num peculiar e exclusivo elemento que encadeia e que integra o processo de construção de um projeto que se pretendeu coletivo e democrático de mudança social através da ação cultural, em correspondência às referências teóricas propostas por DEMO (1986;1997), BRANDÃO (1987) e HAGUETTE (2000).

A história oral foi utilizada por se constituir numa técnica de coleta de dados que é reconhecida como uma estratégia eficaz e complementar de depoimentos representativos do universo da pesquisa. Mais do que a análise de depoimentos isolados, a técnica possibilitou que se cruzassem as informações individuais e se confrontassem as diferentes versões coletadas em torno de um mesmo objeto. Trata-se, de acordo com CAMARGO (1987), de um modo de fazer com que o depoimento oral apresente um grau de fidedignidade equivalente à da documentação escrita e que neutralize a subjetividade de cada narrativa.

A investigação assumiu a abrangência de um estudo etnográfico, tendo o ambiente natural como sua fonte e o pesquisador como seu principal instrumento, relacionando dados predominantemente descritivos, onde o processo é mais relevante que o produto, e o significado que as pessoas dão às coisas e à própria vida é o foco de atenção.

Os depoimentos dos habitantes sobre a realidade em que vivem diz respeito às próprias experiências pessoais e às expectativas dos sujeitos em relação ao seu futuro como indivíduos e como grupo social. Através das histórias de vida, se conseguiu que os sujeitos revelassem os seus sonhos, expectativas e frustrações, tanto no que se refere à condição pessoal de cada um, quanto em relação às perspectivas comunitárias. Em ANEXO B, foram reunidas as perguntas que serviram de roteiro para os depoimentos e entrevistas.

Outro ponto que contribuiu para o alcance dos objetivos da investigação foi o tipo de relacionamento estabelecido entre as equipes da universidade e a comunidade, marcado com um alto grau

de informalismo, entrosamento e interação, bem maior do que a técnica de pesquisa o exigiria. E, finalmente, o caráter lúdico que envolveu a realização de todas as atividades de redução, ou até mesmo a eliminação, de problemas de ordem pessoal que poderiam comprometer a participação coletiva, tais como timidez, preconceitos, distância social, entre outros.

Finalmente, foi aplicada a técnica de análise de conteúdo para interpretar as matérias veiculadas pela televisão, revistas e jornais, para a divulgação do Município. Como este trabalho segue uma abordagem qualitativa, essa técnica voltou-se à identificação da presença ou ausência de determinados temas, buscando estabelecer os significados das comunicações a partir de um processo de análise subjetiva. (BARDIN, 1979; MINAYO, 1994; PEREIRA, 1998, RICHARDSON, 1999).

Entre as opções de operacionalização que a técnica adotada permite¹⁰, optou-se pela *análise representacional* que, conforme PEREIRA (1999), é útil para medir as atitudes do locutor em relação aos objetos sobre os quais ele fala, sejam pessoas, coisas ou acontecimentos. Nesse sentido, entende-se como atitude a predisposição estável e organizada frente aos objetos tratados.

Nessa linha, houve a permanente preocupação em identificar as bases das atitudes que estão por detrás dos relatos. A atenção, então, centralizou-se na avaliação que o locutor faz dos objetos, levando em conta a direção e a intensidade dos juízo.

¹⁰ De acordo com MINAYO (1994), a análise de conteúdo pode ser operacionalizada através da análise de expressões, de relações, de representações, de enunciação e temática, que foram convenientemente detalhadas por PEREIRA (1999).

A fim de aprofundar a interpretação dos dados, foi inserida também a *análise temática*, que se vincula à interpretação das mensagens que se referem aos assuntos enfocados pelas matérias. Para sua implementação, foram construídas categorias, diretamente vinculadas aos objetivos da investigação, que equivalem àquelas que constituem o CD-rom *São José dos Ausentes* (ANEXO A), a saber: história, terra, nome, homem, ambiente, turismo, economia, imaginário, localização geográfica e hospitalidade.

Desse modo, foram avaliados os resultados da investigação na ótica dos meios de comunicação, correspondendo ao período 1995 a 2002, perfazendo dez(10) reportagens, conforme especificação abaixo:

Pelas Bandas dos Pampas. **Terra**, junho, 2000

Andando nas Nuvens. **Isto É**. n. 1596, 3 de maio, 2000

A Patagônia Brasileira. **Pesca Esportiva**, n.22

A Cidade dos Ausentes. **Época**, 24 de abril, 2000

Trutas com Chimarrão. **Pesca Esportiva**, ano VII, n.70

A Neve está Chegando. **Terra**, ano 9, n.6,ed.98, junho 2000

Bem Além das Trutas. **Pesca & Cia**. ano VIII, n.88

São José dos Ausentes: um Lugar Chamado Aventura. **Viva no Sul**. Ano 3, n.30, maio 2001

Brasil nas Alturas. **Terra**, ano 8, n.6, ed. 86, junho 1999

Nas Alturas de São José dos Ausentes. **Terra**, junho, 1999

Foi também feita a clipagem das matérias sobre o Município no período 1995-2002 veiculadas nos seguintes jornais: Zero Hora, Correio do Povo, Gazeta Mercantil, Jornal do Comércio (Porto Alegre); Pioneiro (Caxias do Sul) e Gazeta Serrana (Bom Jesus).

Para poder comparar os resultados do Programa com a divulgação anterior, fez-se um levantamento histórico, até 1985 (oito anos antes da municipalização), para melhor avaliar o significado político da emancipação. Embora tenha sido encontrado farta programação da televisão focalizando o contexto estudado, optou-se para utilizá-la numa outra oportunidade, posterior a esta pesquisa,.

E, como já foi indicado anteriormente, a fotografia se constituiu num segundo texto a ser lido, evidenciando, dentro da perspectiva proposta por BITTENCOURT-MONTEIRO (2000) que, sob a denominação de Teoria dos Universos Circundantes, oferece uma metodologia experimental para aplicação na fotografia na percepção espacial dos sujeitos. Dentro dessa linha, através do registro de imagens fotográficas, puderam ser feitas reflexões teóricas envolvendo o espaço, seus atores, atmosferas, elementos de composição, com o texto escrito. Desse modo, o autor ofereceu a base teórica necessária para se utilizar a fotografia como texto visual desta tese, falando por si mesma em tal conexão com o texto gráfico a ponto de, em alguns casos, prescindir de legendas.

De acordo com as características e os objetivos próprios da metodologia selecionada, os dados foram interpretados individualmente, contextualizados caso a caso com a realidade em que se inserem e com as referências teóricas que os fundamentam, de acordo com a metodologia proposta por BRANDÃO (1987) e HAGUETTE (2000).

Eis que se conclui aqui o relato do caminho metodológico perseguido. No começo tudo parecia muito bem delineado, numa abordagem de pesquisa que, mesmo desejando ser

diferente, permanecia convencional . Havia uma preocupação exagerada com o rigor metodológico, caminho que poderia conferir ao projeto um ar objetivo, claro e preciso. Aos poucos isso foi se transformando. E o que aparentava ser fácil, foi se mostrando complexo. O trânsito se tornou maluco, assustador. Como placas de sinalização, alguns conceitos tiveram que ser revisados, em especial aqueles vinculados à ação cultural, ao papel do intelectual na sociedade contemporânea e, ainda, à concepção de cultura.

Então o primeiro obstáculo foi vencido. O novelo de linha foi lançado e o caminho começou a ser desvendado. A cada avanço, várias dúvidas, inúmeros retornos. Definidos os conceitos de forma satisfatória, com certa estabilidade, mas sempre presumivelmente provisórios, passíveis de discussão, de atualização ou até mesmo de substituição. Ao surgir uma nova parede, fechava-se um corredor do labirinto e era dada mais uma volta. Já que não se encontrava a opção certa, que poderia conduzir à saída, mais dúvidas, mais retornos. Tratava-se da busca de um caminho crítico, cujos passos eram definidos um a um a partir de um severo rigor metodológico. Isso exigia que fossem dados muitas voltas e retornos, até se chegar ao objetivo final.

Como já se disse anteriormente, a solução foi a imposição de um distanciamento, o mais amplo possível, com as metodologias de pesquisa tradicionais. E, com ele, uma decorrente aproximação, a maior possível, com estudos culturais individualizados, que oferecem ao pesquisador a liberdade necessária para ele mesmo traçar o seu próprio rumo, sem que se sinta amarrado a métodos que, por serem muito fechados, lhe entrem a ação.

O rigor científico, por sua vez, foi perseguido em cada passo, mas de forma aberta, mais compreensiva. No caminho metodológico, essa flexibilidade se operacionalizou através da destinação de espaços mais amplos para a subjetividade, para a emoção, para a paixão, para o sonho e, enfim, para uma nova utopia. A influência direta, nesse momento, deve-se a MATURANA (1998), MORIN (2000b) e SANTOS (1991).

A liberdade do método permitiu que os momentos de silêncio, pontos de vista diferentes e enunciados ainda não articulados, fossem incluídos na pesquisa, como objetos de análise. A ênfase, em todo os momentos, foi atribuída aos sujeitos, aos significados que as pessoas dão à própria vida, ao contexto cultural em que se situam. Para ouvir a voz desses atores, só um cenário metodológico desse tipo tornaria possível. Qualquer amarra a métodos e técnicas baseados em descrições e dados quantitativos só atrapalharia. Talvez mudassem o tom, as palavras e as coisas ditas, podendo apenas levar a resultados superficiais, desprovidos de um interesse científico maior em relação aos objetivos do trabalho.

Esse sentimento é traduzido por BRANDÃO (1987, p.7), quando afirma que:

Há segredos que se ocultam nas teorias; assuntos do humano que há no ofício do pesquisador e que somente o pensar sobre a prática pessoal revela. Durante anos aprendemos que boa parte de uma metodologia científica adequada serve para proteger o sujeito de si próprio, de sua própria pessoa, ou seja: de sua subjetividade. Que entre quem pesquisa e quem é pesquisado não exista senão uma proximidade policiada entre o *método* (o sujeito dissolvido em ciência) e o *objeto* (o outro sujeito dissolvido em dado). Fora do domínio de qualquer interesse que não o da própria ciência, tudo se resolve com uma boa teoria no princípio, uma objetiva neutralidade no meio e uma rigorosa articulação de ambas as coisas com os dados obtidos, no final (BRANDÃO, 1987, p.7).

E exatamente quando se romperam os vínculos com o método tradicional, quando se passou a perseguir o diferente, o não convencional, ousando cair num buraco para ver até onde ia – por que não ao País das Maravilhas de Alice? - sem que se percebesse, o caminho foi descoberto. Ao provocar um abalo no que convencional, naquilo que se deseja ou que se está acostumado a ver, dizer e ouvir, lá estava ele. O caminho crítico se delineara, em silêncio, aos poucos, sem maiores alardes.

Ao se dar espaço para transgredir, para radicalizar as relações do pesquisador com o saber, para redefinir problemas, objetivos e o próprio rumo, com chance de mudar sempre que necessário, firmaram-se as bases do caminho. Ao pautar-se em práticas de investigação que valorizam o diferente ao invés do igual, que ignoram o convencional, substituído pelo arrojado, enfim ao ousar, o caminho firmou-se em bases próprias .

Talvez deste estudo possam ser extraídos elementos que sirvam de referência para que outros sujeitos, em locais diferentes, mas com idêntica problemática, que facilmente se encontram no País, possam também se fazer ouvir, construindo alternativas para um mundo melhor. Quem sabe se a solidariedade, a fraternidade e liberdade deixem de ser apenas conceitos vagos, para tornarem concretos os significados que já possuem dentro de si mesmas? Afinal, foi para isso que tais palavras foram pensadas.

É necessário apenas que saiam do mundo dos signos para o cotidiano, iluminando-o com o brilho de seus referentes. Quem

sabe de repente se possa vislumbrar uma utopia que se faça mais próxima, mais possível, mais tangível? Quem sabe, talvez um dia.

6.3 A Escolha do Modelo de Pesquisa Participante

*Não é necessário que o pesquisador
se faça operário ou como ele, para conhecê-lo.
É necessário que o cientista e sua ciência sejam, primeiro,
um momento
de compromisso e participação com o trabalho histórico
e os projetos de luta do outro, a quem,
mais do que conhecer para explicar,
a pesquisa pretende compreender para servir.
Carlos Rodrigues Brandão*

De acordo com o que foi até aqui apresentado, três premissas epistemológicas alicerçam esta tese. A primeira é a de que o conhecimento social é possível quando há envolvimento, ou até mesmo comprometimento pessoal entre o pesquisador e aqueles que ele estuda. A segunda, a de que tanto intenções premeditadas, como relações políticas ou pessoais estabelecidas, sugerem a escolha da metodologia para realização do trabalho muito mais adequadamente do que métodos de pesquisa tradicional, definidos *a priori*. E, finalmente, a terceira, de que uma pesquisa de campo depende tanto dos pressupostos teóricos que a orientam tanto do modo como o pesquisador se coloca *na* pesquisa e *através* dela e, a partir daí constitui simbolicamente o *outro* que investiga. (BRANDÃO, 1987).

Além do método da pesquisa, tais pressupostos representam uma atitude diante do outro: conviver com ele no seu mundo, aprender os seus códigos, viver, pensar, sentir a vida com ele. A *alteridade*, ou seja, o conhecimento e a aceitação *do outro*, só se concretiza a partir de uma

inserção pessoal do investigador na cultura *do outro*, uma vez que “[. . .] o primeiro fio de lógica do pesquisador deve ser não o seu, o de sua ciência, mas o da própria cultura que investiga, tal como a expressam os próprios sujeitos que a vivem” (Op. cit., p.12).

Desse modo, tais princípios sintetizam o que se entende como a *observação* participante, que se constitui na base, necessária mas não suficiente, em que se firma a pesquisa participante. É importante lembrar que, embora sendo a observação participante uma técnica muito útil de pesquisa, ela pode ser realizada sem exigir qualquer tipo de participação política. Isso ocorre quando o pesquisador, mesmo que totalmente inserido na vida do outro, pode não se sentir responsabilizado pelo processo de mudança social que a sua presença naquele espaço cultural pode provocar. Diante disso, para dar mais coerência ao método, sejam aplicadas técnicas não convencionais de pesquisa, como, por exemplo, o relato de outros observadores, que não precisam ser necessariamente cientistas:

Quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história (Op.cit. , p.13).

Evidentemente que na pesquisa tradicional, onde não cabem relações pessoais ou políticas de compromisso, os estudos de comunidade são bem mais fáceis de ser realizados. Lembra o autor como era cômodo mandar que apressados *auxiliares de pesquisa* aplicassem centenas de questionários entre sujeitos que, escolhidos através de amostragens *ao acaso antes*, eram comprimidos, reduzidos, sintetizados em objetos, porcentagens, números *sem sujeitos depois*.

Na pesquisa participante isso é praticamente impossível de ocorrer. O pesquisador, ao conviver com pessoas em seu cotidiano, cultura, grupos sociais, aspirações, sonhos e expectativas, passa a compartilhar de suas vidas. Em tais momentos, em situações em que se reduz a distância do outro no seu próprio cotidiano, impõem-se tanto a pesquisa participante quanto a história de vida:

O pesquisador descobre com espanto que a maneira espontânea de um entrevistado falar sobre qualquer assunto é através de sua pessoa. Que a maneira natural de uma pessoa explicar alguma coisa diante do gravador, é através de sua "história de vida", ou através de um fragmento de relações entre sua vida e aquilo a que responde. Em boa medida descobre que métodos e técnicas de que se arma com cuidado são meios arbitrários pelos quais o investigador submete à sua vontade do outro, o investigado (Op.cit., p.14).

Os limites e a redefinição da alteridade ocorrem quando o outro, na condição de um sujeito vivo, próximo, mas provisório na vida do pesquisador, torna-se um companheiro de um compromisso político e de luta popular. Então, isso obriga o pesquisador a refletir, a rever e a repensar não apenas a sua pesquisa, mas a sua própria pessoa :

A relação de participação da prática científica no trabalho político das classes populares desafia o pesquisador a ver e a compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que, constituindo a razão da prática, constitui igualmente a razão da pesquisa [. . .] Não porque – como querem alguns, tantas vezes, - uma fração obediente de sujeitos populares participa subalternamente da pesquisa do pesquisador, mas porque uma pesquisa coletiva participa organicamente de momentos do trabalho de classe, quando ela precisa se reconhecer no conhecimento da ciência. (BRANDÃO, 1987, p.13).

Decidida a técnica da pesquisa participante para este trabalho, o passo seguinte foi escolher um modelo para

operacionalizá-la. A escolha recaiu no modelo de LE BOTERF (1987), por ser o que melhor se adaptava ao caso específico de São José dos Ausentes, às condições particulares (tempo e recursos disponíveis) da situação concreta, aos objetivos perseguidos, e ao contexto da investigação, entre outros fatores.

Nesse modelo, a pesquisa envolve quatro fases, que incluem a montagem institucional e metodológica da pesquisa; o diagnóstico preliminar da região e da população envolvidas; a avaliação e priorização dos problemas apontados pelos participantes e, finalmente, a montagem de um plano de ação que permita a solução dos problemas identificados como prioritários. A seguir, serão detalhados os passos que caracterizam cada uma das fases, uma vez que, em decorrência deles, serão organizados os relatos constantes do capítulo seguinte.

6.3.1 A Montagem da Pesquisa Participante

Esta etapa se iniciou com um seminário público, em que a pesquisadora apresentou a proposta inicial, o seu quadro teórico, objetivos, conceitos e metodologia a ser aplicada. Na mesma ocasião, foram distribuídas tarefas e responsabilidades entre os participantes e fixado um cronograma inicial.

De acordo com o modelo utilizado, tais tarefas supõem a organização de uma estrutura de orientação do projeto, trabalhando em estreita relação com as equipes de intervenção e de pesquisa, encarregada de promover as várias atividades previstas no processo todo. Em função disso, no mesmo encontro, foram indicados a própria

pesquisadora, pela Universidade, e o Secretário de Turismo do Município, Aécio Boeira, representando a comunidade.

6.3.2 O Diagnóstico da Comunidade e da Região

Esta fase incluiu, como o título sugere, a realização de um diagnóstico da região e da população, para identificar a estrutura social da população envolvida, revelar o universo vivido pela população e os principais acontecimentos de sua história local e, em especial, recensear os dados sócio-econômicos locais, em especial os que se referem à economia, sociedade, educação, saúde, cultura e trabalho. São estes elementos interdependentes, úteis para revelar as necessidades experimentadas e expressas dos grupos, o que, por sua vez, serviu para orientar a constituição do plano de ação, meta final prevista para este trabalho.

Através da identificação da estrutura social da população foram analisadas as necessidades e os problemas dos grupos, de acordo com as categorias ou classes sociais a que pertencem. O diagnóstico se constituiu numa estratégia fundamental para que se conhecesse a população local.

Neste momento foi necessário um envolvimento profundo dos pesquisadores com os grupos sociais, em especial com aqueles mais afastados do poder ou dele excluídos. Com isso, foi possível que se identificassem os diferentes grupos existentes, os tipos de relações que mantêm entre si, as funções sociais de cada um e, finalmente, os objetivos que perseguem.

O termo *comunidade*, complexo e indefinido, pode sugerir interpretações errôneas do que sejam os interesses dos grupos, seus conflitos e oportunidades. Trata-se de um conceito que é aplicado muitas vezes de forma abstrata, inconseqüente ou até fantasiosa para descrever os segmentos e as relações dos grupos dentro da população:

O próprio termo "comunidade" faz referência a um conjunto de indivíduos relativamente homogêneo. Ele oculta o próprio fato da diferenciação social interna, as posições dos grupos e até mesmo as relações conflituosas existentes entre estes últimos [. . .] O termo "comunidade" mascara os interesses opostos que existem entre os grupos sociais porque estes ocupam posições diferentes no processo de produção (LE BOTERF, 1987, p. 55).

Afirmar que um determinado grupo se constitua numa comunidade, portanto, não significa necessariamente que existam entre os diferentes segmentos sociais que o compõem apenas interesses homogêneos, relações sociais harmoniosas e de um sistema de valores comuns e consensuais. O termo não permite que se afirme existir, dentro do grupo, uma identidade que o torne coeso, pronto a se opor às agressões externas. Ao contrário, se deve ter presente que tanto os interesses, como os problemas e as necessidades de um determinado grupo não são os mesmos dos demais segmentos, o que pode se transformar em conflitos latentes ou manifestos entre eles.

Desse modo, embora constituindo uma comunidade, o grupo formado por trabalhadores sem-terra, agregados informalmente à agricultura, por artesãos, pequenos comerciantes, pequenos proprietários rurais, etc., podem ter interesses, expectativas e problemas diferentes e até mesmo contrários. Além disso, as representações das condições de

vida, as aspirações e os interesses de cada um podem variar também de acordo com as características ideológicas ou religiosas de cada um.

Como a pesquisa participante prevê e permite, nesta etapa se escolheu junto a quem e com quem se pretende intervir. Trata-se de uma decisão importante, já que neste momento são identificados os sujeitos que se encarregarão das próximas etapas da investigação. Todavia o autor lembra que essa tipologia dos grupos deve ser feita com o maior grau de distanciamento crítico possível, uma vez que os pesquisadores correm o risco de se deixarem influenciar demasiadamente por alguns, em detrimento de outros. Daí podem resultar classificações simplistas e maniqueístas, com, por exemplo, divisões entre os bons e os maus, os reacionários e os progressistas, os exploradores e os explorados, etc. (LE BOTERF, op.cit.).

A descoberta do universo vivido pelos sujeitos é outro momento desta etapa, para se identificar qual é o ponto de vista das pessoas acerca das situações em que vivem. Como os indivíduos percebem e interpretam tais situações? Quais os seus problemas e preocupações? Para o êxito da pesquisa, é fundamental que se apreenda qual é a lógica dos sujeitos, uma vez que é a partir dela que se definem os rumos da pesquisa participante:

Não nos esqueçamos que uma das principais características da pesquisa participante é que ela parte de problemas colocados pelos pesquisados, problemas que eles estão dispostos a estudar. Ela parte do mundo cotidiano do povo e escuta sua voz. Importa igualmente compreender a história vivida, revelada pela memória individual e coletiva: quais são os conflitos, as desconfianças, as alianças e as lutas pela terra? A história cotidiana de um povo é a da luta cotidiana contra a opressão. (LE BOTERF, 1987, p.58).

Desse modo, não se trata de um simples contato com a população, para uma falta, fictícia e superficial integração entre os grupos a serem envolvidos na pesquisa. Ao contrário, é o momento em que o pesquisador assume uma postura aberta, de se colocar no lugar do outro, saindo do seu próprio centro. Trabalhando no nível das representações, ele deve aceitar (que não é o mesmo que aprovar ou adotar) a ideologia dominante e seu impacto, numa atitude de aceitação, de escuta e de simpatia, de viver o cotidiano, o tempo e o espaço das pessoas, ouvi-las, vê-las, observá-las, senti-las e tocá-las, compartilhando com elas sentimentos e sensações.

Através de uma abordagem qualitativa não-estruturada, esta fase tem a finalidade de aproximar, para reduzir a distância gramsciana entre os intelectuais e o povo. E, a fim de reduzir qualquer risco de exagerada inserção subjetiva do pesquisador, é importante que essa análise se combine com um quadro teórico próprio.

Por outro lado, os principais dados sócio-econômicos da região, necessários para subsidiar o planejamento, localizando a comunidade em seu contexto regional, foram levantados junto à própria Prefeitura. Esse diagnóstico incluiu o levantamento dos aspectos biofísicos (clima, chuvas, uso do solo, regime de águas, etc.), demográficos (distribuição da população, movimentos migratórios, etc.), econômicos (artesanato, agricultura, pecuária, comercialização, etc.), sociais (saúde, habitação, transportes, tradições, imaginário, etc.), educativos (perfil escolar, rede de ensino, etc.) e familiares (condições de sobrevivência, qualidade de vida, expectativas, etc.).

A técnica da análise documental foi utilizada para fazer esse diagnóstico, a partir da interpretação de jornais, documentos, arquivos, relatórios, já disponíveis. Isso permitiu uma certa rapidez nesta fase, que possui um caráter provisório, enquanto primeira forma de aproximação com a comunidade.

6.3.3 A Seleção de Prioridades

*Não se trata somente de compreender
a realidade, mas de transformá-la.
Le Boterf*

Os problemas selecionados na etapa anterior foram discutidos entre os grupos de interesse que se formaram espontaneamente na comunidade. Entre as estratégias utilizadas, citam-se a introdução das questões como atividade educativa no quadro do sistema escolar e a reunião de grupos nas próprias localidades ou regiões onde os problemas ocorrem. De acordo com o modelo escolhido, para operacionalizá-las foram indicadas pessoas da comunidade que, e na função de orientadores, organizaram o trabalho a ser realizado pelos grupos de interesse. Para isso, o método da pesquisa participante e a sua base teórica foram apresentadas e discutidas com os sujeitos. E, assim, foram identificadas pessoas que se vinculam aos contextos em que se circunscreviam os problemas a ser analisados e que conheciam muito bem o meio social a que pertencem os membros do grupo.

O objetivo dessa etapa definiu-se como sendo o de aprofundar a abordagem dos problemas, extraindo deles as aparências imediatas e relações cotidianas, para tentar atingir a sua essência, a sua base. Para obtê-lo, partiu-se da representação que cada dos sujeitos fazia do problema. Depois disso, as diferentes representações pessoais foram

comparadas entre si e, finalmente, foi possível a definição, feita de forma coletiva, das alternativas desejadas para resolver as questões. Assim, todo o processo decisório seguiu um caminho democrático, que se construiu a partir de decisões coletivas, tomadas através da participação de representantes dos diversos segmentos sociais, reconhecidos e aceitos pela comunidade como seus representantes:

“Ah! Eu não vou a todas as reuniões porque não posso deixar a fazenda. Mas o Xico vai e aí ele me conta. E eu sei que o que ele disser é o melhor para nós. Outra vez, vou eu e ele fica em casa. Eu ou ele, dá na mesma”.

(D.Nilda, dona de casa, Fazenda Potreirinhos, conversas ao pé do fogo)

Nesse momento, os pontos que já se sabia sobre os problemas identificados na fase anterior foram contextualizados, pela inserção de detalhes específicos para cada um, resultantes da contribuição pessoal daqueles sujeitos mais diretamente envolvidos, incluindo: onde e quando surgiram (distrito, vila, sede, escola, etc.), os fatos que os determinaram (falta de recursos financeiros, êxodo rural, problemas individuais, etc.), como se manifestaram (ausências, crises, discussões, etc.), quem é afetado por eles, quais as suas conseqüências, e que tipos de tentativas já foram feitas para solucioná-los. Finalmente, a partir desse diagnóstico, definiam-se as alternativas que poderiam ser utilizadas para resolução dos problemas.

É importante ressaltar que as ações propostas nesta etapa se fundamentaram tanto nos dados apontados pela própria comunidade, quanto em conhecimentos científicos formais, trazidos pela Universidade. Em todos os momentos, houve a preocupação em integrar tais dados, através de encontros sistemáticos para debate e, no caso das

referências teóricas, acadêmicas, foram utilizadas técnicas específicas de comunicação popular, a fim de apresentar os conteúdos de forma agradável, compreensível e interessante para todos os segmentos envolvidos:

“É muito diferente falar para nossos alunos e para a comunidade. Quando eu estou lá, explicando que eles não podem mais queimar o campo, tenho que me transformar num deles, entender que a queimada faz parte da vida dele. Mas que está errada. Que eles não podem mais queimar? Por que? Porque senão daqui há pouco não sobra mais nada para os netos deles [. . .]”.

(Dr. Aino Jaques, projeto substituição das queimadas, conversas ao pé do fogo)

Entre todas as etapas da pesquisa, foi sem dúvida esta a que exigiu maior integração entre os diferentes saberes e culturas. Dependia de uma comunicação eficaz a obtenção de resultados realmente integrados à cultura local, que era um dos pressupostos deste trabalho, desde o seu início.

6.3.4 A Construção do Plano de Ação

A última etapa da pesquisa participante se constituiu na construção de um plano de ação a partir dos problemas identificados.

O setor educacional foi de imediato apontado como sendo o mais adequado para dar continuidade à proposta. A comunidade reconhecia nos seus alunos e professores o papel de agentes de mudança. Por decisão coletiva, foram apontadas as atividades educativas que possibilitariam melhor analisar os problemas e

as situações vividas, construir alternativas voltadas à melhoria do contexto atual e imediato, mas que, acima de tudo, permitiriam que fossem realizadas ações educativas a médio e longo prazo, que tornassem possível a execução das medidas através de seu reconhecimento, aceitação e responsabilidade por todos os sujeitos envolvidos:

“Quando a gente quer mudar, mesmo, é só falar lá na escola. Logo as crianças cobram em casa. É o lixo, é o mal que o açúcar pode fazer, é tudo isso. É só o professor falar, que se torna verdade. E a gente tem que aceitar, senão! [. . .]”

(D. Denise, dona de casa, fazenda São José do Silveira, conversas ao pé do fogão)

Ou também:

“O Adolar [=filho] é que traz as novidades. O que ensinam para ele, ele traz para nós. E olha que nós aprendemos muito com ele! Se eles aprendem na escola, todo mundo faz, todo mundo aprende”.

(D. Anastácia, dona de casa, Fazenda Pessegueiro, conversas ao pé do fogão)

De acordo com o modelo, esse plano de ação, bem como a sua implementação, destinaram espaços específicos de divulgação, discussão e avaliação por todos os segmentos envolvidos, prevendo-se a possibilidade de modificações em sua orientação, conteúdo e procedimentos sempre que necessário.

O objetivo visado foi o de que a população participasse efetivamente das decisões, do mesmo modo que esteve presente nas fases anteriores, do diagnóstico à priorização dos problemas. Isso porque, como lembra o autor do modelo aplicado:

[. . .] a ação é um fonte de conhecimentos e novas hipóteses. O diagnóstico, a análise crítica e a ação constituem, assim, três momentos de um processo permanente de estudo, de reflexão e de transformação da realidade, os quais se nutrem mutuamente (LE BOTERF, 1987, p.68).

Portanto, o processo não termina nesta última fase. Ao contrário, a análise crítica da realidade e a implementação dos programas podem levar à indicação de outras perspectivas da realidade, num fluxo contínuo de reflexões. E, deste modo, a pesquisa participante aproxima-se, identifica-se e se ajusta às características que orientam a ação cultural, no sentido que lhe é atribuído neste trabalho.

6.3.5 A Inserção do Orçamento Participativo

Como já foi apresentado no preâmbulo deste relatório, o Orçamento Participativo, estratégia de definição coletiva e democrática das prioridades para aplicação do orçamento público, foi implantada em Porto Alegre em 1989 e no Rio Grande do Sul no ano de 1999. Portanto, foi um mecanismo político que, embora inesperado, foi de grande importância para dar fidedignidade a esta investigação, em seu âmbito particular. Isso porque a realização das duas primeiras reuniões do OP no município de São José dos Ausentes coincidiram com o período em que estava sendo executada a investigação. E, diante da identidade de suas propostas, metas e finalidades com as da pesquisa participante, o OP veio a contribuir de forma inesperada e não planejada para o alcance dos objetivos desta tese.

A experiência se constitui num mecanismo de gestão pública que se fundamenta no princípio que a democracia participativa é uma forma de alargamento e de qualificação do alcance da

democracia representativa, baseada na definição de prioridades para a aplicação orçamentária a partir de decisões coletivas.

Em reuniões abertas, organizadas em micro-regiões em que foi subdividido o estado, são priorizados os problemas a ser resolvidos e os gastos a serem despendidos, para determinação das prioridades do governo estadual. Com essa dinâmica, rompe-se o tradicional distanciamento entre a realidade das necessidades sociais e a formalização de planos elaborados tradicionalmente em gabinetes de governos, por aqueles que dentro do sistema de democracia representativa, foram eleitos como representantes das comunidades.

Ao refletir sobre a aplicação do Orçamento Participativo em Porto Alegre, FEDOZZI (1999) traça um panorama qualificado sobre o fenômeno, a partir de um vasto referencial teórico e de uma detalhada análise da experiência, seu alcance e limitações. O autor se pergunta se Orçamento Participativo (OP) de Porto Alegre está realmente promovendo instituições institucionais favoráveis à emergência da cidadania, com o objetivo de, através de uma análise sociológica verificar até que ponto essa nova modalidade de gestão pública " [. . .] contém elementos de ruptura ou de continuidade em relação aos padrões tradicionais de dominação patrimonial-burocrática que caracterizaram historicamente a gestão do Estado no Brasil" (Op.cit., p.22).

A hipótese que orientou o estudo baseou-se no pressuposto de que o OP representa um esforço para criar condições institucionais favoráveis à emergência da cidadania e que esse processo se traduz em mudanças nas formas de gestão sócio-estatal. A principal

delas se caracteriza pela partilha do poder e através de uma dinâmica institucional própria, baseada em critérios objetivos, impessoais e universais no acesso aos recursos públicos municipais.

Trata-se de uma experiência que vem contribuindo para a despatrimonialização do poder político, através da co-gestão dos recursos públicos que impede as práticas tradicionais de gestão pública local, baseadas em critérios pessoais, particulares, clientelismo, barganha e na "troca de favores". Além disso, a sua metodologia contribui para ampliar o acesso às decisões, tornadas públicas e coletivas, para dar mais transparência ao poder decisório e reduzir a tutela do estado sobre as decisões públicas:

Assim, ao promover um movimento contrário a essas práticas tradicionais de legitimização do poder, o Orçamento Participativo, parece, efetivamente, instituir um novo tipo de contratualidade que é favorável às condições institucionais para o exercício e a promoção da cidadania. (Op.cit. , p.197).

Por outro lado, o OP não é uma estratégia suficiente para garantir a racionalização democrática através da impessoalização do poder. Embora se constitua numa esfera pública democrática que funciona mediante regras universais e impessoais na regulação do fundo público, operacionalizado através de um processo de participação direta da população na gestão local que pretende modificar as relações e poder tradicional, sejam elas clientelistas, populistas ou que privilegiem apenas determinados segmentos sociais, isso não é suficiente. Para garantir o sucesso de seus objetivos, de tornar-se um modelo de democratização da administração pública, outros mecanismos, externo a ele, são igualmente necessários.

É essencial a existência de um certo nível de institucionalização da participação popular diante do sistema político local, aliada a uma certa capacidade de organização e de ação autônomas dos atores sociais populares. Porém isso é muito difícil de se verificar no País, cuja tradição política que se caracteriza por uma marcada ênfase no particularismo de interesses de determinados grupos sociais e por um reconhecido assistencialismo clientelista nas relações entre o poder público e as comunidades locais.

A experiência do OP deve ser vista com certa cautela, não só pelo curto espaço de tempo em que está sendo realizada, mas pela tradição histórica da cultura nacional, de marcada apatia às instâncias de decisão democrática. Nesse sentido, o autor conclui com duas interrogações que permaneceram como pano de fundo neste trabalho: até que ponto o OP não é percebido pelos indivíduos participantes apenas como mais uma forma de cidadania concedida? E, na medida em que a tradição da formação social e política o Brasil fundamenta-se na prevalência e na precedência do Estado em relação à sociedade, que tipos de representações e imaginários de cidadania não estariam permeando os sujeitos que participam desse processo? Tais ponderações tiveram que fazer parte da pesquisa, pela inesperada coincidência de sua implantação em São José dos Ausentes, com este trabalho.

7 A VOZ DOS AUSENTES NA TERRA DO NADA

A fim de manter coerência com a metodologia da pesquisa participante, os resultados da investigação respeitaram, na medida do possível, as quatro etapas que constituem o modelo escolhido. Todavia, já na primeira etapa houve uma inversão: o diagnóstico da região e da população foi realizado antes da montagem do plano de pesquisa participante. Isso porque, diante da inexistência de dados sobre o Município, então emancipado há pouco mais de três anos, percebeu-se ser necessária esta primeira adaptação do modelo.

Assim, neste capítulo serão apresentados, em seqüência: a síntese do diagnóstico da região e da população; a forma como foi elaborado o plano de pesquisa participante; a análise do processo de definição de prioridades e, finalmente, o detalhamento do plano de ação construído para atingir a meta proposta no início deste trabalho, ou seja, de utilizar, aplicar ou experimentar a ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza.

Em cada uma dessas fases foram inseridos e interpretados os dados coletados através das diferentes técnicas de pesquisa, incluindo histórias de vida (indicadas como "conversas ao pé do fogo"), entrevistas e depoimentos (manifestações por escrito, mas não como entrevistas, enviadas à pesquisadora ou publicadas em jornais e revistas), entremeados por recortes dos artigos de revistas, notícias de jornais e trechos extraídos de programas de televisão referidos aos tópicos em discussão.

7.1 Percorrendo as Bandas do Nada

Um dos primeiros aspectos que chama a atenção do leitor das matérias que foram produzidas sobre a região, são os títulos. Tratam-se de construções discursivas que buscam traduzir aquele espaço e seu povo em seus traços marcantes, que são as baixas temperaturas, a beleza da paisagem, a distância geográfica do resto do mundo e a identidade do gaúcho, como se pode observar nos exemplos abaixo:

Andando nas Nuvens

(Camilo Vanucchi, *Isto É*, 3 de maio/2000, n.1596, p.68-69)

Aqui até Neva : um Brasil onde o Inverno é de Verdade

(Xavier Bartaburu, *Terra*, ano 9, n.6, ed.98, junho 2000, p. 48-59)

A Cidade dos Ausentes

(Eliane Brum, *Época*, 24 de abril, 2000, p. 104-106)

A Patagônia Brasileira

(Álvaro Mouawad, *Pesca Esportiva*, ano III, n.22, p. 32-36)

Trutas com Chimarrão

(Gustavo dos Reis Filho, *Pesca & Companhia*, ano VI, n.70, abril [2001], p. 34-37)

Bem Além das Trutas

(Ruy Varela. *Pesca & Companhia*. Ano III, n.22, abril [1998] p. 22-31)

São José dos Ausentes, Encantadora e Desconhecida

(Viva Porto Alegre. Ano 2, n.8, junho 1999, p.10)

São José dos Ausentes, um Lugar Chamado Aventura

(Ivonete Pinto. **Viva no Sul**, ano 3, n.30, maio 2001, p. 18-21)

Nas Alturas de São José dos Ausentes

(Leonardo Sakamoto e Xavier Bartaburu. **Terra**, ano 8, n.6, junho 1999, p. 70-71)

O primeiro ponto que chama a atenção e que identifica José dos Ausentes é a sua situação geográfica, caracterizada por ser o ponto mais alto do Estado, sua distância e seu clima:

Perdida entre as colinas da serra gaúcha, a pequena São José dos Ausentes detém o título de município mais alto do Rio Grande do Sul, a mais de 1200 metros de altitude. E, também, o de mais frio do Estado. A cidade já teve temperaturas de 8 graus negativos e recebe pelo menos três nevascas por ano. O acesso a ela nem sempre é fácil, já que as estradas, de terra, são muitas vezes interditadas. (**Terra**, junho 1999, p.70).

O difícil acesso à cidade também chama a atenção, uma vez que as estradas, ao invés de ligar, parecem querer separar a cidade do resto do mundo:

São 280 quilômetros – 83 deles de pó, ou lama, dependendo da chuva – percorridos em cerca de 6 horas, se não furar nenhum pneu. Isto é o que você precisa saber, de saída, para decidir-se a um fim de semana em São José dos Ausentes (**Viva no Sul**, maio 2001, p.18).

Ou, ainda:

Aqui, gente e gado precisam conviver com o frio. “No inverno, tem dias que o campo todo fica coberto de neve”, diz Domingos Pereira, fazendeiro em São José dos Ausentes. O que não é lá muito lucrativo quando se depende do gado para viver. Invernos rigorosos costumam dar várias baixas no rebanho. : “O que o verão dá, o inverno tira;”, declara solenemente. Mas o inverno também os beneficia com algo. No caso, maçãs, perfeitas para ser cultivadas no frio”. (Terra, junho 2000, p.51)

O ambiente e as baixas temperaturas sempre são os motivos de maior surpresa e atenção:

Barbaridade, tchê!¹¹ Os gaúchos que se aproximam do precipício e olham Santa Catarina lá embaixo não conseguem disfarçar a surpresa diante da paisagem. A divisa exata entre os dois Estados sulinos é a extremidade dos cânions que integram o relevo da serra Geral, separando os elevados campos do Rio Grande do Sul da baixa planície catarinense. As estreitas reentrâncias dos paredões de basalto concedem à região o sugestivo nome de Aparados da Serra. Singrando as escarpas e os vales, inúmeros rios abençoam o terreno e abrem-se em sucessivas quedas d’ água. Só em São José dos Ausentes, foram catalogadas mais de 100 cachoeiras. Mas quem imagina águas escaldantes e tardes de sol durante o ano todo pode vestir a bombacha. A região é das mais frias e úmidas do Brasil, com índices pluviométricos semelhantes aos da Amazônia. (Isto É, 3 de maio de 2000, p.69).

Os ausentinos só costumam ser descobertos pelo resto do mundo no inverno. Como neva julho sim, outro também, a cidade fica famosa uma vez por ao. Os moradores afundam os pés na brancura do campo, posam ao lado de bonecos gigantes, oferecem uma pratada de pinhão aos visitantes. São José dos Ausentes se encarapitou a mais de 1200 metros acima do nível do mar. Quem a alcança vindo de Santa Catarina escala um paredão íngreme de pedras e, depois de se esfalfar pela picada, chega a um horizonte de campos e coxilhas verdes e dourados. Vastidão adornada de cachoeiras de água limpa, como no tempo dos índios, e araucárias de braços espichados para o céu. O silêncio é tão imperativo que até os passarinhos cantam baixo (Época, 24 de abril, 2000, p.105)

¹¹ Expressão popular utilizada para exprimir espanto ou surpresa. É também muito comum o uso do *Bah!*, interjeição que sintetiza os dois termos numa só palavra.

Eis que chega o Nada:

O efeito da inversão térmica é surpreendente nos altos cânions, A unidade que vem do litoral esbarra nas escarpas de até 700 metros de altura e é condensada em pesadas nuvens. O fenômeno é conhecido como "Nada". "Estamos a 30 quilômetros da praia, de onde o ar quente é soprado contra o frio da serra. Quando o Nada surge, fica impossível enxergar o próprio braço, explica o biólogo Paulo Konzen [. . .] (Isto é, 3 de maio, 2000, p. 69).

Enquanto em outros lugares a neblina é ocasional, em São José dos Ausentes ela faz parte do cotidiano, dia sim e outro também:

Pelo meio da tarde de quase todos os dias a boca do cânion da Serra Geral cospe um bafo gelado sobre a cidade de São José dos Ausentes. Vem em forma de fumaça e, para um cristão menos convicto, tem jeito de aparição. Em minutos, a nuvem galopa sobre os campos, dá sumiço na boiada e alcança o lugarejo. O termômetro despenca alguns graus e o dia vira noite. A viração, fenômeno climático causado pelo coque entre o ar quente do mar e a baixa temperatura de cima da serra, aumenta o mistério da localidade mais alta, fria e isolada do Rio Grande do Sul(**Época**, 24 de abril 2000, p.104).

Portanto, uma das maiores presenças em São José dos Ausentes é o Nada. A cerração caracteriza a região, é permanente, faz parte da vida e do imaginário local. Diante disso, trata-se de um elemento importante para ser utilizado como referência da cultura local. Falar do Nada, todos falam,; contar casos, visões de fantasmas, chegada de seres extra-terrestres,todos sabem; conviver com o frio e o isolamento, todos fazem; sobreviver ao Nada, é rotina. Assim, o nada é praticamente tudo para os ausentes. E, como tal, foi eleito como um dos pontos a ser aplicado no projeto de resgate da auto-estima da comunidade, um dos objetivos previstos desde o início deste trabalho.

7.2 Conhecendo os Ausentes

O nome da cidade já traz consigo um pouco de sua história:

O Ausentes no nome do lugar era a alcunha da sesmaria nascida no século XVIII, tão xucra que foi abandonada pelo primeiro povoador e leiloadada duas vezes pela Coroa sem que a colonização vingasse. Cada vez que um tropeiro amarrava as mulas, encontrava o pouso ausente. Até que o aventureiro Antônio Manoel Velho ali criou raízes. Os pouco mais de 3 mil habitantes descendem das quatro famílias pioneiras: Velho, Vieira, Pereira e Valim. As três primeiras têm origem portuguesa. Os da última juram que os ancestrais são franceses. Os outros duvidam. (*Época*, 24 de abril, 2000, p.105)

Ou, numa outra versão:

Diz a lenda que a região era tão inóspita à sobrevivência que espantava os colonos. A solução encontrada pelo governo foi repartir a terra entre famílias de imigrantes portugueses. Passados cinco anos, agentes encarregados do censo populacional encontraram as fazendas vazias. Os sobreviventes ao frio e à fome – já que quase nada vingava em terras onde a camada de solo é tão estreita, - não hesitaram em abandonar a cidade. Os latifúndios foram repartidos mais uma vez e tudo voltou a se repetir. Sempre que o censo chegava à cidade, os moradores estavam ausentes (*Isto é*, op. cit., p.69).

A história é repetida sempre da mesma forma, ou quase: as dificuldades a distância, o isolamento, ressaltando a valentia dos que resistiram é o seu denominador comum. Excluindo diferenças ocasionais entre os relatos, o elo que os integra é o afastamento, as dificuldades de acesso que impediram a sua povoação, até para os seus primeiros proprietários:

Difícil mesmo foi São José dos Ausentes. Os primeiros sesmeiros simplesmente abandonaram as terras . Foi preciso leiloá-las duas vezes em juízo dos ausentes, daí o nome da cidade. Anos depois, um português conseguiu fundar a Fazenda dos Ausentes, que se tornou o maior latifúndio do Rio Grande do Sul. A vila, porém, teve que esperar dois séculos para aparecer. Conta-se que o dono não gostava muito do padre e lhe deu o pior lugar de suas terras para construir a capela. E Ausentes cresceu sobre um banhado, afundado num vale. Cresceu pouco, na verdade. Hoje tem cerca de 1000 habitantes e há poucos meses a cidade nem padre tinha. Eram as freiras que rezavam, casavam e celebravam missa. Agora Ausentes tem um sacerdote, bem avançado, que toca a dupla Osvaldir e Carlos Magrão no alto-falante para chamar à missa. Cidade moderna é isso aí.

Na trajetória da região, são permanentes as referências ao papel dos tropeiros, que traçaram uma rota de comércio passando por lá. Mesmo tão distante, tão afastada e de tão difícil acesso, era um importante caminho para os tropeiros, até hoje considerados os seus primeiros heróis:

Ausentes pode ter tido um começo difícil, mas é inegável que foi obra do tropeirismo, fundamental para o desenvolvimento da região. Os tropeiros surgiram por uma simples necessidade comercial: era preciso escoar a riqueza de São Paulo para o Sul. Há três séculos, dezenas de caminhos foram abertos para que tropas de mulas carregassem os valiosos produtos entre as províncias (Terra, junho 2000, p.53).

Quem consegue chegar lá, sempre encontra pessoas que se orgulham da região, da identidade gaúcha e de seu mosaico étnico-cultural. Ao se sair pelas ruas, vê-se homens vestindo bombachas e calçando botas ou alpargatas, a cavalo, tomando chimarrão. Ao falar, as pessoas utilizam termos cujo significado é conhecido só por elas mesmo. Os que chegam só entendem algumas palavras depois de explicações de algum morador. Por exemplo:

"Bah! - significa surpresa

Bombacha – calça larga que constitui a indumentária do gaúcho

Bugio – dança tradicional gauchesca, baseada no ronco do bugio (macaco)

Coxilha – campos que apresentam suaves elevações

Faca-na-bota – pessoa braba ou valente

Cusco – cachorro, também chamado de *guaipeca*

Fandango – baile

Pilchado - diz-se do homem que esteja usando bombacha, botas, lenço no pescoço e demais adereços da indumentário do gaúcho[. . .]”

(Aécio Boeira, Secretário de Turismo, conversas com chimarão.)

A identidade local dos homens se refere à figura do gaúcho, sob todo os aspectos, desde o caráter até a indumentária. O ausentino incorporou em si a fama de ser valente e nacionalista. Essa bravura atribuída ao gaúcho surgiu em função do grande número de guerras que marcam a história do RS. Já nos séculos XVII e XVIII, foi palco de lutas entre os portugueses e espanhóis pelo domínio da região. Para garantir a posse, a coroa portuguesa distribuiu as terras, dividindo-as em grandes fazendas de gado, ou estâncias. Em 1760, finalmente, foi fundada a capitania do Rio Grande de São Pedro, mas as guerras continuaram. A tal ponto que a bandeira do Rio Grande do Sul, se compõe de três listas justapostas, com cores diferentes: uma verde e outra amarela, representando o Brasil, e a vermelha, que simboliza o sangue derramado em tantas batalhas.

Há alguns traços que são apresentados como características locais, como a inexistência de santos ou personagens históricas dando nome às ruas. Ao contrário, elas são nomeadas como forma de homenagear figuras locais:

A cidade cabe nas vizinhanças da única rua calçada, a Avenida Ismênia Batista Ribeiro Velho, primeira de uma legião de mulheres que mandaram e desmandaram na comunidade. Entre os nomes de ruas não há nenhum Dom Pedro I ou II, nem mesmo um Getúlio Vargas. Qualquer rasgo de chão tem título da terra. (**Época**, op.cit.).

Como já se observa acima, outro ponto a ressaltar é o destaque atribuído à figura feminina que, mesmo numa sociedade de tradição machista, pela própria figura do gaúcho e o imaginário a ele recorrentes, é considerada o elemento mais forte, o centro da vida familiar e social. Todos reconhecem, tanto homens quanto elas mesmas, que as decisões mais importantes a respeito da vida em comum, partem ou são definidas pelas mulheres:

“[. . .] A gente faz que acredita que eles mandam, mas na verdade nós é que decidimos. E não se pode dizer que eles [= os homens] sejam machistas. Nós mulheres é que gostamos que seja assim. Pois a gente sabe que quem manda, mesmo, somos nós. [. . .]”

Dona Altiva, dona de casa ¹²

[. . .] durante o ano, há centenas delas. Há cavalgadas diferentes, como as só de “prendas” (= mulheres), que duram apenas um dia, e nas quais homem não entra. [. . .] (**Espírito de Aventura**, n.2,dez/jan 1998/99,p.63).

“[. . .] É, eu sei que vindo aqui perdi um dia de trabalho . Mas é mais importante estar aqui, ouvir tudo isso de bom que vocês ensinam. Eu só saio ganhando, mesmo que me descontem um dia. Eu sei que a mulher é muito importante, até mais que os homens para levar a vida adiante [. . .] ”

Maria L., bóia-fria, catadora de batatas¹³

¹² Manifestação feita no Dia Internacional da Mulher, 12 de março de 2000, durante atividades comemorativas realizadas no Centro de Tradições Gaúchas.

¹³ Idem.

O imaginário compensa a monotonia e falta de alternativas da realidade. A ausência, que aparece no próprio nome da cidade, é a maior presença na região. Seja ao amanhecer ou ao anoitecer, quando todos se protegem do frio e da neblina, das temperaturas baixíssimas, seja no isolamento geográfico, na distância, tudo colabora para gerar um clima de magia, de segredo, de devoção em santos pessoais, benzeduras e rezas, numa convivência pacífica da vida com a morte, com segredos, mistérios e fantasmas:

A vida seguiria no trote pausado não fosse uma alma penada que há mais de um século mexe com os brios dos ausentinos. Gaúcho macho não tem medo de nada, mas a assombração em feito mais de um desonrar as bombachas. Qualquer risinho abafado quando se toca no assunto é considerado ofensa. Para falar no caso, é necessário ponta e um pouco de circunstância : “É um caso verdade”, explica Tio Nandi. “Causo verdade” é o esporte preferido dos ausentinos. Ao pé do fogão a lenha, narram histórias de assombração e outros mistérios – quando há tempo, até o amanhecer. (**Época**, op.cit., p.106).

Tio Nandi, ou Sizenando Ribeiro é uma pessoa que se destaca na cidade, sempre chamada para falar da história, da tradição ou dos “causos” do lugar. Sempre acompanhado pela sua gaita, sempre que lhe dêem chance, toca uma música conhecida ou dá início a uma nova trova. Para finalizar uma conversa, toca a sua gaita e inventa algo assim:

*“Dizendo adeus me arretiro,
Terminou nossa função.
Se eu disse alguma coisa errada,
Chorando peço perdão.
Sou filho de gente pobre,
Tive pouca educação.
Tenho dito e muito obrigado”*
Tio Nandi

E lá se vai ele, rumo a uma outra história para contar. Sempre que chega um repórter para fazer uma matéria sobre a cidade, o Tio Nandi é chamado. Por isso, está presente em praticamente todos os programas de televisão e artigos de revistas, que ele recorte e guarda com carinho.

Uma das estórias locais que tem um sabor especial quando contada pelo Tio Nandi é do “ Gritador” que vem assustando diversas gerações de ausentinos:

Ninguém viu. Só ouviu, sempre no costado do Rio das Antas. Quando o peão desavisado grita com a boiada, a coisa berra de volta. Mais alto e cada vez mais parte. “ É um gritão assim, ‘óh’, faz ‘uhhh’”, relata Tio Nandi. ‘Então o cabelo fica liso, os cavalos esmorece, os guaipecas sobem nas pernas das mulas, os peixes desaparecem, as pedras escapam do chão e o gaúcho corre. Estamos sempre na iminência de ouvir o grito, coisa bem estrambólica. Eu mesmo achei que era mais homem do que fui quando ouvi o Gritador”. A vítima só escapa de morrer de medo caso o Gritador esteja do outro lado do rio. Diz-se que o fantasma não sabe nadar(Época, op.cit.,p106)

E quem tenta deter o Gritador , que tente “desenganar o assombro” tem sempre um trágico final. Entre os últimos, diz Tio Nandi, “um se enforcou, outro morreu correndo e ganindo como um cachorro”. E, então, num solene conclui:

*“Há de ser um tropeiro que morreu
perdido nestes matos,
sem ter a alma amansada por uma vela.
A vida das pessoas daqui é um romance.
E o que eu sei, não perece”.*
Tio Nandi

Os nomes dos rios e acidentes geográficos denotam esse caráter mágico: começa com a neblina, o Nada, depois o rio da Sepultura e o rio das Mortes, a cachoeira do Louco, a do Enforcado, o arroio da Solidão, o monte do Calvário, a curva do Caixão, e daí por diante. Antes

de chegar a São José, se passa pelas cidades de Sombrio, Ermo e Turvo, que prenunciam o clima fantástico que vem depois. E, quando se chega pela primeira vez à cidade no mesmo horário do Nada, o que se encontra contribui para assustar, ou pelo menos espantar:

A língua de fumaça avança. Engole Tio Nandi e a cidade. Por quase uma hora, São José dos Ausentes desaparece do mapa. Duvida-se até que um dia tenha existido. (Época, op.cit. p.106).

A religiosidade também assume contornos locais. Embora afirmem-se em sua maioria como católicos, o vínculo com a Igreja se dá de forma particular. Além do fato de terem ficado muito tempo sem padres na região, como já de falou, não se percebe qualquer nome de santo atribuído a acidentes geográficos ou qualquer outra coisa. Mesmo o santo que traz em seu nome, não é o padroeiro da cidade:

"[. . .] O padroeiro era São Sebastião. Mas um dia teve uma *baita* peste no gado e ele não deu jeito. Então, foi tirado. Perdeu o posto. Não é mais ele [. . .]"
(Tio Nandi, entrevista)

O nome da cidade foi uma decisão política tomada à época da emancipação da cidade:

" A sede se chamava Capela dos Ausentes. Para reunir os distritos, era importante o apoio de São José do Silveira, um dos distritos principais para a união. Por isso, criou-se o nome de São José, extraído do Silveira, ao qual foi agregado dos Ausentes, da sede. E assim ficou, agradando os dois lados".

(D. Terezinha, dona de casa, entrevista)

Portanto, em função de uma necessidade básica de coexistência política, foi providencialmente criado um novo santo, um dos poucos santos dando nome a alguma coisa da região.

Assim, aos poucos foram se revelando alguns traços peculiares, úteis para caracterizar como pensam, como agem e como solucionam as questões locais. Entre eles destacam-se a força da figura feminina, a fantasia para explicar o inexplicável, uma certa religiosidade prática, vinculada à realidade e à utilidade. E, finalmente, a ausência, a solidão e o afastamento encarados como algo fatal, ou seja, algo que faz parte de seus destinos, de suas rotinas, mas não fatídico, trágico, depressivo.

Em torno desses eixos, delineou-se um conjunto de emoções comuns às pessoas, que se pode denominar como o sentimento de pertença local. O distanciamento geográfico, a solidão, o Nada, tudo contribuiu para a constituição de um imaginário capaz de transformar aquelas pessoas em agentes de sua própria vida. Sem poder aguardar por soluções externas, que demorariam muito para chegar, aprenderam a traçar os seus próprios caminhos. Em lugar da submissão, o enfrentamento, a resistência, a luta. Rezas e plantas medicinais no lugar da medicina tradicional; uma freira transformando pagãos em cristãos; um santo padroeiro sendo exilado; uma forte neblina que ao invés de esconder revela; o vento transformado em figura sobrenatural, histórias de valentia e de garra. O repertório cultural se descrevia a si mesmo, através das vozes dos ausentes. Fortes, seguras, firmes.

No que se refere à organização social, há uma forte tradição de dominação política pelas elites econômicas, constituídas por alguns fazendeiros e donos das madeireiras. Em sua volta gira a vida da

comunidade, já que a maioria das pessoas depende deles para sua sobrevivência, da manutenção de vínculos históricos e familiares.

Seja na condição de *agregados* (aqueles que vivem em torno da fazenda, mas sem funções, direitos ou deveres formais), de *peões* (os trabalhadores que atuam na criação do gado, acompanhando todas as etapas da pecuária) ou *bóias-frias* (pessoas da região ou de fora que são contratadas apenas na época das colheitas, sem vínculo empregatício), e dos trabalhadores das serrarias, todos de alguma forma sob a proteção, ou pelo menos apoio, dos proprietários. Isso se converte numa tradicional troca de favores, expressa ou velada, mas permanente, a ponto de caracterizar um sistema de compadrio unindo os diferentes grupos no cotidiano.

É comum que esse tipo de vínculo se converta em vassalagem em alguns casos. Os afilhados se convertem em mão-de-obra grátis, realizando todo o tipo de tarefas relacionado à pecuária, aos serviços domésticos, e, enfim, à sobrevivência de todos. A troca do trabalho por proteção (auxílios ou pequenos empréstimos financeiros, transporte em caso de doenças, etc.) ou por produtos (porcos, ovelhas, leite, mel, frutas, carne, queijo, etc.) também faz parte do modo de vida local. Ainda persiste uma economia interna entre os diferentes segmentos baseada no escambo, ou seja, no sistema de trocas em espécie, mais do que na circulação de dinheiro.

O fato de ser proprietário das terras não faz a pessoa muito diferente dos demais sujeitos. A posse de terra, obtida por herança, não significa em muitos casos uma condição econômica melhor. Diante da crise da pecuária das duas últimas décadas, de crises sistemáticas na

produção agrícola, a maior parte das fazendas estava em plena decadência. O fazendeiro, na maioria das vezes, possui como capital apenas a própria terra, mas não tem condições financeiras para investir na sua manutenção ou qualificação. Para fazer frente a despesas imprevistas, a saída é vender uma parte da fazenda, para, assim, poder manter o que restar dela.

A terra hoje é praticamente improdutiva, em decorrência do desmatamento, da erosão e da ação das queimadas. Além disso, pelo difícil acesso à região, o seu valor comercial é pequeno. A condição de ser proprietário de grandes extensões de terras, na forma de vastos latifúndios, não significa um padrão de riqueza correspondente. Ao contrário, a situação da maioria das fazendas é problemática, já que, pela falta de recursos em novos investimentos, poucas são as que se constituem, efetivamente, em núcleos de produção econômica. Isso fez com que se percebesse, desde as primeiras incursões deste trabalho, que o projeto a ser construído deveria contemplar alternativas de melhoria de qualidade de vida não só aos grupos sociais excluídos do sistema econômico, mas também uma parcela significativa dos proprietários rurais, empobrecidos.

O emprego público é a melhor oportunidade de trabalho assalariado, seguido das vagas que são oferecidas pelo comércio local e pelas serrarias. Mas, entre todas, a forma mais comum de trabalho é a dos *bóias-frias*, como é conhecida a atividade realizada na época das colheitas, sem qualquer tipo de vínculo com os produtores.

Figura 10

É nessa atividade que se envolve grande parte dos homens, mulheres e até crianças da região. Trata-se de um trabalho realizado em péssimas condições, mas que, mesmo assim, é muito procurado. Até agora, continua sendo uma das poucas chances de trabalho remunerado para grande parcela da população. É mais um fator que agrega as pessoas, uma vez que se envolvem na colheita de maçãs e batatas pessoas de todos os segmentos sociais, uma vez por ano.¹⁴

No cotidiano das fazendas, também não há muita diferença entre proprietários e empregados, uma vez que todos participam das mesmas rotinas, realizando, juntos, todo o tipo de tarefas do dia a dia do campo. A distância entre eles se reduz ainda mais por possuírem os mesmos hábitos, muito simples, por compartilharem todo o trabalho, dos mais simples aos mais rudes, e, especialmente, pela cordialidade nas relações de rotina.

A distância social se percebe difusamente em outros fatores, como a escolaridade de segundo grau ou universitária em poucos casos, as moradias com um pouco maior de conforto, mas não muito. É comum, por exemplo, que as casas não possuam qualquer sistema de calefação e conforto ambiental além de uma lareira e ainda é reduzido o número de casas que possuem o conforto de chuveiro a gás ou mesmo *boiler* (água aquecida pelo próprio fogão à lenha). Fora isso, pouca coisa a mais. Talvez o acesso a outros bens de consumo, automóvel, mas não se percebe qualquer traço de ostentação, de exagero, de diferença. Os hábitos cotidianos, a alimentação e o vestuário são comuns, sem maiores

¹⁴ Desde o ano 2000, em função da entrada das pessoas da região na Justiça do Trabalho, reivindicando seus direitos, aos poucos foram sendo substituídas por trabalhadores trazidos de São Paulo e Paraná, na mesma condição: sem direitos, pagos por tarefa.

diferenças entre patrões e empregados. De resto, tudo é muito parecido, tudo se mostra como se fosse igual.

Em 1995, logo ao se chegar em São José dos Ausentes se via uma loja indicando *"Tudo por R\$ 1,99"*. Paradoxalmente, num lugar onde não chegavam jornais, pouca televisão, quase sem telefones ou qualquer outra via de comunicação, se podia comprar produtos vindos do mundo inteiro, tudo por R\$ 1,99. Se de um lado a cidade estava afastada do mundo da informação e da comunicação, ao mesmo tempo já havia entrado para o sistema de globalização da economia. Para quem tivesse dinheiro, lá estavam disponíveis inutilidades de toda a ordem. Plástico na forma de utensílios domésticos, brinquedos, flores, tudo. Guloseimas coloridas artificialmente, feitas não se sabia onde nem quando. Martelos, tesouras, alicates e toda uma infinidade de instrumentos de trabalho que se geralmente quebravam ao primeiro toque. Mas encantava! :

" É bom que a gente chega lá e consegue comprar de tudo! Nunca eu pensei em dar um presente tão bonito e tão barato! . . .]"
(D. Santa, cozinheira, sítio Vale das Trutas, conversas ao pé do fogão).

Havia luz elétrica somente na sede do Município. Nos pontos mais distantes, ela se restringia a poucas fazendas que possuíam gerador próprio de eletricidade. Hoje, ela já cobre grande parcela da área rural, próximo a 70% de toda a sua área. Ainda há duas escolas que não têm luz e que, desde o ano de 2000, são mantidas a energia solar. Como se vê, um salto tecnológico importante foi dado pela Prefeitura para sanar o problema.

No que se refere ao alcance dos meios de comunicação, pode-se mais uma vez perceber a distância que o Município estava do resto do mundo:

“[. . .] Televisão, até hoje é privilégio dos podem adquirir uma antena parabólica [. . .] Jornais, de vez em quando trazidos por quem chega de fora, ou na Prefeitura, que recebe vários jornais e revistas. Ou quem tem assinatura [. . .]”

(Aécio Boeira, Secretário de Turismo, conversas ao pé do fogo).

Não existia qualquer posto para venda de revistas jornais na cidade até o ano 2000, quando foi instalada uma banca que funciona junto ao único posto de combustíveis da cidade.

O rádio, esse sim, atingia os recantos mais distantes, informando, interessando, divertindo:

“[. . .] O rádio é que faz com que eu me sinta dentro do mundo. Senão, o que seria de mim”? Televisão, o dia que meu filho comprar vou gostar muito[. . .]”

(Seu Joaquim, agricultor sem terra, conversas ao pé do fogão)

A vida cultural se restringia (e assim continua até agora) a quase nada: nem cinema, nem teatro, alguns shows musicais de grupos itinerantes, um circo lá de vez em quando, e só. Em contrapartida, a música, essa sim, está presente a todo o momento; sejam adultos ou crianças, há pessoas reconhecidas pela comunidade como compositores e cantores, sempre acompanhados pela gaita (acordeon) e, em escala menor, pelo violão. Os temas e as músicas são sempre gauchescos, na forma das tristes *milongas* ou de alegres *vanerões*. A música é uma presença permanente nas famílias, nos eventos, em qualquer lugar. As

crianças são desde cedo estimuladas a aprender a tocar violão ou gaita. A improvisação, mais uma vez, resolveu o problema dos Ausentes: na falta de professores de música, quem sabe um pouco, ensina.

O lazer se resume a visitas aos amigos e familiares, partidas de futebol, corridas de cavalo em cancha reta e quase nada mais. Mas há os rodeios que, estes sim, constituem-se no grande momento de encontro e de festa, acompanhados de rodas de chimarrão, apresentações de música e dança gaúchas, venda de artesanato regional, e, evidentemente, muito churrasco. Além do Rodeio da Cidade, que se realiza no dia 15 de janeiro, com qualquer tempo (normalmente sob muita chuva...) há outros que acontecem durante todos os anos, nos distritos, e que servem para reunir toda a população, que participa maciçamente, vinda de toda parte, do Município e de fora dele.

Não havia sequer uma praça na cidade.¹⁵ O ponto de encontro das pessoas é o Centro de Tradições Gaúchas, com seus freqüentes bailes e festas tradicionalistas. Nessas ocasiões, há a obrigatoriedade de uso da roupa característica tanto para os homens quanto para as mulheres. Até hoje, é impedido o ingresso de pessoas sem a indumentária gaúcha, a não ser em casos muito especiais de convidados de fora.

Embora a região tenha sido povoada por jesuítas, naquele ano não havia padres na cidade. Em sua ausência, uma freira realizava os casamentos e batizados, mantendo viva a religiosidade do povo, em sua maioria católico.

¹⁵ A primeira foi inaugurada no ano de 2001, na sede do Município.

Nesse clima pacato e sem novidades, a chegada da UFRGS gerou curiosidade, seguida de um envolvimento espontâneo, desinteressado e agradável, num processo de trocas de informações e busca de conhecimentos de ambos os lados.

O impacto provocado por uma exposição fotográfica denominada *Povo e Paisagem de São José dos Ausentes*, realizada no ginásio de esportes (sem muitos esportes. . .) da cidade foi inesperado. Era a primeira vez que a comunidade se via representada em fotografia, até então utilizada apenas para registro de ocasiões especiais, casamentos, documentos, etc.). Espanto e surpresa ao verem “[. . .] *aquele riozinho que corre atrás da minha casa!*”, ou exclamarem “ [. . .] *mas esse não é mesmo o pinheiro lá do lado do cachoeirão ? Como ele fica bonito na fotografia!*[. . .]”, manifestações espontâneas, sempre acompanhadas de risadas, bem como de dados preciosos sobre novos locais, novos pontos de interesse ambiental e ecológico.

O fazer parte daquela gente, rumo a uma vida mais digna, numa trajetória mais humana, transformou-se numa meta desta tese. Desvelar os elementos próprios da cultura local, para revelar, reunir, recuperar criticamente os dados, os conhecimentos, as visões de mundo, os sonhos, as fantasias, os saberes e os fazeres numa forma de resgate crítico de informações, conhecimentos, visões de mundo, sonhos e fantasias de cada um, foi o primeiro interesse que então se fez importante.

A história teve início quando a única médica do Município falou da dificuldade de se comunicar com a população, que se utiliza de expressões próprias para manifestar suas dores, seus problemas, com

significados desconhecidos para pessoas de fora (como é o caso da própria médica):

"[. . .] a mãe do corpo dói significa que a paciente está com dores relacionadas ao útero [. . .] "

(Dra. Ivone, médica comunitária do Município, entrevista, 1995)

No meio rural, as professoras, ao discutirem a realidade da escola, diziam que o grande problema eram *"[. . .] as bichas que as crianças botam pra fora na aula [. . .] "*, além de piolhos e sarna, problemas esses em nada diferentes daqueles que ocorrem em escolas de qualquer lugar.

Latas de agrotóxicos e sacos de plástico nos rios, bóias-frias, crianças subnutridas, sonhos de aposentadoria, de uma escola de segundo grau, todos esses indicadores apontavam para que se fizesse algo, que se estabelecesse uma parceria entre a universidade e a comunidade.

As relações familiares, por seu turno, permanecem até hoje muito fortes, com uma acentuada influência de quatro ou cinco famílias sobre toda a população. E, numa estrutura eminentemente patriarcal, a vida das mulheres parecia ser condicionada pelo contínuo consentimento masculino, fosse do pai, do marido, do irmão ou de qualquer outro membro do grupo familiar. Na prática, logo se percebeu que as coisas não eram bem assim: as mulheres ausentinas mostraram que exercem uma intensa liderança na sociedade, sendo elas as responsáveis diretas ou indiretas pelas principais mudanças na comunidade.

Desde 1981 São José dos Ausentes não tinha padres. A liderança religiosa era exercida pela Irmã Graciosa, figura que detinha

uma das maiores parcelas de poder na comunidade. Ao apropriar-se do espaço deixado vazio pelos sacerdotes, ela assumiu também o papel de líder comunitária. Além de realizar os batismos e casamentos, era ela quem dava orientação religiosa e também política aos seus fiéis. Só não rezava missa, ritual ainda proibido pela igreja à mulher. Como um bom agente de comunicação, transformou o alto-falante da igreja numa espécie de rádio comunitária.

A peculiar irmã Graciosa foi tema de matéria de página inteira, em mais de uns jornais:

Na tarde do último sábado, na igreja da pequena comunidade de Faxinal Preto, distante 36 quilômetros do centro, foi celebrado mais um casamento religioso, o quinto deste ano em Ausentes. Nada demais, pode-se dizer a princípio. E é esta também a opinião dos habitantes da cidade, que já há muito se acostumaram com uma peculiaridade de suas cerimônias religiosas. Mas, quem vem de fora quase sempre se surpreende com a figura que comanda a cerimônia: a irmã Graciosa Maria Demari, 62 anos, os últimos 11 passados em Ausentes e que, desde 1987, está autorizada pelo bispo da diocese de Vacaria a celebrar casamentos e batizados no município.

(**Pioneiro**, 14 de julho, 1997, p.11)

[. . .] Enquanto a jovem se dirigia ao encontro do noivo, Henrique Simão Pereira, 22 anos, quase 200 convidados ouviam os acordes de Ave Maria, de Gounod. Uma cena tradicional e cerimônias de casamento realizadas em cidades do interior. A diferença se percebia ao olhar para o altar da igreja: no lugar do padre, estava uma freira. O casal Marizete e Henrique foi o 130º que a irmã Graciosa uniu pelo casamento na região [. . .]

(**Zero Hora**, 14 de julho, 1997, p.44)

Na televisão, foi tema de uma pesquisa interativa para responder à seguinte questão: *Freira pode realizar missa, sim ou não?* (No programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, levado ao ar em 3/8/97, o não ganhou por 89%). Superando o machismo característico da região, os moradores de São José dos Ausentes achavam até normal uma mulher exercendo algumas funções de padre. “Muita gente tem mais fé

nela do que em um padre, e eu sou um deles:, disse o técnico em agropecuária Argemiro Cardoso”(Zero Hora,14/07/97,p..44). Ela foi embora em 1998, mas a repercussão do seu trabalho (poder) é ainda muito grande.

Enquanto isso, outra freira, a irmã Ângela, que dizia ter cursado enfermagem, “há muito tempo, em São Paulo” e ninguém duvidava, fazia o que podia, como responsável pela única farmácia da cidade. Ela teve um papel essencial numa região em que não havia médicos nem qualquer outro tipo de assistência à saúde que não fosse a dela:

Seu maior orgulho é o fato de que nenhuma das crianças que passaram por suas mãos nestes 16 anos – a irmã pertence ao primeiro grupo que se estabeleceu em Ausentes – chegou a morrer. “Uma vez nasceu aqui uma criança bem pequeninha e, logo em seguida, ficou com desintéria. Pensei que não ia salvar mas aí rezei bastante, comecei a dar soro e ela melhorou”, conta. De São José dos Ausentes, sua fama se espalhou e falam da religiosa em cidades como Bom Jesus e Turvo ou em Timbé do Sul e Criciúma, em Santa Catarina. “Ela sempre acerta”, elogia irmã Graciosa, que também se esmera em suas funções. “Sempre faço uma linda celebração e, como conheço todo mundo, me dirijo a eles pessoalmente”.
(Pioneiro, 14 de julho, 1997, p.11).

O tempo livre, aos domingos, após a “[. . .]ida no campo”, ainda é preenchido com visitas aos amigos, para tomar chimarrão ou o café da tarde, e, no caso dos homens, para jogar futebol ou bocha. O elo integrador de lazer é o Centro de Tradições Gaúchas – CTG Rodeio da Saudade, em torno do qual se realizam os bailes, as festas, os churrascos, os rodeios, as cavalgadas e ainda os principais eventos culturais da cidade, como exposições, feiras, palestras, etc.

A indumentária de uso diário da maioria dos homens identifica-os como *gaúchos pilchados*, o que significa estar vestido com

bombacha (espécie de calça larga), botas de couro ou alpargatas, lenço branco ou vermelho no pescoço identificando pela cor respectivamente os *chimangos* e os *maragatos*¹⁶ e boina ou chapéu cobrindo a cabeça.

O cavalo é a companhia fiel de todos, sejam homens, mulheres ou crianças. Mais do que uma montaria, ele é considerado um companheiro, um amigo, tratado com respeito e carinho. Cada criança sonha em ter o seu próprio animal, e, quando isso acontece, passa a se preocupar pessoalmente do seu trato, dia a dia. O cavalo é o animal de estimação mais comum de São José dos Ausentes. Mas, mais do que animal, torna-se amigo, tratado carinhosamente:

“Eu tenho o Pingo. Ele me leva onde eu quero e nós brincamos muito. Claro que eu sei montar! Tu não sabe? Mas *tu é (sic)* tão grande e não sabe?”

(Beatriz Boeira, 8 anos, fazenda São José do Silveira, 1996).

Em função do frio diário, é comum o uso do *poncho* (tipo de grossa manta de lã tecida artesanalmente, de tradição indígena) sobre as roupas. As mulheres, por seu lado, somente vestem roupas de *prenda* nos dias festivos, bailes e solenidades. Os homens não deixam de usar bombachas a não ser em ocasiões muito especiais, como casamentos e eventos oficiais em que elas sejam proibidas. Mesmo em alguns casamentos é comum o seu uso, e, nesses casos, as mulheres também vestem roupa de “prenda”. Deve ser ressaltado, nesse sentido, que a roupa feminina é tradicionalista, ou seja, é utilizada como uma roupa específica para festas típicas gauchescas, enquanto que, para os homens, é de uso comum, quase exclusivo.

¹⁶ Maragatos era o apelido dado aos federalistas na Revolução de 1893, que usavam lenço vermelho. Os chimangos eram os republicanos, e usavam lenço branco. O adereço até hoje é uma homenagem a eles, feita pelos seus descendentes ou admiradores. É uma distinção que denota coragem, bravura e nacionalismo.

Figura 11

Há uma diferença fundamental entre ser *gaudério*, como se afirmam os ausentinos, e *tradicionalista*:

“Gaudério é o gaúcho, aquele que trabalha todo o dia fazendo as coisas como gaúcho, de bombacha. Já pensou ir cuidar do gado usando uma calça de *jeans*? Nem pensar! Como é que eu ia poder montar num cavalo vestido assim? Mas tem outros, aqueles que gostam de ser gaúchos como se fosse uma coisa para valorizar os antepassados. Esses são os tradicionalistas, que misturam tudo, mesmo calça de brim com bota, chapéu e lenço, para valorizar a história do Rio Grande do Sul. Aí a coisa fica mais artificial, acho que aí ela é folclórica, como dizem. Tem até cavalo, mas só para os dias de festa [...] Para nós? Para nós não! Ser gaúcho é ser nós mesmos, como somos e como vivemos. De bombacha e de cuia na mão [. .]”

(Francisco Salib, criador de gado, Fazenda Potreirinhos, conversas ao pé do fogo).

Mas o que os ausentinos queriam não era uma vida muito diferente da que já tinham. Mesmo que achassem maravilhoso que São José dos Ausentes tivesse acesso “a uma vida cultural mais intensa”, segundo o secretário Aécio Boeira, com mais atividades de lazer, mais festa, talvez música, teatro”, o que esperavam do trabalho com a Universidade era diferente.

Na realidade, o que eles demonstraram no decorrer de todo o processo de pesquisa, era que “[. . .] queriam continuar seguindo as suas vidas, só que melhor, com mais oportunidades de trabalho[. . .]de continuar vivendo por lá, gostando do que fazem e sabem fazer”. Queriam, isso sim, deixar de ser conhecidos como os habitantes do fim do mundo, onde só a cerração era real:

“Bom Jesus nos tratava de uma forma muito ruim. Nada do que se pedia acontecia por aqui. Para eles, ir para a Capela era ir para o fim do mundo. Quando alguém dizia que vinha para cá, eles perguntavam: *o que é que tu vai fazer naquele fim de mundo? Lá não tem nada! Só precipicio e frio!* Hoje não, tudo é ao contrário. Eles é que gostam daqui, sabem dar o valor [. . .] Agora nós temos escola, posto médico, tudo [. . .] A universidade aqui... não dá nem para pensar se ela não tivesse vindo conosco ! [. . .]”

(D. Terezinha, dona de casa, entrevista)

Portanto, a Universidade e a comunidade, depois de quase três anos de planejamento, estruturaram um conjunto que se designou e é conhecido por todos como o Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem. Como era de esperar, tudo no início se resumia à paisagem.

Tanto assim que as pessoas logo perceberam “que havia mais paisagem do que povo”:

“No começo era só a paisagem. As pessoas vinham, olhavam as fotografias, achavam tudo lindo. *Mas onde está o povo? Onde é que nós estamos?* Perguntavam as pessoas. Escondidas, eu respondia”.

(Aécio Boeira, Secretário Municipal de Turismo, entrevista)

O primeiro dos projetos, realmente, consistiu no levantamento fotográfico da região, como já foi anteriormente referido. E, numa paisagem esparramada em mais de mil e quinhentos quilômetros quadrados onde pouco mais do que três mil pessoas vivem, era de se esperar que isso ocorresse. As equipes da Universidade também sabiam

quanto o verdadeiro êxtase diante da beleza da região chegava a comprometer a inserção do povo dentro daquela paisagem:

“Logo que a gente chegou percebeu que aquele era um santuário que tinha que ser preservado a qualquer custo. A riqueza daquela biodiversidade, as espécies de fauna e flora[. . .] Os rios, as matas ciliares[. . .] As araucárias, o lobo guará, as curicacas, o veado campeiro, tudo, mas tudo mesmo é importante. Não é só porque a gente gosta de São José dos Ausentes, não! É que aquele é um lugar mágico, lindo, silencioso e que está pedindo: me cuidem! Não permitam que eu desapareça ! E daí para fora [. . .] .

(Mário Bittencourt-Monteiro, coordenador, entrevista)

Ao chegar lá, qualquer um tem reação parecida com esta. Há um momento de êxtase, de impacto, de deslumbramento inicial que necessariamente se passa para poder depois entrar na realidade local, com seus problemas, soluções, sonhos e fantasias. Isso fica evidente nos relatos dos turistas, dos meios de comunicação, enfim, de qualquer um. Antes de se ver os problemas, se vê a beleza. E as estradas, com seus buracos, barro, péssimas condições, são de imediato esquecidas. Logo o difícil acesso vira motivo de riso, transformada num caso, numa aventura a mais para dar sabor à vida:

“São José dos Ausentes, RS, Brasil! O que escrever deste lugar? Uma única frase explicaria tudo: é um espetáculo da natureza... A temperatura é baixa, muito baixa, e isso deixa o ambiente ainda mais mágico. As paisagens, morros, pinheiros, cachoeiras, riachos e muita paz[. . .] Ficar sentada na frente do foto tomando chimarrão e jogando conversa fora aqui é sagrado [. . .] Os dias aqui parecem todos feriado: nada de movimentação, raros carros, raras pessoas”
(Juliana Dummel, aluna de Odontologia, depoimento).

Desse modo, a simples saída de Porto Alegre, rumo a uma comunidade rural, por si só já representaria uma forma de inserção dos alunos e professores da Universidade numa realidade que não lhes é familiar dentro da academia. Participar da vida dessa comunidade, refletir sobre o paradoxo entre a produção do conhecimento e seu distanciamento da sociedade, faz de cada um dos participantes um aprendiz. E, ao extasiar-se diante da beleza da paisagem, da paz e do distanciamento do cotidiano de uma cidade, com seu movimento, turbulência, ruído, cada um inicia um processo pessoal de reencantamento, de religação consigo mesmo e com a natureza. A ação cultural, nessa perspectiva, já atinge um dos segmentos da pesquisa, que é a própria comunidade acadêmica. A Universidade, que poderia parecer a maior contribuinte nesse processo de ação cultural, torna-se, na verdade, o seu próprio objeto.

7.3 A Construção de um Projeto de Desenvolvimento Sustentado

No ano de 1995, quando a Universidade se integrou ao Município, foram realizados encontros bimestrais para definir as prioridades a serem atendidas. Eram reuniões abertas que, precedidas de uma intensa divulgação, contaram com a participação dos diversos segmentos da comunidade (donas de casa, pequenos proprietários, trabalhadores sem vínculo, funcionários públicos, grandes proprietários, pequenos comerciantes, vereadores, professores e alunos, etc.) . Depois de três anos de planejamento, o Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem foi implantado na região, integrando esforços entre a Universidade, a

Prefeitura do Município e a comunidade participante. Entre os problemas levantados, haviam sido escolhidas as seguintes prioridades para serem acolhidas dentro do Programa:

- a) Definição do turismo rural ecológico como alternativa de desenvolvimento sócio-econômico da região;
- b) Criação de uma identidade visual própria do Município;
- c) Implantação do ensino de segundo grau no Município;
- d) Planejamento de um sistema de saúde comunitária (municipalização)
- e) Preservação do ambiente (natureza, flora e fauna)
- f) Recuperação da memória da comunidade (história);
- g) Valorização da cultura local (culinária, imaginário, economia, clima, vida cotidiana no campo, tradições, etc).
- h) Impacto ambiental das queimadas e da introdução da *truta arco-iris*, espécie exótica, nas bacias hidrográficas

No que se refere ao primeiro item, era quase consenso em todos os segmentos da população de que o Município deveria aproveitar a beleza do ambiente, as rotinas nas fazendas e o artesanato local como estratégia de desenvolvimento econômico da comunidade. Com a emancipação, uma das primeiras medidas foi a criação do então Departamento de Turismo, com a finalidade específica de converter a região num pólo de turismo rural e ecológico. Tanto a beleza da região, quanto a crise da pecuária, estavam abrindo essa possibilidade. Mesmo assim, as pessoas não acreditaram de imediato nessa proposta:

“A gente não sabia do valor turístico disso tudo aqui. A gente estava tão acostumada a essas paisagens, que nem percebia o quanto ela era bonita. Precisou a universidade e os primeiros turistas vir até aqui, para que a gente pensasse em mudar, em abrir a nossa casa para hospedar turistas. Nunca eu tinha imaginado que iria um dia transformar a fazenda numa pousada”

(D.Nilda, Fazenda Potreirinhos, conversas ao pé do fogão)

Muito antes do turismo se transformar em atividade econômica, já havia na comunidade uma preocupação em preservar o ambiente:

“Aqui na nossa fazenda nunca tiramos mais do que precisamos dos nossos matos. Temos uma floresta de xaxim e quantidades de araucárias que dá gosto. Mesmo sem ninguém dizer que era importante, sempre cuidamos muito da terra. Pois é dela que tiramos o nosso sustento. Sem cuidar, pobres de nós, não só das terras”.

(Francisco Salib, Fazenda-Pousada Potreirinhos, conversas ao pé do fogão).

Porém essa preocupação com o ambiente, expressa tanto pela comunidade quanto pela poder público, deve ser vista com suspeita, uma vez que, à semelhança das serrarias, a prática da queimada do campo, até hoje comum, também é justificada pela necessidade de sobrevivência da comunidade. O ambiente, mais uma vez, é visto como mercadoria, de elemento a ser explorado. Só que o discurso do poder público persegue uma preocupação em preservar o que restou:

“São José dos Ausentes dispõe como um dos seus bens mais preciosos a preservação de sua natureza. A não ser a ação das serrarias contra as araucárias, quase que terminando com os pinheiros na região como estratégia para sobrevivência de seu povo, tudo o mais foi preservado. Muitos dos matos continuam intocáveis, por iniciativa de seus próprios proprietários. É claro, sempre tem os que pensam diferente, mas a média é essa: a maioria acredita que é muito importante preservar o patrimônio natural de Ausentes”.

(Carlos Búrigo, Prefeito Municipal, entrevista)

Portanto, turismo rural com uma perspectiva ecológica era algo não muito distante. Tanto assim que, entre a definição do turismo rural ecológico como sendo a “vocaçãõ” eleita pela comunidade para seguir, no ano de 1995, pouco tempo depois já a região passou a ser identificada como uma rota turística :

[São José dos Ausentes] É uma cidadezinha agradável e que vem descobrindo, aos poucos, as boas vantagens de atrair turistas. O pessoal da região é acolhedor, simpático e está abrindo as portas das suas propriedades para os viajantes. As fazendas também. Há alternativas em toda a região para ecoturistas e para o turismo rural. É inegável que a experiência é muito agradável. Há possibilidades de passeios impressionantes e também de se provar a comida típica gaúcha, bem autêntica, como o churrasco de galpão feito com espeto de pau.

(Ausentes mostra a força da natureza. **Correio do Povo**, 28/03/99,p.2)

Como o público municipal encampou de imediato a idéia, logo ela se transformou numa das bases dos programas do governo municipal:

O mais frio município do Estado investe no turismo rural para atrair visitantes. O prefeito Carlos Búrigo destaca que São José dos Ausentes quer oferecer aos moradores de cidades grandes a chance de conhecer as atividades ainda desenvolvidas no interior, como tirar leite e fazer pão. “Estamos incentivando a criação de pousadas e nos preocupando mais com o material de divulgação do município”, afirma.

(**Pioneiro**, 20/03/99, p.3)

Embora sem a infra-estrutura do turismo tradicional, as péssimas condições das estradas de acesso e a falta de acomodações confortáveis, desde que as fazendas começaram a receber hóspedes, se caracterizava a hospitalidade como uma das marcas do lugar, superando todos os problemas:

Quem visita São José dos Ausentes, no nordeste gaúcho, já começa a sentir saudades antes mesmo de partir. Os moradores são hospitaleiros. Com frequência, convidam os turistas para tomar um café preto ou aquecer o corpo junto ao fogão à lenha. As pessoas parecem confinar umas nas outras, até mesmo porque o município, recém emancipado de Bom Jesus, não conhece a violência, comum aos grandes centros urbanos.

(Luciamem Winck. A hospitalidade esquentando a capital gaúcha do frio. **Zero Hora**, 17/ago/1993, p.7, caderno de turismo).

Ou, ainda:

Na terra onde o verbo *encarangar* participa de todas as conversas, expressando as sensações que temperaturas de até dez graus negativos podem causar, o Hotel São José, carinhosamente chamado de pensão da dona Sirlei, é uma linha imaginária por onde não passa o frio. O calor humano faz da casa de dez cômodos um ponto de reunião. As atrações do lugar estão todas centralizadas em um fogão a lenha – tão lustro que serviria de espelho – Nas noites em que a geada é vista desde cedo, nem mesmo o sono consegue afastar da peça mais cobiçada da casa o grupo de hóspedes. Vinho e pinhão na chapa garantem a lotação da cozinha.

(Alessandra Pala Rech. As outras faces do inverno. **Pioneiro**, 27/jul/93, p.6)

Os hábitos simples que identificam a cultura local, não foram modificados pelo turismo. Pelo menos até hoje, está viva a preocupação em manter o cotidiano das fazendas como era antes de receber visitantes:

A Querência dos Ausentinos, como a cidade é carinhosamente conhecida, mantém vivas as tradições e o modo de ser do gaúcho. Quem se hospeda nas fazendas, propriedades particulares que abrem suas portas para o turista, sente de perto a hospitalidade e o calor humano do povo da cidade. Os rituais são mantidos: pela manhã toma-se o “camargo” (café com leite tirado direto da vaca) e nas demais refeições, prova-se a culinária típica preparada no fogão à lenha. Nos intervalos, a roda de chimarrão, o hábito de comer pinhão, pão e bolos caseiros, fazem com que o visitante sinta-se íntimo na rotina dos donos da pousada. O turista sente-se parte do dia-a-dia dos habitantes da região.

(São José dos Ausentes, encantadora e desconhecida. **Viva Porto Alegre**, junho/99, p.10).

Como já foi referido anteriormente, a transformação de algumas das fazendas em pousadas foi feita sem grandes investimentos. Ao contrário, os gastos restringiram-se ao mínimo, representado na maioria das vezes pela construção de um ou dois banheiros a mais, quando muito:

A casa de madeira de pintura descascada tem três quartos, sala conjugada com cozinha e banheiro na área aberta dos fundos. Não há chuveiro elétrico, pois a energia é fornecida por um gerador, que mal sustenta lâmpadas e geladeira. O brilho do assoalho, no entanto, garantia que a limpeza era o ponto de hora para os donos: um casal, a sogra e a cunhada. Quatro pessoas para servir apenas duas. Um luxo .

[...] Afora a atenção exclusiva, tivemos refeições memoráveis, preparadas pela cozinheira Elza, de pratos simples, triviais, geralmente com ingredientes da própria horta.

(Ivonete Pinto(turista). São José dos Ausentes, um lugar chamado aventura. **Viva no Sul**, maio/2001, p.18).

Além disso, os próprios turistas, valorizando exatamente a manutenção das fazendas como eram originariamente, com sua simplicidade característica, incentivam os proprietários a manterem tudo como está, sem se preocuparem com muitas inovações:

“Quando a gente fala que vai ampliar, que vai mudar, sempre alguém diz que não, que é para deixar como está. Nós aqui até ganhamos a pintura de toda a casa, como vocês sabem, desde que mantivéssemos a fazenda do mesmo jeito, sem mexer muito. Não é só porque a gente não pode, mas porque as pessoas dizem muitas vezes que é assim que elas gostam. A peça preferida da casa é sempre a cozinha. E a nossa comida é simples, mas eles gostam, pedem para não mudar [. . .]”

(D.Nilda, dona de casa, Fazenda Potreirinhos, entrevista)

A fim de implementar essa proposta, foram planejados dois projetos, um para criar a identidade visual do Município, e outro para assessorar as pessoas interessadas em iniciar um empreendimento voltado ao turismo ecológico rural.

Desde o início, a Universidade deixou clara a sua preocupação com a preservação do ambiente, condicionando a sua presença na região à preservação e à educação ambiental (UFRGS, 1997). Entre as primeiras medidas para organizar a atividade de turismo nesses moldes, foi instituído o *Selo de Qualidade Turística* (Anexo C), que é concedido às fazendas interessadas em atuar como pousadas, após cumprirem os seguintes itens:

- 1º Manutenção de uma horta e pomar domésticos para fornecimento de produtos orgânicos (sem agrotóxicos) na alimentação
- 2º Construção de uma fossa séptica para recolhimento do esgoto doméstico;
- 3º Uso de vestuário próprio para receber os turistas, diferente das roupas utilizadas no trabalho rural;
- 4º Destinação de um espaço específico para venda de artesanato e produtos da região, feito por pessoas de fora da fazenda
- 5º Montagem de um canteiro de compostagem para produção de adubo orgânico a partir do lixo doméstico

Atualmente, já há planos de ampliação de cinco para dez itens, mediante definição das próprias fazendas-pousadas e da Prefeitura Municipal. Hoje, doze fazendas já se transformaram em estabelecimentos desse tipo. E, em torno desse tipo de turismo, foram criados cento e cinquenta novos empregos¹⁷, o que representa um índice expressivo na cidade.

Já na divulgação dos primeiros resultados da iniciativa, em 1996, percebe-se o tom lúdico, emotivo, romântico, que passou a fazer parte das descrições da realidade do Município em relação ao turismo:

A atual conjuntura dos municípios não tem favorecido investimentos no setor cultural, mais especificamente na educação ambiental e conscientização ecológica. Em São José dos Ausentes, o Departamento de Cultura e Turismo tomou como orientação para atuação, parcerias, convênios e protocolos, dentro das condições restritas da realidade de um município de baixa arrecadação, para enfrentar a situação[. . .] Firmamos com a UFRGS protocolo de intenções [. . .] Surgiu então a idéia, que estamos levando adiante, de exposições itinerantes de fotos, painéis, folders, cartões postais e acampamentos culturais.

Temos conseguido êxito pela excelência paisagística da “querência dos ausentinos”[. . .] Nossa comunidade já começa a se envolver positivamente apoiando o projeto São José dos Ausentes, Povo e Paisagem.

Nestes campos, como tapete verde entrecortado de rios, sangas, vertentes, águas claras, matas e caponetes ciliares, temos a certeza de que a alma dos que por aqui viveram – os índios, os jesuítas, os sesmeiros, os tropeiros e os mascates, de andanças, idas e lidas, de dia, sol claro, olhar distante, a paz, o cantar dos pássaros e algum relincho de cavalo, à tarde e noite, o mistério embalado pela cerração que sobe pelos costões dos Aparados da Serra tapando a visão humana, como que um incenso de raro perfume a purificar almas e corações – protegem e renovam a esperança e a fé do povo ausentino.

Hoje, estamos vencendo desvios e o pouco que se pode fazer vale a pena, porque já se desenha o perfil de São José dos Ausentes, o Portal dos Campos de Cima da Serra.

(Aécio Boeira Diretor de Cultura e Turismo, **Pioneiro**, 11/12/96, p.15).

¹⁷ Fonte: Secretaria Municipal de Turismo de São José dos Ausentes, 2002, informação do Sr. Secretário.

Como já se viu nas citações até aqui apresentadas, os meios de comunicação adotaram o mesmo tom carinhoso, simpático, agradável, divertido, para descrever o tipo de turismo desenvolvido no Município, que tem permanecido até hoje. Entre as atividades que foram transformadas em alternativas desse turismo local, citam-se, além da participação na rotina diária das fazendas e a tradicional visita aos pontos mais bonitos da região, duas alternativas originais, criadas pela própria comunidade. São elas as *mula-trekking* e as cavalgadas que, sempre no mesmo tom engraçado, alegre, são assim descritas pelos meios de comunicação:

Ultimamente, os ausentinos descobriram modernidades. Fazendeiros penduraram placas de turismo rural e passaram a oferecer pouso a visitantes. Avivando as tropeadas do passado, inventaram cavalgadas no lombo de mula. É o *mula-trekking*, estrangeirismo que tem causado dor de cabeça. O proprietário da Pousada Vó Mariquinha, Mateus Cardoso, 45 anos, ouviu de uma freguesa: “O que é *mula-trekking*, é uma palavra inglesa?” Mateus, que não se cansa de dizer que gaúcho bom não se aperta, matutou um pouco e se saiu com uma explicação convincente: “É o treque, treque, o trote da mula”.

(Época, 24 de abril, 2000, p.105)

Assim, a história local, iniciada com os tropeiros, se transformou numa alternativa econômica, revestida de um caráter turístico:

Com os olhos no que chama de turismo rural, o secretário [Aécio Boeira] incentiva a última moda gaúcha, o “*mula trekking*”. Os aventureiros refazem os caminhos percorridos pelos antigos tropeiros, beirando a encosta dos cânions sobre o lombo de mulas durante um dia inteiro. Após a noite, passada em galpões de fazendas na companhia indispensável de sacos de dormir, o grupo desce a encosta. “Para vencer o declive, o segundo dia de jornada é cumprido a pé, às vezes com o auxílio das mãos”, exalta Boeira.[. . .]

(Isto É, 3 de maio, 2000, p. 69)

Prosseguindo no acompanhamento da implementação de medidas relacionadas aos itens prioritários, o seguinte, de criação de uma identidade visual para o Município, também foi logo produzida. Trata-se da criação de produtos gráficos, na forma de cartões postais, calendários e folders voltados à divulgação do Município, sempre dando ênfase às características da cultura local, da beleza do ambiente e da simplicidade do cotidiano nas fazendas. Tratam-se de produtos elaborados pelos alunos dos cursos de Comunicação da UFRGS, das áreas de Jornalismo e Propaganda e Publicidade, sob coordenação Prof. Mário Bittencourt-Monteiro, do Núcleo de Fotografia .

A valorização das instituições locais através da criação de logomarcas, revelou-se um fator decisivo de estímulo à mudança. Numa cidade abandonada num rincão distante, começaram a se firmar identidades próprias para os estabelecimentos que foram se integrando ao Programa, com reflexos positivos tanto para a comunidade em geral, como também para os alunos que os criaram:

É muito diferente a gente aprender a fazer produtos de marketing só por fazer e vê-los sendo utilizados de verdade, numa cidade como essa, tão linda. Sinto-me muito importante em poder fazer isso. Me vejo como uma pessoa que está conseguindo, de algum modo, já estar inserido no meio social, mesmo que ainda aluno. Gostei disso.

(Daniel, aluno de jornalismo, depoimento).

A escolha da curicaca como símbolo do Programa e do Município, também se revelou adequada. Hoje, ela faz parte de objetos, vestuário, selos, nomeia produtos, etc., como uma espécie de mascote que representa o calor humano, simpatia e espírito fraterno.

A escola de segundo grau, por seu turno, era uma reivindicação unânime, comum, verdadeiro sonho das famílias locais. Todas as pessoas insistiam que essa era a primeira prioridade a ser atendida. A Universidade passou a ser considerada uma parceira na empreitada, cujo projeto tramitava desde 1992 nos setores competentes. Os argumentos inseridos pela UFRGS foram tão somente a sua própria presença na região. Acompanhando a listagem dos projetos em realização no Município, a UFRGS atualizou o plano inicial da escola, argumentando que já estava em curso uma política de melhoria da qualidade de vida que fixaria o homem na região, a partir do turismo rural como nova oportunidade de geração de empregos e trabalho.

Desse modo, em 1997 já estava funcionando o segundo grau de ensino em São José dos Ausentes. O prédio foi rapidamente encontrado através da utilização do turno da noite de uma escola de primeiro grau. Os professores foram contratados emergencialmente entre aqueles que estivessem matriculados em cursos superiores, mediante realização de um programa pedagógico especialmente criado para esse fim, realizado durante as férias escolares.

Os depoimentos de alguns alunos são testemunhos do significado da escola para a comunidade, enfatizando alguns pontos importantes de mudança provocada pela ação cultural empreendida. Além do frio, da chuva, das péssimas condições das estradas, o ensino de segundo grau na própria cidade representou um novo patamar cultural para a comunidade. A parceria com a Universidade, que colaborou no empreendimento, passou, desde então, a ser considerada como uma

entidade própria do Município. Com a escola de segundo grau, parecia que todos os demais problemas seriam mais facilmente vencidos. Percebe-se também que a opção definida como vocação pelo Município, de turismo rural, já se transformou em alternativa de oportunidade de trabalho. O curso Técnico em Turismo Rural, a ser realizado na cidade vizinha de Sombrio, Santa Catarina, após a conclusão do 2º grau, passou a se constituir numa possibilidade mais concreta. Até porque, para cursá-lo, a própria escola oferece hospedagem e alimentação, sem custos:

“Sou Gilvana Rech, formada no curso Técnico em Contabilidade na Escola de 1º e 2º graus Frei Getúlio, em Bom Jesus. Para conseguir este diploma passei muito trabalho e muita vontade de vencer, pois há anos esperávamos esta oportunidade. Eu e mais treze amigos íamos até Bom Jesus, cidade vizinha de Ausentes que fica 84km entre ida e volta. Saíamos às 5:30 hs da tarde e retornávamos à 1: 00 hora da manhã. Enfrentávamos frio e chuva. Muitas noites para podermos vir embora, tínhamos que puxar o ônibus com uma corda para poder subir os morros. E quando não conseguíamos, tínhamos que posar na estrada. A sorte é que sempre íamos preparados, porque levávamos cobertores, travesseiros, lanches bem reforçados e muito bem agasalhados. Porque quando saíamos de nossas casas nunca sabíamos se iríamos chegar no mesmo horário. Em uma de nossas viagens, houve aquele dia que não conseguimos derrubar as dificuldades que a velha estrada de chão nos colocava a cada dia de chuvas. Tivemos que puxar nossos velhos amigos de todas as noites para agasalhar e matar a fome(cobertor, travesseiro, lanche), porque tivemos que ali nos arrumar e dormir até o dia seguinte, quanto o tio de um aluno foi nos buscar[. . .]”

(Gilvana Rech, aluna que estudou em Bom Jesus, depoimento)

E também neste outro depoimento:

“Fui uma das alunas que utilizou o transporte para estudar em Bom Jesus, por um ano. Foi um ano de dificuldades, frio e fome que passamos na estrada. Foi acompanhando meu pai que na época era diretor da Escola Estadual Antonio Inácio Velho que senti a força que a Universidade deu para a vinda do 2º grau a São José dos Ausentes e graças a estes esforço pude concluir o 2º grau aqui mesmo. Foi também através da UFRGS que percebi a importância e o valor do turismo em nossa região. Tomei gosto pela coisa e hoje estou freqüentando o curso de Técnico em Turismo Rural na Escola Agrotécnica Federal de Sombrio, Santa Catarina. Lá tenho recebido muitos elogios pelo trabalho que a UFRGS vem realizando aqui neste Município”

(Daiane Cardoso, ex-aluna da escola de 2º grau, depoimento)

No que se refere à construção de perspectivas para um futuro melhor, a escola de segundo grau representou, sem dúvida, um dos mais concretos momentos de alcance dos resultados previstos pelo convênio. Areladas à realização da escola de segundo grau na própria cidade, foram se abrindo novas chances, ou pelo menos sonhos, como a facilidade de continuar a estudar e talvez realizar um curso universitário:

“Sou aluna do 3º ano[. . .]. Quando estava cursando a 8ª série, a minha preocupação era de como continuar estudando, se aqui não tinha o 2º grau. Havia três recursos: ir pelo transporte escolar até Bom Jesus, enfrentando os frios e as chuvas no inverno; se separar da família e pagar uma pensão em outro município; ou ainda mudar-me com a família para outro município; ou, na pior das possibilidades, parar de estudar. Mas enfim, quando já estava matriculada em outro colégio, a Universidade nos ajudou a concretizar um grande sonho, o tão esperado 2º grau. Agora, não temos mais opção: o jeito é nos separar da família e enfrentar o tão temido vestibular e cuidar de nosso futuro[. . .] Mas agora é só pensar no futuro”.

(Tatiane Stecanella, aluna 3º ano PPT, depoimento)

A Escola Estadual de 1º e 2º Graus Antonio Inácio Velho, continua funcionando no mesmo local. Os seus professores estão finalmente concluindo os seus cursos universitários na cidade de Caxias do Sul, aos finais de semana e no período de férias escolares. Hoje a Escola de 2º Grau é considerada como uma das mais fortes instituições do Município. Em torno dela, converge grande parte da vida cultural da cidade. Em seu espaço, são realizadas palestras, cursos de informática abertos à comunidade, entre outros. Além disso, na Escola funciona a Biblioteca Pública, que nasceu como resultado de projeto aprovado pelo Ministério da Cultura. Biblioteca pública numa escola? Sim, lá é assim que funciona. É uma biblioteca escolar, mas também é pública, aberta a toda a população interessada em empréstimo de livros, documentos, etc. Numa comunidade tão pequena, seria exagero pensar em dividi-la, burocraticamente, entre suas duas funções. Ninguém pensa nisso.

Figura 13

A municipalização da saúde, ou seja, a criação de um sistema de apoio à saúde da comunidade que atendesse a toda a população nas próprias localidades de domicílio da população, era outro elemento de interesse comum. Como já se viu, não havia nem médico, nem hospital, nem qualquer outra instituição que atendesse os doentes na própria cidade. Há vários relatos dramáticos de quanto era difícil sobreviver a qualquer acidente ou emergência. Quarenta quilômetros de distância, com as estradas em precárias condições, representava pânico e morte:

“Eu bem me lembro o horror que senti ao ver meu irmão morrer, sem que se pudesse fazer nada. Até chegar a Bom Jesus, com aquela chuva e barro, ele morreu no caminho, em meus braços. Jamais vou esquecer do que passamos”

(Matias conversas ao pé do fogão)

Mesmo assim, a população local sempre se mobilizou, como podia, para resolver seus problemas na área da saúde:

“Naquela época era muito difícil. Não se tinha médico, nem nada. Então a Vó Mariquinha, que tinha aprendido algumas coisas com o pai dela, passou a atender os doentes, dando remédios caseiros, chás, tudo o que podia. A cada dela virou um verdadeiro hospital, Vinha gente de todo lado. E ela sempre atendia, como podia. Por isso é que os guris, netos dela, abriram uma pousada e deram o nome dela. Pousada da Vó Mariquinha agora, mas naquele tempo a casa dela era mesmo uma pousada. Recebia todo mundo, todo dia”.

(D. Iolanda, dona de casa, filha da Vó Mariquinha, entrevista)

Mas mesmo antes e depois da Vó Mariquinha, a medicina popular, herdada dos índios guaraníes, é uma alternativa que faz parte da cultura local, enquanto resposta imediata para diferentes males:

“Aqui nós conhecemos um monte de chás e plantas medicinais, que os índios ensinaram a usar. Minha avó e minha mãe me ensinaram muito. Depois, veio a Irmã dar o curso de plantas medicinais. Por isso, eu trabalho com própolis, xaropes, colírios, pomadas, chás, de tudo um pouco. Alguns me chamam de bruxa, mas eu não me importo. O que eu queria, mesmo, é que a universidade nos ajudasse, ensinando mais, dizendo o que está certo [...]”.

(D. Sebastiana, que mantém uma verdadeira “farmácia popular”, onde se pode encontrar várias alternativas de produtos naturais. Atualmente, é vereadora, eleita pelo PT, partido de oposição local, entrevista).

Os partos eram feitos por D. Terezinha Correa de Almeida que, aos setenta anos, desde os 15 se dedica ao ofício, sem nada cobrar. Seu trabalho foi assim descrito pela imprensa:

“A parteira monta em seu cavalo e vai atender um chamado urgente. Na casa, pede tesoura, panos limpos e água quente. Depois de algumas horas de ansiedade, aparece contente na sala, segurando nos braços um saudável bebê” . Esse poderia ser um trecho de mais um livro épico ao estilo *E o Vento Levou*. Porém, histórias de coragem como essa ainda são comuns em regiões onde a solidariedade é o único recurso disponível. Terezinha Correia de Almeida descende de uma geração forte. Sua avó, Anastácia da Rosa, foi escrava na fazenda de Valentin Borges Velho durante grande parte de seus 115 Anos de vida. Ela realizava partos. Natural do distrito do Faxinal Preto, Terezinha soube que teria a missão aos 15 anos, quando acompanhou Anastácia. “Eu gostava de ajudar, O primeiro bebê que assisti sozinha hoje tem 27 anos”, lembra. Aos sessenta e cinco anos, Terezinha soma mais de cem nascimentos, sem cobrar pela tarefa. “Só peço a Deus que não deixe ninguém morrer nas minhas mãos”.

(Alessandra Paula Rech, **Pioneiro**, 13/ago/93, p.26).

Desde o primeiro programa de governo do Município, a saúde era apontada pela Prefeitura como sendo a primeira de suas prioridades, seguida pela educação e pelo incentivo ao turismo como alternativa econômica:

Um convênio com o Hospital Conceição de Porto Alegre, vai viabilizar a medicina comunitária no município. Segundo o Secretário municipal de administração, Carlos Búrigo, a Prefeitura vai pagar ao hospital os serviços de um médico na cidade. Estudos avançados do hospital serão realizados entre a comunidade a fim de se fazer um perfil da saúde de cada morador.

(**Pioneiro**, 5 de setembro, 1993, p.6)

De imediato esse sistema de medicina comunitária foi implantado, contratado um médico de família e finalmente, a partir da integração de esforços entre a prefeitura e a comunidade, foi criada a Associação Hospitalar, para arrecadar fundos para a construção de um hospital na própria cidade:

Medicina porta a porta: um programa de saúde bem sucedido em Curitiba e Porto Alegre se espalha pelo interior. A medicina porta a porta agora adotada [. . .] em São José dos Ausentes, foi criada há dez anos em Porto Alegre[. . .] Com visitas periódicas aos moradores [. . .] o médico consegue diagnosticar com mais facilidade os problemas de cada um e tratá-los também com rapidez. Nada disso ocorre em outros pontos do país, onde a falta de programas preventivos de saúde congestionam as filas e as enfermarias dos hospitais públicos.

(**Veja**, 8 de setembro, 1993, p.24)

No início da primeira gestão da Prefeitura, foi criado o Conselho Municipal de Saúde e contratados sete Agentes de Saúde, para dar início à municipalização da saúde:

Em agosto de 1996, a Secretaria Municipal de Saúde de São José dos Ausentes implantou o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Este Programa tem como meta principal diminuir o número de baixas hospitalares [. . .] possui sete agentes de saúde. Os trabalhos são coordenados, capacitados e supervisionados pela enfermeira Mariese Graziotin e já conta com 714 famílias cadastradas. São realizadas, em média, 870 visitas domiciliares por mês, quando são repassadas informações sobre imunização, aleitamento materno, prevenção de doenças respiratórias e diarreias. O crescimento e desenvolvimento das crianças é acompanhado desde a gestação até o quinto ano de vida.

(**Gazeta Serrana**, 19 de abril, 1997, p.4)

O associativismo foi uma saída alcançada para atingir a meta prevista, de construção de um hospital:

A criação de uma associação hospitalar foi a alternativa encontrada pela Secretaria de Saúde para construir o hospital municipal, independente de ligações partidárias. Segundo o Secretário de Saúde, Paulo Rovaris, a população recebeu positivamente a idéia. "Com uma associação comunitária em sua gerência o hospital pode funcionar livre das mudanças de partidos políticos na prefeitura e ter autonomia em sua administração", diz. Vários eventos serão realizados em benefício do hospital. No dia 7 acontece um jantar-dançante para o lançamento oficial da associação, promoção que também servirá para recolher os primeiros fundos para a obra.

(*O Pioneiro*, 29 de julho, 1993, p.12).

Como se pode observar, em ambos os textos acima se identifica o espírito cooperativo como sendo uma alternativa para superar os problemas da comunidade. A alternativa da medicina comunitária, que conta com a participação de atores sociais populares, transformados em agentes de saúde, a estratégia de constituição de uma associação para administrar o futuro hospital, e também a participação da comunidade através de doação de recursos, são todos indicadores que a população estava criando alternativas próprias para superação dos próprios problemas.

Desse modo, a emancipação, mesmo que tenha sido consentida, mais do que resultado de uma luta política, logo se converteu num mecanismo de coesão, despertando um sentido de pertença, solidariedade e cooperação. Embora esses sentimentos não sejam novos na região, a solidariedade e o espírito associativo tornaram-se ainda mais fortes. Algum tempo depois, o Conselho Municipal de Saúde se mostrou tão sólido em suas ações que passou a se converter em mecanismo de luta política. Entre os seus casos, o mais popular é o da manifestação pública feita contra o aumento salarial dos vereadores:

Vereadores viram alvos de ovos. Uma chuva de ovos encerrou a sessão de ontem à tarde da Câmara dos Vereadores de São José dos Ausentes. Revoltada, a população – na maioria professores e aposentados – pediu dignidade aos vereadores, que aprovaram um aumento de 79% nos seus salários para a próxima legislatura. O salário mensal passará dos atuais R\$ 312,00 para R\$ 560,00. Integrantes do Conselho Municipal de Saúde (CMS), que realizam trabalho gratuito, pedira para falar na Tribuna do Povo, espaço dedicado à população na Câmara dos Vereadores. Os vereadores impediram a manifestação do CMS sob o argumento de que o órgão “não é responsável pelas questões do Legislativo”:

(Zero Hora, 1º de novembro, 1996, p.12)

Como já se disse anteriormente, a preservação do ambiente, por sua vez, era outro ponto que permeava as discussões:

“É, a gente sabe que isso aqui é uma maravilha. Temos de tudo, aqui. A vida é difícil, mas é muito bonito. Além de bonito, isso aqui é um paraíso para os bichos e para as matas. Mesmo que as serrarias tenham tirado as araucárias, quase terminando com elas, sobrou muito. E desnível dos rios, parece que só tem aqui, em nenhum outro lugar do mundo tem igual. E os matos de xaxim, cheios, cheios, sem ninguém mexer. E quanto passarinho! Até as curicacas, que a gente não dá nada, vocês acham lindas. Imagine se vocês vissem os bichos que tem aí dentro. Tem o veado campeiro, o graxaim, o tamanduá, as gralhas, o lobo guará, o mão-pelada e muito mais. Até a cerração e a neve, que para nós só dá trabalho, quem vem de fora acha tão lindo que até nos já aprendemos a gostar também”.

(Seu Viriato, ex-vice-prefeito, criador de gado e líder político, entrevista)

A contação de histórias da região era tema preferido nas conversas junto ao fogão. Tanto a história da chegada dos jesuítas e guaranís, da introdução do gado, dos tropeiros, das famílias, das pessoas, quanto a “contação de causos”, ambos atraem a atenção de todos.

Várias famílias têm se preocupado em reunir documentos, fotografias, objetos que dizem alguma coisa da epopéia ausentina. Entre elas, destaca-se a família Boeira, da Fazenda São José do Silveira, localizada no distrito com mesmo nome. Ao lado da casa, foi construído um museu que, subsidiado e mantido pela própria família, reúne um significativo acervo (livros, documentos, peças utilitárias, roupas, etc.) relacionados ao modo de vida e à história local. Trata-se do Museu Waldemar dos Santos Boeira, que é permanente local para aulas práticas de história da região, como também se constitui em ponto de atração turística para os visitantes vindos de fora:

Próximo à porta de entrada, no lado esquerdo, um mapa-múndi pintado à mão chama a atenção. É uma rústica reprodução geográfica do planeta feita em 1880 na parede de madeira da casa dos avós de Waldemar dos Santos Boeira que, após ser guardada por décadas, virou atração no WSB, o museu particular construído pela família de Waldermar, falecido nos anos 80. O Museu [. . .] tem peças que ajudam a contar a história de Ausentes, da região dos Campos de Cima da Serra e do Rio Grande do Sul. Há traços da passagem dos brasileiros – ou portugueses – rumo ao Porto dos Casais (hoje Porto Alegre), como selas e revólveres antigos[. . .] Outra novidade pouco comum para um museu de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, é a coleção de notas e moedas de vários países como o Butão, Burundi, Nepal, Sudão e Iugoslávia.

(Pioneiro, 2 de novembro, 1998, p.5)

Portanto, aliada à beleza do ambiente, a valorização da história local apareceu aos poucos como sendo uma grande referência para um projeto de ação cultural voltado ao desenvolvimento sustentado da região. Concretizada no Museu, a história local faz parte das conversas dia a dia. Misturando realidade com fantasia, cada um tem um pedaço de história para contar. Até mesmo a cidade tem elementos curiosos de sua história, como é o caso do distrito de São José do Silveira:

Um distrito feroeste na serra. As casas do distrito que pertencia a Bom Jesus lembram o cenário de filmes do velho oeste americano. Silveira já foi uma localidade de muita importância junto à economia da região [. . .] conseguiu, no auge da época da extração da madeira, nos anos 60, ser o maior distrito de Bom Jesus. Naquela época, tinha mais de cinco mil habitantes, 14 madeiras e três hotéis. O distrito, que fica localizado a 20 quilômetros do agora município de São José dos Ausentes, se tornou um ponto obrigatório de visita turística. Ao chegar em Silveira a primeira impressão é a de que se está em uma cidade cinematográfica do velho oeste americano, com suas velhas casas de madeira pintadas com cores pouco tradicionais e sem qualquer combinação. A sua população, hoje, não chega a mil habitantes. Os que ficaram voltaram suas atividades para a fruticultura e pecuária. O progresso, com a extração da madeira, ficou apenas na memória dos moradores, que lembram os velhos tempos. Ir a Ausentes e não visitar Silveira é deixar de conhecer um pouco da história dos Campos de Cima da Serra.

(Rosmari de Castilhos. **Pioneiro**, 27 de abril, 1995, p.42)

Realmente, quando se chega lá pela primeira vez, custa acreditar no que se vê. Um posto de gasolina abandonado, de cuja bomba sai água. Uma placa de hotel numa tapera. Casas de madeira que lembram a arquitetura dos anos sessenta, com suas cores originais. Um só estabelecimento comercial, misto de armazém, supermercado, loja de departamentos, é suficiente. É a “venda” do Cid, onde se encontra de tudo. O Cid, que já foi vereador na gestão anterior (não conseguiu se reeleger) vende desde os queijos, salames, doces locais, até ameixas importadas do Chile, roupas da China, produtos da Coréia. É mais uma vez a globalização da economia chegando lá. Tralhas de toda a ordem, produtos e instrumentos para a agricultura e pecuária, gás, e tudo o mais. Só não tem jornais, nem revistas. “É que as outras coisas são compradas através dos “caixeiros-viajantes” que vendem de tudo, chegando aqui de vez em quando, como antigamente. Mas e os jornais e as revistas, quem traria até aqui?” pergunta e responde ele mesmo.

Figura 14

Mas, além das fazendas transformadas em pousadas, o que a comunidade estaria recebendo com a introdução do turismo rural ecológico? Em que medida isso modificaria a vida daqueles que não estivessem vinculados diretamente às referidas fazendas? O que a população em geral entende como "turismo ecológico rural?" O que significa preservar o meio ambiente, numa terra onde as queimadas são religiosamente realizadas em agosto, onde o lixo é jogado nos rios, as galinhas e os porcos convivem com as crianças, entrando e saindo das moradias? De repente, apareceram umas pessoas dizendo que, com um projeto de turismo, tudo ia melhorar. Mas melhorar para quem? No que a vida seria diferente?

Até hoje, poucos habitantes conhecem a sua própria região. As nascentes de importantes rios do Estado (Antas, Contas, do Marco e Pelotas), o pico mais alto (Monte Negro), os *canyons*, as cachoeiras, tudo é praticamente desconhecido. Quase todos sabem que tais locais existem, chegam até a dizer aos visitantes como chegar até lá, mas poucos viram de perto tais pontos.

A partir do convênio, a Universidade traçou o primeiro mapa geográfico do Município. Ou seja, deu-se uma forma gráfica ao território e àquelas pessoas tão afastadas entre si, mas que deviam se sentir ausentinas. Foram também definidas as linhas emergenciais de um plano diretor, buscando identificar algumas referências. Nasceu um sistemático e paciente projeto de educação ambiental, buscando, junto com a comunidade, alternativas para coleta e reciclagem do lixo, informações sobre higiene, queima de plástico, alertas sobre os perigos da reutilização de embalagens de agrotóxicos, etc. Aos poucos e sem que se percebesse,

estava implantada uma forma de planejamento participativo na região. Cada encontro e atividade provocava movimentação e até tumulto na cidade.

Os primeiros resultados mostravam que o caminho era aquele mesmo. Pelo menos na visão oficial, acadêmica, em nossa própria ótica, os resultados pareciam excelentes. Mas e para a comunidade? Como cada uma daquelas pessoas via esse processo de modificação de seu espaço, de suas relações sociais, de sua vida cultural? Tais perguntas foram sendo feitas de forma sistemática, em cada um dos encontros. Pelo menos uma vez por mês, o assunto vinha à baila: era isso mesmo que a comunidade esperava, desejava, aspirava?

Ao tomar conhecimento da possibilidade de obtenção de recursos junto ao Programa Nacional de Apoio à Cultura, do Ministério da Cultura, a comunidade interessou-se na criação de uma banda municipal (já em planejamento), de uma praça (especialmente uma praça, já que não existe nenhuma na cidade) com um espaço onde pudesse funcionar uma biblioteca, uma videoteca, atividades múltiplas, etc. Enfim, um local para reunião, aproximação, encontro. Trata-se da criação de mais um centro de cultura, ou de uma casa de cultura, cujos vícios, significados e possibilidades foram, profunda e convenientemente, discutidos por MILANESI (1991).

Idéias surgidas em rodas de chimarrão, ao pé da lareira ou nos "postos de saúde" (que tanto podem ser um salão de bailes, uma casa paroquial ou um centro de tradições gaúchas em que o médico comunitário vê os seus pacientes, uma vez a cada quinze dias) transformam-se em atividades e eventos que servem de pretexto para reunir a população. Tudo é motivo de festa e de encontro.

Para facilitar a atuação da Universidade adaptou-se uma escola rural desativada para se constituir num alojamento, dispondo de espaço para pequenas reuniões e depósito de alguns equipamentos. Trata-se de uma "*brizoleta*", nome popular dado às escolas de madeira que proliferaram no Estado na década de 60, dentro do plano de governo de Leonel de Moura Brizola, então governador do Estado (uma espécie de avó dos CIEPs, CIACs e congêneres). Num passe de mágica, está funcionando naquele local a Estação de Estudos Curicaca, nome de uma ave muito comum na região, adotada como mascote do Programa, por sua simpatia, docilidade e companheirismo.

Desse modo, o Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem, de caráter interdisciplinar, fundamenta-se nos princípios de transformação social e desenvolvimento auto-sustentado e na busca de harmonia entre o desenvolvimento social e o ambiente natural.

Como já se viu, o Programa voltou-se à construção de alternativas de desenvolvimento sustentável para o Município de São José dos Ausentes, RS, a partir de uma metodologia baseada na interdisciplinaridade do tratamento do conhecimento e na integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. Também relembrando, a escolha dessa comunidade se deu pelo fato da região se constituir num berço genético e reserva ambiental, verdadeiro santuário do planeta, hoje palco de um crescente processo de degradação ambiental, ao qual se aliava a condição do Município, se situar entre os de menor baixa renda do estado do RS.

Figura 15

Nessa linha, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, através do Núcleo de Fotografia, deu início, naquele ano, à constituição de um banco de imagens fotográficas que, ao mesmo tempo registrava a beleza da paisagem e denunciava o impacto ambiental provocado pela ação das serrarias e da prática das queimadas de campo. De imediato, a iniciativa, surgida como atividade prática de um curso de extensão em fotografia ambiental, se transformou num projeto de ação comunitária, que, envolvendo todas as áreas de conhecimento da universidade, inseriu as áreas de ensino e pesquisa à de extensão.

Nascia dessa maneira um programa que buscava integrar, a um só tempo, a produção, a divulgação e a aplicação social de conhecimentos de todas as áreas da Universidade. E que, através da harmonização entre a satisfação das necessidades humanas e a preservação do ambiente, pudesse construir alternativas teóricas e estratégias práticas para a definição de um projeto de desenvolvimento sustentado para o Município.

A ação cultural que o Programa exigiu, ou seja, o processo necessário para a comunidade se informar, discutir e assumir essas modificações em seu cotidiano, em seu modo de agir e de pensar, em suas formas de resistir e de enfrentar os problemas da realidade, só poderia tornar-se também complexo. Isso significa dizer que, para adequar-se às características locais, deveria tornar-se também interdisciplinar, interativo e interagente. Interdisciplinar ao ignorar as tradicionais demarcações de campo entre cultura, educação, saúde, economia, etc., em suas práticas, temáticas e fundamentação teórica.

Interativo, na medida em que se tornaria foco da atenção e do trabalho de todas as áreas envolvidas no Programa, desde a agronomia, educação, comunicação, biblioteconomia, odontologia, arquitetura, biologia, etc. Ao invés de uma linha de pesquisa, um campo determinado, isolado, passou a assumir uma dimensão complexa, ou seja, presente em todas as áreas do conhecimento, tecida junto com elas em plena urdidura da trama. Assim, exclamações do tipo *isso é educação, isso não é cultura; aquilo é turismo, não, meio ambiente*, não têm espaço na perspectiva adotada.

Portanto, a Universidade e a comunidade criaram, dentro de uma metodologia de planejamento participativo, um programa de ação cultural voltado à melhoria da qualidade de vida de sua população, calcado em atitudes de respeito e integração entre todas as formas de vida do planeta. Eis que se estava se concretizando a proposta de ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza, conforme o título deste trabalho.

O Programa foi aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), em 1998 e pela Secretaria de Ensino Superior (SESU) do Ministério de Educação, dentro do Programa Comunidade Solidária, nos anos de 1999 e 2000. A já referida *Estação de Estudos Curicaca* possibilita, desde a sua implantação, a presença permanente de equipes de trabalho na região, envolvidas na realização de atividades vinculadas aos dezessete projetos que o compõem hoje, conforme relação a seguir:

Relacao dos projetos

Se à primeira vista possa parecer que se trate de atividades sem maior relação entre si, isso é falso. Na verdade representam a implementação do plano de ação gerado no decorrer do processo deste trabalho. De acordo com o modelo metodológico adotado, o Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem é o resultado das discussões e definições de prioridades levadas a efeito nos anos de 1995 a 1997. Já nesse ano os meios de comunicação descreviam alguns dos seus resultados, que na sua ótica, assim foram percebidos:

[. . .] Ausentes parece mais uma daquelas cidades do interior, sem atrativos e esquecidas pelo poder público. O núcleo urbano é pequeno, nos finais de semana ou nos dias mais frios é difícil encontrar alguém pelas ruas, e quem chega sem avisar dificilmente encontra onde comer [. . .] A economia, até meados dos anos 70 baseada no trabalho das serrarias, hoje resume-se ao cultivo de maçãs e batatas. Pois esta mesma cidade esconde, além dos lugares, uma fauna e uma flora fantásticas. Em 1995 a paisagem chamou a atenção de dois professores da FABICO da UFRGS, que resolveram montar uma oficina de fotografia com a cidade como tema. A oficina se desenvolveu de tal forma, e com tanto sucesso, que a UFRGS praticamente adotou o município e, no início deste ano, foi firmado um convênio entre a universidade e a prefeitura, intitulado São José dos Ausentes, Povo e Paisagem. O projeto abrange, além de comunicação visual, as áreas de arquitetura, geociências, turismo, educação, saúde, saneamento, cultura e biologia. O departamento de arquitetura da universidade realiza um plano diretor da cidade, que prevê a construção de uma praça, onde deverá ser erguida uma casa de cultura, com biblioteca e videoteca. Atendendo à solicitação dos moradores, foi montado na cidade um grupo de teatro. O próximo passo é a formação de uma banda municipal. Graças ao convênio, a viabilidade de uma escola de 2º grau – hoje os alunos precisam se deslocar até Bom Jesus – está sendo avaliada pelo Conselho Estadual de Educação. Os geólogos que fazem o levantamento geomorfológico determinaram o marco geodésico (uma espécie de ponto zero) do município, a partir do qual é possível estabelecer suas coordenadas. Também conseguiram fotografias do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, para fazer um mapa turístico da região. Os alunos estão ainda colocando um sistema de sinalização na Serra da Rocinha, para os visitantes que chegam de Santa Catarina.

(São José dos Ausentes une Povo e Paisagens. **Pioneiro**, 27/8/97, p.4)

O Programa representa a síntese dos problemas selecionados coletivamente pela comunidade para serem solucionados

através da parceria com a Universidade, transformados em quinze projetos. Fugindo da tradicional classificação em projetos de ensino, pesquisa ou extensão, cada um dos projetos se constitui numa integração entre as três atividades-fim acadêmicas. Isso significa dizer que, na busca da superação das questões específicas de cada um, foram planejadas propostas que ora se revestiram em atividades didáticas (realização de cursos, saídas de campo, conclusão de trabalhos de graduação, etc.), ora se constituíram em pesquisa (formalizados através de projetos de teses de doutorado, dissertações de mestrado ou relatórios técnicos de pesquisa), enquanto em outros momentos se converteram em atividades de extensão (oficinas de capacitação, cursos de educação ambiental, etc.).

E, em decorrência da perspectiva teórica que fundamentou esta tese, a abordagem se fez interdisciplinar. Isso significa dizer que cada um dos problemas tornou-se o foco de diferentes áreas, reunidas para, em conjunto, refletir sobre o assunto. Desse modo, diferentes olhares se cruzaram a todo o momento, ultrapassando as barreiras e compartimentações tradicionais do conhecimento em áreas isoladas.

Os resultados demonstraram o acerto da abordagem adotada. Os dados revelaram que a interdisciplinaridade na construção do conhecimento, a análise da realidade enquanto um fenômeno complexo e a definição de prioridades através de um processo de democracia participativa são estratégia eficaz para promover uma interação mais efetiva entre a Universidade e a comunidade. Trata-se de princípios que se mostraram adequados para novas metodologias de trabalho acadêmico, ao exigirem a adaptação e até mesmo a criação

de formas alternativas de produzir, difundir e aplicar conhecimentos, voltados à construção de um futuro melhor e mais otimista, não só para o homem mas para todas as manifestações de vida no planeta.

Diante da problemática priorizada pela comunidade de São José dos Ausentes, se fez necessária a adaptação e até mesmo a construção de formas específicas de produzir, difundir e aplicar conhecimentos. Os projetos assim reunidos integram um modelo de desenvolvimento sustentável que se fundamenta na possibilidade de que a ação cultural se constitua em estratégia de religação do homem à natureza, aliando a preocupação com a preservação do ambiente natural à melhoria da qualidade de sua própria vida.

Em seqüência, serão analisados mais em detalhe resultados obtidos por alguns dos projetos, que servem de indicadores para análise do tipo de relação que se estabeleceu entre a Universidade e as prioridades definidas pela comunidade.

A beleza da região, sem dúvida o seu maior atrativo tornado objeto do Projeto *O Povo e a Paisagem de São José dos Ausentes*, foi fixada em mais de 8000 fotografias. Com essas imagens, foram criados os produtos gráficos de divulgação do Município e da comunidade, na forma de *folders*, cartões postais, cartazes, calendários, logomarcas, etc. A feiúra dessa mesma região, que é a visão da paisagem devastada pelas queimadas, deu origem, entre outros, a uma exposição itinerante, denominada "Fragmentos de Alerta", que, acompanhada por debates e informações sobre o problema, tenta conscientizar a população para a necessidade de substituição daquela prática por uma outra tecnologia que não desgaste o ambiente.

Portanto, de acordo com a abordagem do Programa, a fotografia serviu não só para registro da beleza, mas também como forma de criticar uma prática comum, responsável pela destruição daquela rica biodiversidade. É ao mesmo tempo um indicador da ordem e do caos, do equilíbrio e do desequilíbrio, da beleza e da feiúra que caracterizam a realidade na perspectiva da complexidade, proposta por Edgar Morin e que serve de suporte para este trabalho.

Retomando o lado positivo, as fotografias foram utilizadas também como estratégia para resgate da auto-estima da comunidade, tentando mostrar que, ao contrário do fim do mundo, aquela região era na verdade um paraíso a ser preservado. E, a fim de aumentar o interesse e a admiração pela região entre seus próprios moradores, o Projeto passou a criar materiais gráficos, cartazes de divulgação, cartões postais e uma série de outros produtos voltados à valorização e à divulgação daquele ambiente e dos principais eventos e atividades da cidade. Se isso foi importante para a cidade, o foi ainda mais para os alunos e professores da Universidade envolvidos.

Entre eles, os de maior sucesso foram os calendários do Município (que ao final do ano são recortados e viram quadros pendurados nas paredes, pelas logomarcas de identificação de estabelecimentos e produtos locais (incluindo mel, queijos, doces, peças de vestuário, etc.) Mas, acima de todos, os *folders* de divulgação do Município se situam como o grande destaque (tanto que vêm sendo constantemente copiados por outros municípios, para alegria dos alunos que os conceberam, que vêm nisso não um problema, mas um motivo de orgulho). Até agora, já foram criados quatro *folders*, atualizados

sistematicamente, quando a criação de novos estabelecimentos, serviços ou alternativas na cidade o exige.

Outro resultado significativo foi obtido pelo *Projeto Memorial de São José dos Ausentes*, que se constituiu na reunião, classificação, catalogação, reprodução e disponibilização das matérias referentes ao Município publicadas pela imprensa para todas as escolas, pousadas e outros estabelecimentos interessados. Ficou decidido que a primeira parte, relacionada ao período da emancipação até o ano 2002 seria feita pelos alunos de Biblioteconomia. Mas que, a partir daí, as próprias escolas locais escolherão pessoas que se responsabilizarão em dar continuidade ao trabalho. Com isso, se oportunizou o acesso às informações veiculadas pela mídia sobre a cidade. E, mesmo que os jornais e revistas ainda demorem a chegar à região, em especial à zona rural do Município, as escolas poderão utilizar essas matérias como material didático, produzindo jornais murais e outras formas de comunicação. O depoimento de um dos alunos envolvidos mostra o quanto foi importante a sua contribuição nessa prática acadêmica:

“ É muito diferente a gente aprender a fazer materiais de verdade, ao invés de ficar na Faculdade só fazendo de conta. Quando eu penso em alguma coisa para São José dos Ausentes, me sinto responsável na mudança de alguma coisa no mundo real. Não preciso terminar o meu curso para me sentir envolvido com a realidade do País. São José dos Ausentes me fez sentir mais importante e ter orgulho de mim mesmo”.

(Alexandre, aluno de Biblioteconomia, projeto Memorial, depoimento).

Uma outra atividade, ainda não completa, é a de edição dos programas de televisão para utilização nas escolas, como material didático sobre a região. Isso porque a qualidade dos programas, bem como as temáticas apresentadas, merecem que sejam convenientemente discutidas por seus atores. É importante lembrar, nesse sentido, que a televisão continua sendo muito distante para grande parcela daquela comunidade.

Prosseguindo, a questão das queimadas gerou o *Projeto de Substituição das Queimadas pelo Manejo de Pastagens Nativas* que, além de analisar o impacto que as queimadas provocam no meio ambiente e no equilíbrio ecológico do planeta, busca oferecer subsídios para sua solução.

O resultado do primeiro experimento, que está sendo feito numa das fazendas há mais de três anos, é que o gado mantido em campos não queimados consegue sobreviver em maior escala e com maior peso do que o que foi colocado em campos queimados. Todavia, trata-se de um hábito arraigado na comunidade e cuja modificação dependerá de uma modificação no modo de pensar dos próprios habitantes, talvez a ser atingido em uma ou duas gerações. Por enquanto, o interesse dos criadores atuais em conhecer o projeto restringe-se mais à punição legal àqueles que continuam queimando, do que propriamente por conscientização. Desde o começo, deu para perceber que esta seria a mudança mais difícil de ser provocada:

“Estive pela primeira vez em S.J. dos Ausentes para dar uma palestra para a comunidade local a respeito de Queima de Pastagens Nativas, a convite da Associação Ecológica de Canela. Isto foi no inverno de 1998. Não fosse a participação de estudantes das escolas do município e de uns poucos produtores e técnicos, a audiência seria muito pequena. Entenda-se pouco interesse pelo assunto. Mais tarde, em novembro do mesmo ano, retornei a S.J. dos Ausentes [. . .] para examinar a possibilidade de um projeto de estudo de alternativas para a prática das queimadas, desde que houvesse algum interesse e colaboração de produtores da região. Juntando-nos a quase duas dezenas de projetos da UFRGS, em andamento, nas áreas de saúde, ciências humanas, ciências sociais, biológicas e artes [. . .]”.

(Dr. Aino Jacques, coordenador, [depoimento]).

Entre os projetos que constituíram o Programa, este foi sem dúvida o que mais exigiu saídas de campo, deslocamento das equipes e realização de pesquisa experimental:

“[. . .] Iniciamos nosso trabalho em 1999, como nos havíamos proposto, contando com uma equipe multidisciplinar que incluía pesquisadores/professores e estudantes de pós-graduação (mestrado e doutorado) e de iniciação científica. Ao todo, cerca de 13 pessoas, cobrindo as áreas de: ecologia; manejo; fisiologia; ecofisiologia; fitossociologia de vegetação; taxonomia de leguminosas; fitossociologia de vegetação campestre; química e fertilidade do solo, entre outras[. . .]”.

(Dr. Aino Jacques, coordenador, depoimento).

Por que a Universidade participou de um projeto dessa envergadura? Qual é o tipo de envolvimento das equipes com aquela realidade? O depoimento abaixo mostra como a motivação em participar é pessoal, baseada no entusiasmo e no espírito de aventura das pessoas que participaram do projeto:

“Nosso plano tem tido muito de desafio e de aventura, tais as condições difíceis e inesperadas de trabalho. Uma condição de clima muito frio e úmido tornava cada excursão à área experimental, como já foi dito, uma dura empreitada. Raros foram os dias em que foi possível trabalhar na área experimental sem um grande “banho de chuva”. E os deslocamentos até a referida área (cerca de 6 Km da sede da fazenda) tinham que ser feitos, na maioria das vezes, a pé, a cavalo ou com uso de um trator. Mas, tem valido a pena[. . .] . Quatro alternativas de suplementação foram planejadas e executadas durante o inverno. É preciso lembrar que a região utiliza a prática das queimadas há muitas décadas, talvez mais de dois séculos, com raríssimas tentativas diferentes de manejo da vegetação campestre. E que um animal adulto chega a perder mais de 60 Kg de peso vivo durante o período frio, o que, em alguns casos pode resultar na morte de animais [. . .]

(Dr. Aino Jacques, coordenador, depoimento).

Decorridos três anos desde o início do experimento, os resultados científicos obtidos foram além do esperado inicialmente. A tecnologia empregada, além de eficaz para a substituição das queimadas, se constitui numa tecnologia limpa, barata, adequada à realidade local, voltada à sustentabilidade da região:

“Os resultados obtidos são muito interessantes e nos surpreenderam, tanto do ponto de vista do solo como da vegetação . Não imaginávamos respostas positivas em tão curto tempo. Com o melhor resultado de primavera-verão, com ajuste de carga, foi possível manter uma lotação(carga) 75% acima da média da região. Com as quatro alternativas de inverno estudadas, os animais mantiveram ou ganharam peso durante o inverno. Os resultados mostraram ótimos em termos de desempenho animal e também em termos econômicos. O que quer dizer que serviriam para diversos gostos e diversos “bolsos”.

(Dr. Aino Jacques, coordenador, depoimento)

A repercussão dos resultados obtidos junto à comunidade também superou as expectativas iniciais, interessando não só criadores, mas também professores, técnicos, alunos e pessoas em geral, curiosos no assunto, não só do Município mas de cidades vizinhas:

“No dia 26 de março deste ano, realizamos um “dia de campo”, com a ajuda dos proprietários, da prefeitura municipal de S.J. dos Ausentes e da EMATER local. A estimativa era de que se contássemos com cerca de 20 pessoas já estaria de bom tamanho. Reunimos 107 participantes entre produtores, professores, pesquisadores, técnicos e estudantes vindos dos municípios da região, de outras regiões do RS e também dos municípios de Lages, Urupema, São Joaquim e Bom Jardim da Serra. Na parte da manhã foi feita uma apresentação dos resultados e conclusões do projeto até aquele momento. E, à tarde, com a ajuda de “São Pedro” , foi feita uma visita do grupo à área experimental, onde foi possível verificar e discutir “in loco” o desenvolvimento do nosso trabalho. Continuamos entusiasmados com nosso projeto, embora o clima muito frio e chuvoso poderia não ser a melhor opção para um asmático como eu. A receptividade tem sido boa e os produtores escolhidos estão participando ativamente do nosso trabalho e colocando à nossa disposição os meios necessários[. . .]”.

(Dr. Aino Jacques, coordenador, depoimento).

Portanto, a tecnologia criada pela Universidade para superar um dos problemas mais sérios da economia a região, representou uma efetiva integração entre o conhecimento acadêmico e o saber popular. O confronto entre ambos, porém, está longe de ser superado, uma vez que, como já foi ressaltado anteriormente, as queimadas fazem parte do cotidiano daquela população, há mais de duzentos anos. Como substituí-la tão facilmente nas mentalidades das pessoas? Eis que aí se torna necessária uma visão complexa da realidade, em que sejam feitas as conexões pertinentes entre a área de conhecimento inicialmente envolvida, ou seja, a agronomia, com as bases teóricas e referências oferecidas por outras áreas que possam contribuir em sua aproximação com a comunidade, em especial a antropologia, a sociologia e a história, mediadas através da comunicação.

Prosseguindo, serão agora discutidos alguns dos resultados obtidos dentro do Projeto de Construção de Alternativas de Educação, Saúde e Meio Ambiente, que articulou os trabalhos dos níveis administrativo, político e de participação popular na gestão das políticas sociais e dos serviços em São José dos Ausentes, levando em conta as relações entre o conhecimento técnico-científico, as decisões éticas sobre o ambiente e discussões teóricas no campo educativo.

As atividades foram realizadas numa perspectiva não formalista do conhecimento científico, que se calcou numa abordagem que atribuiu ênfase especial às diferenças culturais como forma de ampliação do diálogo entre os diversos grupos sociais envolvidos.

Desse modo, as ações em saúde e educação ambiental foram desenvolvidas a partir das representações e das práticas que a população já tinha em relação ao ambiente. Desde o primeiro momento, foi evitada a importação de modelos e indicadores não condizentes com a região. E, para isso, o trabalho teve início com a realização de conversas informais com as pessoas, para coletar depoimentos dos sujeitos que orientassem a identificação dos principais problemas sócio-ambientais a serem solucionados, bem como das demandas e necessidades da população quanto à utilização e preservação ambiental:

“[. . .] todas as atividades foram desenvolvidas levando-se em consideração os interesses da população que começou a exigir uma melhor qualidade de vida no município. Os objetivos do trabalho então propostos eram de não substituir as responsabilidades do poder local, ou seja, de não praticar trabalhos assistencialistas, mas sim desenvolver atividades em conjunto com os profissionais responsáveis pela saúde do município, levando-se em consideração a idéia da auto-sustentabilidade [. . .]”.

(Dra. Sonia Slawutsky, coordenadora, depoimento)

Entre as principais propostas realizadas, ressaltam-se o *Programa de Educação, Prevenção e Tratamento da Saúde Oral*, desenvolvido nas escolas do Município, com a participação dos alunos, professores e alguns pais, com caráter sistemático, repetido no mínimo duas vezes por ano, contando com a participação de grupos de quinze alunos de Odontologia, dois de Comunicação Social e uma professora de Odontologia Social:

“Todas as crianças participaram das atividades educativas e preventivas a respeito de saúde. Foi discutida com elas a importância da prevenção de doenças a partir de hábitos saudáveis, como por exemplo, a higienização do corpo, uma alimentação saudável, a preservação do ambiente e o cuidado com o lixo. Além disso, todas as crianças foram examinadas a fim de se saber o seu estado de saúde bucal. As crianças que necessitavam tratamentos eram atendidas ali mesmo na escola. Caso o tratamento fosse muito complexo, a criança era encaminhada para o atendimento no posto de saúde pelo cirurgião-dentista do Município”

(Dra. Sonia Slawutsky, coordenadora, depoimento)

Outra atividade importante a destacar é a *Oficina de Alimentação*, feita pela Dra. Clara Brandão, do Ministério da Saúde, responsável pela assessoria a municípios para alimentação complementar com multimisturas. Numa abordagem teórica e prática, contou com a participação de toda a comunidade, incluindo professores, merendeiras, profissionais da saúde, funcionários públicos, associações comunitárias de São José dos Ausentes e de municípios vizinhos, com mais de trezentas pessoas presentes:

“Na parte teórica discutiu-se a importância da qualidade dos alimentos na prevenção de diversas doenças (desde as mais simples como a desnutrição até as mais complexas, como o câncer e as doenças do coração). As alternativas propostas para a comunidade foram de resgatar e valorizar os alimentos saudáveis produzidos na região e que pouco era consumidos ou até desprezados por falta de conhecimento[. . .]”.

(Dra. Sonia Maria Blauth Slawutzky, coordenadora, depoimento)

A preocupação em desenvolver um projeto de ação cultural que desse um suporte sustentável ao processo de desenvolvimento

local, esteve sempre presente, sendo informado, discutido e avaliado pela comunidade:

“Como esse tipo de prática seria possível uma alimentação de maior qualidade e de menor custo, tanto para o município no preparo das merendas escolares, como para as famílias carentes. A parte prática se constitui em almoços oferecidos aos participantes, mostrando a preparação dos alimentos e principalmente a possibilidade de se fazer alimentos saudáveis de baixo custo e saborosos. Sempre nos preocupamos em mostrar que essa seria uma excelente saída para a merenda escolar, para a alimentação das famílias e para a melhor qualidade de vida das crianças. Deixamos claro, também, os malefícios que o consumo de açúcar provoca a longo prazo: muito mais do que estimular a cárie dental, gera diabéticos, hipertensos e pessoas com elevado nível de colesterol, como a literatura já o provou [. . .]” (Idem) .

Pode-se avaliar a repercussão da atividade pelo depoimento abaixo, que traduz várias outras manifestações semelhantes:

“O encontro com a Dra. Clara Brandão foi extraordinário. Ela consegue convencer que nossa saúde começa pela boca, e que nossa alimentação deve ser equilibrada, saudável, com um visual bonito (pois precisamos alimentar nossos olhos também). Enfim, que a ingestão de alimentos é uma função extremamente importante para nossa vida. Em função disso, precisamos nos alimentar adequadamente[. . .]”

(Gessilda, funcionária pública, depoimento).

A comemoração do Dia Internacional da Mulher, 8 de março, foi pretexto para um evento de repercussão maior do que se esperava junto à comunidade. Sob o título *A Mulher no Terceiro Milênio*,

foi realizado um seminário com a presença do Dr. Abrão Slawutsky, Psicanalista, no CTG Rodeio da Saudade, no dia 10 de março de 2000. À semelhança dos demais cartazes de divulgação, o deste evento logo se transformou em quadro pendurado nas paredes das casas (Anexo D). Mais uma vez, o local estava lotado. Mulheres vieram de todos os cantos, de todos os distritos, de todas as localidades, para participar do encontro. Verdadeiro dia de festa feminino, exclusivamente feminino (o único homem presente era o próprio palestrante):

“[. . .] o encontro com o Dr. Abrão foi muito importante o que ele expôs sobre a mulher. Foi um encontro muito legal pois despertou questionamentos internos em cada mulher e elevou a auto-estima das participantes. Não só este, mas todo o trabalho do pessoal da UFRGS tem o propósito de envolvimento com a comunidade, que sempre está na expectativa de receber as equipes da universidade [. . .]
(Gessilda, funcionária pública, depoimento)

O papel das emoções, do prazer de refletir sobre si mesmas, também se relevou nas manifestações de algumas mulheres:

“Nossa! Como foi bom parar para pensar em nós mesmas!”
(D.Ivone, dona de casa, depoimento)
“O encontro com as mulheres foi uma experiência maravilhosa, pois através dele detectamos que nossas mulheres estão se libertando aos poucos de uma sociedade extremamente”.
machista como a nossa [...]”.
(Luciane, enfermeira, depoimento).

Há diferentes manifestações nesse sentido, com mensagens que mostram que o caminho está certo, que a Universidade vem provocando um movimento de mudança na comunidade local, que, uma vez iniciado, não poderá mais parar:

“ Faz quase um ano que vim fazer morada em Ausentes. Estou feliz em fazer essa escolha. Um dos programas que eu mais gostei de participar foi a Universidade trazer a Dra. Clara Brandão para ensinar sobre alimentação alternativa. A comemoração do dia da mulher, então, não dá nem para falar, de tão importante. Agradecemos a Universidade e esperamos que continuem a ser a luz dos ausentinos e com novos projetos. Nós precisamos do apoio de vocês [. . .]”.

(Anastácia, dona de casa, Fazenda Pessegueiro, depoimento)

Ou, ainda:

“O trabalho da Dra. Clara Brandão foi imprescindível para conscientização de nossa população da importância de uma alimentação saudável, levando em conta a economia que podemos fazer utilizando matéria prima de nossa região [. . .]”.

(Luciane, enfermeira, depoimento).

Quanto ao programa de saúde em seu conjunto, depoimentos demonstram a integração obtida entre a Universidade e a comunidade. Entre eles:

“Por incrível que pareça, o trabalho realizado pela equipe de dentistas as crianças adoraram! Além de as restaurações atraumáticas realmente não causarem trauma às crianças, é preciso acabar com o mito que ir ao dentista é traumatizante e dolorido. O trabalho de educação em saúde bucal é essencial [. . .] Todo o trabalho desenvolvido pela UFRGS tem o propósito de envolvimento com a comunidade, e realmente é o que tem acontecido[. . .] É com alegria, profissionalismo e honra que trabalhamos com o pessoal da Universidade[. . .]”.

(Gecilda, funcionária pública, depoimento).

Percebe-se, neles, que o trabalho estimulou a mudança de atitudes nos sujeitos, de modo contínuo, bem superior aos resultados de um simples evento de animação cultural:

“O que a UFRGS vem desenvolvendo em nosso município é de suma importância. Além de ser um trabalho preventivo acaba nos proporcionando momentos de crescimento pessoal e profissional. Pois através das trocas de informações acabamos nos aperfeiçoando e adaptando determinadas experiências de acordo com nossa realidade. [...] Como profissional da saúde, gostaria que houvesse ainda maior integração e discussão com os profissionais da UFRGS juntamente com a equipe de saúde do Município [. . .]”.

(Luciane, enfermeira, depoimento).

A mudança de hábitos e a permanência das informações, apareceram em diferentes depoimentos:

“Entre as atividades realizadas na área da saúde, é importante destacar os exames parasitológicos de fezes realizados nos escolares do Município, com tratamento medicamentoso e orientações de prevenção. A confraternização das mulheres enriqueceu muito a auto-estima e a troca de idéia entre pessoas que nunca conversam sobre isso. A promoção de práticas alimentares saudáveis influenciou pessoas à adoção de hábitos apropriados, consumindo alimentos locais de baixo custo e alto valor nutritivo, como forma de evitar o agravamento de várias patologias. É também merecido o trabalho em odontologia realizado nos escolares, que além de atuar na parte curativa, deu ênfase particular à orientação quanto à prevenção de cáries [. . .]”.

(Sandramara, funcionária pública, depoimento).

O Projeto de Análise do Impacto Ambiental Provocado pela Introdução das Trutas, por seu lado, nasceu de uma exigência de

caráter ético da própria Universidade. Isso porque a introdução da “truta arco-iris” (*Oncorhynchus mykiss*) nos rios da região se iniciou em 1980, para, segundo se afirmava na época, monitorar a qualidade da água: “[. . .] A truta é tão sensível que é só a água ficar um pouco suja e ela morre”. E, sendo aquela região o local onde nascem os principais rios da região Sul, em especial o rio das Antas, Pelotas e das Contas, era importante controlar a qualidade da água que atende as cidades que acompanham os rios, que formam a Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Todavia, logo em seguida a truta se tornou num atrativo turístico, atraindo pescadores de toda a região, para desenvolvimento da pesca esportiva.

Desse modo, os rios continuaram sendo repovoados por peixes juvenis, para fazer frente à demanda, sem que houvesse o devido acompanhamento de sua introdução, enquanto espécie exótica de peixe, naquelas bacias hidrográficas:

“As preocupações com a presença da “truta arco-iris” na região, que motivaram a proposição deste projeto de pesquisa, decorrem do hábito predador da espécie. Sabe-se que a “truta” é hábil caçadora de outros animais aquáticos, em especial de outros peixes, crustáceos e insetos aquáticos. Levantou-se a hipótese de que a diversidade das comunidades animais aquáticos da região poderia sofrer séria redução diante da ação de uma espécie exótica, pré-adaptada ao meio e livre de seus predadores naturais nativos em sua região de origem”

(Dr. Ludwig Backup, coordenador, relatório de pesquisa¹⁸) .

Como a truta se adaptou bem ao ambiente, passou a ser vista como uma alternativa econômica rentável, não só na forma de

¹⁸ Processo 99/1064.1 – FAPERGS. Relatório da pesquisa *Análise do impacto ambiental provocado pela introdução da “truta arco-íris” nas bacias hidrográficas da região de São José dos Ausentes, RS* .

pesca esportiva, mas também em cativeiro, no modelo *pesque-e-pague*. Com isso, se iniciou um crescente fluxo turístico para a região. Uma das antigas fazendas de gado, a Fazenda Potreirinhos, se transformou em pousada para hospedar especialmente os interessados em pesca-esportiva.

Todavia, sendo a truta uma espécie de peixe exótica, exigiu a realização de pesquisas para analisar o impacto ambiental decorrente de sua introdução nas bacias hidrográficas, tanto para as demais espécies de fauna e flora, quanto para a própria qualidade da água. A modalidade *pesque-e-pague* gerou o funcionamento do Sítio Vale das Trutas, onde dez cabanas passaram a receber os interessados, com uma boa infraestrutura de hospedagem. Todavia, em nenhum dos casos havia sido feita a análise do impacto ambiental daí decorrente.

Este Projeto se caracterizou como sendo o de maior conotação disciplinar, reunindo especialistas em Peixes e em Macroinvertebrados Bentônicos, com uma equipe constituída por quatro professores-doutores, dois alunos de doutorado, dois de mestrado, um biólogo e seis alunos de Biologia, na condição de bolsistas de iniciação científica, vinculados ao Departamento de Zoologia e Pós-graduação em Biologia Animal.

Os resultados, já relatados em quatorze publicações científicas e apresentações em congressos, revelam alguns dados bastante interessantes, como, por exemplo:

- a) os rios examinados não apresentaram alterações importantes decorrentes de eventuais influências antrópicas, excetuando-se apenas o trecho do Rio das Antas logo a jusante do Pesque-e-Pague Vale das Trutas e o trecho do Rio Silveira igualmente logo junto a cidade do mesmo nome;
- b) [...] a biota aquática da região apresenta índices de diversidade ajustados ao perfil hidrológico local [...]
- c) A fauna aquática da região estudada revela altos índices de endemismos, merecendo estudos adicionais e, principalmente, medidas de proteção contra predadores e ações poluidoras de origem antrópica, urbana, industrial, agrônômica e zootécnica.
- d) Ainda não existem subsídios suficientes capazes de instrumentar decisões públicas sobre a tolerância ambiental à presença da espécie exótica “truta arco-íris” nos rios da região.
- e) Aparentemente, tomando-se por base os resultados numéricos dos inventariamentos faunísticos realizados, constata-se que as populações naturais de Crustáceos da família *Aeglidae*, de formas juvenis de insetos da ordem *Ephemerida* e de outros Macroinvertebrados aquáticos que integram a dieta preferida da “truta arco-íris” não desapareceram dos ecossistemas aquáticos em consequência da presença e das atividades do referido peixe exótico.

(Prof. Ludwig Buckup, idem)

Embora ainda não conclusivos, os resultados acima revelam que a truta arco-íris, embora predadora, parece ter se integrado ao local, coexistindo com as espécies nativas, sem eliminá-las. E, desse modo, sinalizam positivamente para uma possível legalização de sua presença naqueles rios.

O projeto *A Riqueza em Espécies de Lepidópteros e Crustáceos do Município de São José dos Ausentes, RS*, fundamenta-se no conceito de biodiversidade, integrado pela diversidade ecológica (variabilidade de ambientes e interações entre espécies de um local) e a diversidade genética (grau de variação genética presente nas populações de quaisquer organismos, em resposta tanto à própria

seleção natural, como por episódios catastróficos que possam alterar a estrutura das populações). Assim, estudar as comunidades de borboletas e crustáceos de São José dos Ausentes, significou obter dados básicos sobre variabilidade genética associada à variabilidade ecológica.

O inventariamento dos crustáceos atingiu resultados novamente inesperados, através da identificação de espécies nativas e exóticas, que foram devidamente descritas, classificadas e relatadas em eventos científicos, documentadas em três pesquisas, na forma de teses de doutorado, relacionadas à análise da diversidade da carcinofauna do ambiente e sua comparação com a distribuição do grupo em ambientes similares.

O Projeto de Configuração Espacial e Estrutura da Cidade de São José dos Ausentes, por sua vez, a partir do levantamento topográfico da Região, produziu, a partir de imagens obtidas junto ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o mapa do Município. Desse modo, fixava-se o conceito de território para o homem ausentino. Em outras palavras, isso significa dizer que a comunidade tem condições de identificar-se como pertencente à cidade. Mas, na prática, pessoas que moram num determinado distrito, ainda não se sentem membros do município. Isso possivelmente seja um resquício do projeto de emancipação do Município, que foi, como já se frisou, praticamente consentida, doada, concedida, muito mais do resultado de uma luta política.

A metodologia de planejamento, implementação e avaliação de tais projetos se constituiu por adaptação do modelo do Orçamento Participativo: as decisões são tomadas coletivamente, em

reuniões previamente agendadas, das quais participam todas as pessoas interessadas. Desse modo, a comunidade participa de todo o processo, seja na definição dos problemas, seja no debate dos resultados parciais, feito sistematicamente.

As reuniões se constituíram sempre eventos culturais de destaque local, convertendo-se em datas festivas. Para estimular a participação da comunidade e especialmente para divulgar de forma acessível as informações e conhecimentos relacionados ao problema, tema ou projeto em análise, são criados produtos gráfico-visuais específicos, utilizando-se os recursos mais arrojados da tecnologia atual que a Universidade dispõe, de modo a se constituírem em elementos de valorização da cultura local e elementos de estímulo à ligação do homem com o seu espaço, apresentados nas formas de exposições itinerantes de fotografias, cartazes, publicações, CD-rom e outros suportes.

Paradoxalmente, o Cd-rom *São José dos Ausentes*, é um dos produtos gráfico-digitais de maior aceitação junto à comunidade. Trata-se de um avanço tecnológico revolucionário em meio a uma comunidade que, a não ser na rede escolar, praticamente não dispõe de equipamentos para acessá-lo. A fim de facilitar o acesso das pessoas às informações nele contidas, foi também editado na forma tradicional, ou seja, teve suas telas impressas graficamente, para serem distribuídas entre a comunidade. Mais uma vez, o destino dessas imagens foi o de se transformarem em quadros, emoldurados ou não, pendurados nas paredes. A partir dele, está sendo criado um site na Internet, cuja alimentação ficará a cargo de membros da rede escolar, tanto professores como alunos, que assim o decidiram.

Figura 17

7.4 O Olhar Acadêmico: Reflexões em Torno de uma Prática Interdisciplinar

Um dos aspectos que mais chamou atenção no decorrer da pesquisa foi o tipo de envolvimento que se estabeleceu entre a comunidade e os professores e alunos da Universidade. Longe de se caracterizar como um projeto acadêmico formal, tradicional, logo o Programa se fez diferente. As relações fizeram-se informais, cheias de afeto e de emoção, sem qualquer constrangimento de ambas as partes. A simplicidade foi uma tônica permanente. Doutores, doutorados, graus e distinções acadêmicas, tudo isso ficava em casa. Lá, se vêem pessoas comuns, interagindo umas com as outras, sem destaques, distâncias, separações. Os depoimentos dos professores e alunos, a seguir transcritos, dão uma idéia desse espírito que se formou entre eles e a comunidade.¹⁹

" Para mim, a experiência foi muito construtiva. Lidar com tantas pessoas, de diferentes idades, raças, nível social, nível intelectual, etc., é sempre um aprendizado sobre nós mesmos. Ao mesmo tempo em que parecia estar ensinando alguma coisa para aquelas pessoas, estava na verdade aprendendo com elas, com meus colegas e até comigo mesmo [. . .] O clima geral de solidariedade, amizade e de "partilha" também me sensibilizou de maneira positiva. Eventos como esse deveriam acontecer com mais freqüência e deveriam também buscar, cada vez mais, um caráter educacional e cultural, ao invés de simplesmente ficarem no âmbito assistencial a que estamos acostumados [. . .]" .

(Rafael Johann da Silva, aluno do curso de Propaganda e Publicidade, depoimento).

¹⁹ Aliás, causou-me uma grande tristeza ter que fazer recortes nas falas dos depoentes, tal a sua grandeza. Ana Maria

Independente de sua área de conhecimento, professores e alunos identificaram no Programa uma forma própria de inserção da universidade na comunidade, integrando o ensino à pesquisa e à extensão:

"A chegada a São José dos Ausentes confirmou as minhas expectativas: uma cidade pequena, isolada, com pessoas simples. O frio não impede que as pessoas tenham uma rotina normal. Na escola em que fomos, encontramos as crianças curiosas e ansiosas. Poucas demonstraram aversão ao tratamento odontológico. O projeto tem sua importância porque precisamos ver pessoas com costumes diferentes e aproveitar isso para a prática odontológica [. . .]"

(Carla Simões, aluna curso de Odontologia, depoimento)

Embora mude o curso, o impacto para o aluno é o mesmo:

"[. . .]Visando exercitar a percepção espacial e a subjetivação da imagem, fomos em busca das paisagens magníficas da região que nos convidam à contemplação. Jamais poderia imaginar o que estava prestes a vivenciar. A região caracteriza-se por uma beleza mágica quase impossível de ser descrita. Ao entrarmos naquele ambiente, passamos a vivenciar uma experiência próxima ao divino que, nem por um instante, eu conseguira traduzir e reduzir em palavras. Deste o primeiro contato com as pessoas do local a acolhida e a receptividade foi nos levando a outras oportunidades e, aos poucos, às visitas a comunidade foram se tornando mais frequentes. Foi este convívio com a comunidade que propiciou o surgimento de uma vontade, que, amparada pelo programa interdisciplinar já existente no município e pelos incentivos à pesquisa da UFRGS, transformou-se em projeto: reconstituir, de forma fragmentada, a história oral da comunidade Ausentina. Isso feito a partir de seus representantes legítimos - a própria comunidade[. . .]".(Myra Adam Gonçalves, aluna do Curso de Artes Plásticas, depoimento)

O papel das emoções, nesse encontro, também teve uma conotação própria, criativa, diferente, exclusiva. A religação se concretizou tanto para a comunidade, quanto para a universidade:

“Na verdade, fui surpreendida por um sentimento diferente. Saindo de uma rotina mais que dentro da normalidade, às vezes esquecemos que o mundo tem uma dimensão maior do que vêem os nossos olhos. Às vezes a gente esquece que muitas coisas estão acontecendo enquanto perdemos tempo cuidando do nosso próprio umbigo. O que me chamou atenção aqui foi nada além da realidade. A realidade que não é exclusiva deste lugar, mas de muitos lugares pelo mundo afora. Muitas boquinhas sorridentes e desdentadas. Muitos olhos curiosos e apavorados. Muitos corpos bem menores do que a idade pediria. Aqui falta muita coisa, desde conhecimentos básicos de saúde até uma reeducação alimentar. Chocou-me, com esse frio, uma menina com pouco agasalho, que chorava de medo do dentista e tremia de frio.

Hoje senti quanto posso ser útil, o quanto poderemos ser úteis, todos nós! Também acordei para a realidade de que a saúde bucal depende muito mais do que cuidarmos somente da boca, e isso torna tudo mais excitante. Deu vontade de tentar começar mudar esse mundo!”

(Evelise, aluna do curso de Odontologia, depoimento)

A interação entre alunos de diferentes cursos para fazer parte das equipes interdisciplinares, foi apontado pela maioria como um dos fatores mais importantes para recolocar o papel da própria profissão dentro do novo contexto mundial. O relato de cada experiência traz consigo uma forma original de descrever esse significado. Todavia, o elo que reúne todos os depoimentos é o de que a experiência direta na

sociedade atinge os alunos e professores nos seus mais profundos sentimentos:

"A primeira impressão de São José foi incrível. Dezembro, noites frias, dias quentes. Banho de cachoeira (o único, aliás, até hoje!). Desde então, as vindas foram isso: muitas fotos, contato com a natureza, campos cheios de araucárias, pinhões e um céu único no mundo!. Hoje, enfim, faço uma visita com "ações antrópicas"(segundo o Monteiro). Deixo um pouco o contato com a natureza para conhecer pessoas, crianças ausentinas, estava faltando. Acho o projeto maravilhoso, importantíssimo! Tem um retorno imediato para a comunidade, não fica só no âmbito acadêmico. Acho que em todos, Odontologia, Fotografia, Agronomia, etc., essa preocupação é fundamental. É um projeto muito bonito e eu me sinto agraciada por participar dele".

(Fernanda Trachemberger, aluna do curso de Jornalismo, depoimento).

O caráter bucólico e um certo ar romântico de ver-se nesse contexto provocam reflexões significativas, especialmente quando vindas de um aluno de Odontologia, uma profissão ainda elitista num País onde, se o atendimento à saúde em geral é difícil, o da saúde oral é privilégio de poucos:

"Após muito tempo de viagem chegamos a um lugar onde parece que voltamos no tempo. Nada é parecido com o que estamos acostumados no nosso dia a dia. A correria dos nossos dias metropolitanos se troca por olhares curiosos dos habitantes desta pacata localidade. Certamente somos notados como estranhos, o que me parece normal já que em lugares assim todos se conhecem e não poderiam deixar de notar que não participamos, como habitantes, deste local. Mas tudo está sendo muito bom, conhecer novas realidades, outros valores, e maravilhosas paisagens que realmente só existem onde o homem capitalista, que visa o lucro acima de tudo, sem se importar com a natureza, ainda não firmou os pés"

(Lires, aluna do curso de Odontologia, depoimento)

Ao lado dessas, transpareceram também manifestações de mudança de atitudes, evidenciando que, a partir da informação, os grupos adquirem a autonomia necessária para se autodesenvolverem:

"[. . .] minha impressão do trabalho na comunidade de S.José é a mais positiva. Reforça minha percepção de que um dos maiores problemas das ditas comunidades do interior é a falta de acesso a informações imprescindíveis para que possam contrapor àquelas veiculadas pela tevê, por exemplo. Nossa experiência foi muito rica e demonstrou como a afirmativa supra foi convincente e comovente. Tivemos respostas do processo de empoderamento do grupo com quem trabalhamos onde percebemos que as pessoas já estão fazendo e propondo atividades que demonstram independência e autonomização dos pensares e fazeres tanto da Secretária de Educação como do professorado do e no município[. . .] "

(Eng.Agr. Jaques Saldanha, coordenador, depoimento)

E, ainda, que a abordagem utilizada também se mostrou eficaz para os fins previstos:

"E isto foi de tal maneira que nos deu a certeza de que o método e a forma como estávamos contactando o grupo eram adequadas e suficientes para este desvelar de suas habilidades até então, aparentemente, adormecidas. Quando a alterações pessoais face o trabalho, reafirmou as minhas percepção e intuição de que processo de compartilhar junto a estes grupos desvalidos das informações mais exclusivas e ainda alojadas em alguns grupos com mais oportunidade de acessá-las, é indispensável. Tendo oportunidades concretas de continuar este caminhar, continuarei nessa caminhada [. . .] "

(Eng.Agr.Jaques Saldanha, coordenador, depoimento)

A substituição do egoísmo pela alteridade, pela capacidade de ver-se no outro, também se revelou nos depoimentos:

"[. . .] Esses relatos nos carregaram (os participantes do projeto) para uma viagem infinita, ou seja, para dentro da história da comunidade [. . .] Percebo [. . .] que todos nós saímos ganhando, é que ao estimularmos a comunidade com nossas idéias, acabamos recebendo muito mais do que damos [. . .] A oportunidade de participação e envolvimento que a pesquisa qualitativa nos oferece é o que nos permitir a possibilidade de embarcar na "viagem" de resgate dos valores culturais da comunidade. E é neste processo de resgate que acabamos vivendo a história do outro como sendo nossa. E desta forma usufruímos junto com a comunidade de todas as mudanças que vão sendo agregadas a sua história e ao próprio projeto, que esta na revalorização da cidadania, na auto-estima, na valorização do sujeito [. . .] "

(Myra Adam Gonçalves, aluna do curso de Artes Plásticas, depoimento).

O encantamento, que poderia ser exclusivo da área artística, mostrou-se comum a todas as áreas. A prática profissional do aluno naquela realidade, também foi tema de reflexões pessoais, sobre o papel de cada um na construção de um futuro melhor:

[. . .] Uma menina, muito triste, me chamou a atenção. Ela ficava quietinha e não cantava muito. E então eu pensei que talvez no futuro ela também seria assim, quieta. Como podemos fazer para interferir no futuro dessas crianças? Fazemos a nossa parte? Nós da UFRGS temos um dever com a sociedade, e dessa forma contribuimos. Hoje estou feliz! Ajudei pessoas! Aqui está ótimo! Há muito ainda o que se fazer e aos pouquinhos vamos mudando o mundo! Sorriam muito! Sejam todos felizes, pois a vida nos possibilita isso. Um beijo no coração de todos[. . .]"

(Fábio, aluno de Odontologia, depoimento)

A possibilidade de sair do casulo disciplinar, alçando vôos mais altos na profissão fica bem clara na manifestação abaixo, com uma forte carga de emoção que chega a transformá-la numa imagem poética, numa metáfora:

"[. . .] Hoje aprendi a fazer ART e percebi que NÃO é necessário uma CADEIRA de dentista para ser um DENTISTA, em condições precárias promovemos saúde bucal para muitas crianças. Como é bom se sentir útil! Aprendi muito (mais que as crianças, acho!)[. . .] Mas o mais importante de tudo é o grupo. Tantas pessoas que estudam na mesma faculdade que eu e nunca tinham sido sequer notadas. É muito bom fazer amigos, descobrir que as pessoas tem características distintas que nos surpreendem... O mundo, o conhecimento e a FELICIDADE vão tão além daquilo que imaginamos! É esse tipo de experiência que nos faz pensar que precisamos ampliar nossos conhecimentos para além de uma BOCA. Ser dentista é ser psicólogo, é ser amigo, é ser artista... Quero ajudar muita gente neste mundo e sei que sou capaz! [. . .]"
(Juliana Dummel, aluna de Odontologia, depoimento).

O êxtase diante da natureza transforma-se em objeto de interesse acadêmico:

"[. . .] ou primeiro olhar- sobre aqueles ambientes serranos pintados por densas cromaticidades pictoriais típicas de uma soberba natureza de altiplano, me surpreenderam [. . .] Impressionou-me a eloqüente magnificência da plástica irrotável da natureza que se passava diante dos meus olhos. Essa primeira experiência de contato pessoal e visual com aqueles lugares espetaculares foi inesquecível, para mim como fotógrafo, sem dúvida alguma.[. . .] Ou seja , após a sua "descoberta", os ambientes dos Ausentes tornaram-se um prato feito para nós fotógrafos, constituindo-se hoje, ponto de referência para todos os integrantes do Núcleo de Fotografia da FABICO/UFRGS.
(Prof. Mário Bittencourt-Monteiro, coordenador, depoimento)

A identificação do Programa como um processo de mudança em si mesmo, sem metas nem objetivos previamente estabelecidos para alcançar, transparecem na manifestação abaixo:

"[. . .] Hoje, mais do que no início, percebo a importância e o valor desta parceria existente entre comunidade de São José dos Ausentes e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois é esta iniciativa que tem nos propiciado a viver uma outra experiência de *vida*. O projeto está inserido dentro de uma pesquisa que se pretende, se afirma e se concretiza como democrática; e, como tal, está voltada para a construção de uma política cultural de resgate da memória e do espaço de valorização da cidadania. Para finalizar, ainda quero deixar claro que esta é uma oportunidade que deixa a vida acadêmica cada vez mais próxima do sonho de ser transformadora[. . .]"

(Myra Adam Gonçalves, aluna do curso de Artes Plásticas, depoimento)

E, finalmente, a integração dos aspectos científicos, emocionais, estéticos e espirituais numa experiência acadêmica, revelaram-se concretos, objetivos, tangíveis:

"[. . .] esse projeto nasceu em nosso imaginário, foi impulsionado por um primeiro olhar, vem sendo dirigido por uma fina percepção da inter-relação entre os contrastes das luzes x cores x formas x povo x ambientes e instrumentalizado decisivamente pela magia da fotografia[. . .]"

(Mario Bitt-Monteiro, coordenador, depoimento)

A proposta deste trabalho, de religação do homem à natureza, aconteceu, se fez concreta, se realizou, antes para a universidade, em seguida para a comunidade ausentina. O Programa

revelou-se uma estratégia de encantamento. Converteu-se numa forma não convencional de fazer ciência integrada à emoção, ao prazer, à alegria. A ação cultural, assim, afirma-se como um processo criativo, dinâmico, que mexe com as emoções e os sentimentos dos sujeitos, demonstrando na prática o que MATURANA (1998) sugeriu, ao destinar um espaço específico para as emoções na educação, na política e, portanto, na cultura.

A preocupação com o cotidiano de cada um, faz parte das preocupações da vida corrente, em que, como reiteradamente afirma MAFFESOLI (1988;1995), o mundo passa por uma transformação em que antigos valores reafirmam-se muito fortemente e, entre eles, o do prazer de viver, o prazer do dia a dia, do presente. Há uma acentuada preocupação com o que está próximo, como é o caso da questão ecológica, do meio ambiente. O retorno de antigos valores, como esses pequenos prazeres, não deve ser encarado como um retrocesso mas, ao contrário, como uma nova maneira de sobreviver no mundo pós-moderno, em que o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológica entram em sinergia . E, assim, o retorno de antigos valores, nessa nova roupagem, não é uma forma de regressão da sociedade, mas uma nova forma de ser.

Todavia, é importante que se mantenha a reserva necessária, um certo distanciamento crítico, a fim de evitar que os resultados sejam exagerados pela emoção. Se os dados sugerem um forte otimismo, há porém provas de um desinteresse da comunidade em solucionar os problemas mais graves, mais profundos, mais contundentes, como é o caso das queimadas:

“Mas, apesar dos bons resultados até agora obtidos, não podemos deixar de reconhecer que estamos tomados por uma certa frustração. Percebemos de forma muito clara a distância entre as informações e recomendações sobre novas tecnologias e uma grande dificuldade, por parte da maioria dos produtores, em adotá-las. Isto mostra que existe um longo e difícil caminho pela frente até que as informações geradas pela pesquisa e experimentação possam ser entendidas e assimiladas pelos produtores da região. Necessitamos, sem dúvida, de um programa com muita substância, que integre atividades de pesquisa, extensão, assistência técnica e crédito, envolvendo lideranças do Estado e da região, num grande esforço para que uma das regiões mais belas do país, e quem sabe do mundo, possa manter-se bela, mas, também, capaz de desenvolver-se de maneira sustentável, assegurando condições de renda e de bem estar social para os produtores da região [. . .]”.

(Dr. Aino Jacques, coordenador, depoimento)

Do mesmo modo, o projeto que busca analisar o impacto da introdução da “truta arco-iris” nos rios da região, mesmo com sólidos resultados das pesquisas realizadas pela Universidade, ainda não teve o apoio esperado da comunidade. Ao se considerar o significado sócio-econômico da pesca esportiva para a região, bem como a sinalização positiva dos trabalhos já publicados a respeito do projeto, há uma certa demora de decisão da comunidade. A semelhança das tecnologias para substituição das queimadas, o estudo do impacto ambiental decorrente da introdução das trutas naqueles rios esbarra na inviabilidade econômica do Município em absorver as despesas daí decorrentes.

Firmava-se um compromisso ético da universidade com a preservação ambiental, ficando a sua permanência condicionada à solução dos problemas de impacto ambiental diagnosticados.

Figura 18

8 Ação Cultural & Religião do Homem à Natureza

Transcorridos quase sete anos deste o início da parceria entre a Universidade e a Prefeitura local, os resultados permitiram que se concretizasse a proposta que deu início a este tese, ou seja, de construção coletiva de um projeto de ação cultural voltado à sustentabilidade do desenvolvimento de São José dos Ausentes.

No que se refere ao contexto social, percebem-se já alguns indicadores desse clima positivo à mudança. Como já se observou anteriormente, trata-se de uma comunidade rural que, embora conservadora, já se acostumou ao novo processo de dinâmica cultural de São José dos Ausentes. Paulatinamente, a resistência à inovação vem sendo substituída por um ambiente propício à mudança. As pessoas aumentaram significativamente o grau de sua auto-estima, reconhecendo-se como habitantes de um espaço privilegiado e, especialmente, acreditando nas possibilidades das ações coletivas. Acreditar mais em si mesmas, reconhecer-se como cidadãos, com direito a uma melhor qualidade de vida, expressa através da ampliação das oportunidades e condições de trabalho, saúde, educação, e, enfim, cultura.

Essa confiança nasceu em decorrência do alcance de algumas metas coletivas, como o funcionamento da primeira escola estadual de segundo grau no Município; o reconhecimento da possibilidade de substituição das queimadas pelo manejo de pastagens nativas; a identificação do ambiente como um verdadeiro santuário ecológico pela diversidade de sua fauna e flora; a criação de uma identidade visual para reconhecimento do Município por seus habitantes e para sua divulgação externa; sucesso da implantação do turismo rural ecológico como

alternativa sócio-econômica geradora já de cento e cinquenta empregos, entre outros.

A antiga imagem da região como sendo o “[...]o recanto do fim do mundo [...]”, ou “[...] onde o diabo perdeu as botas[...]”, ou que “[...] só tem cerração e precipícios[...]”, deu lugar a outra, de São José dos Ausentes linda, hospitaleira, aconchegante, carinhosa. Ao invés de fim do mundo, é identificada como sendo *O Portal dos Campos de Cima da Serra*.

Mesmo assim, a grande maioria de sua população continua até hoje praticamente desconhecendo o território em que vive. As pessoas continuam saindo de suas casas apenas ocasionalmente, por problemas de saúde ou festas familiares. Só que já dispõem em suas casas de fotografias, cartazes, calendários, pendurados nas paredes, para lembrar a si próprias e aos visitantes o quanto São José dos Ausentes é linda.

As estradas de chão batido continuam péssimas, colaborando mais para afastar do que integrar uns aos outros. A vida continua simples, rude, difícil, mas com esperança.

As pessoas já sabem e reconhecem que vivem numa região de grande importância ecológica para todo o planeta. Contudo, permanecem reticentes em relação à mudança de seus hábitos e costumes tradicionais de sobrevivência, de alimentação e de ocupação do solo.

As queimadas diminuíram? Nem tanto. Poucos acreditam que elas sejam tão prejudiciais ao ambiente “[...] como o pessoal da universidade diz [...]”. Precisam dela para que o gado continue vivo, para

que elas mesmas sobrevivam. E aqueles que acreditam, não vêem alternativas para substituí-las “[. . .] sem dinheiro, sem que o governo nos apóie, como faremos? Como ficar sem queimar durante anos? Quem vai pagar pela morte do gado? O que comeremos? [. . .]” . Qual é a resposta da Universidade? Mostrar que existem alternativas, sim, mas que, realmente, sozinhos não conseguirão nada. E daí? Daí o problema se arrasta, vai continuar até que algo seja feito, não por Deus, mas pelos próprios homens, aqueles que democraticamente são eleitos para representar os ausentes. Há problemas sérios a serem resolvidos:

“ [. . .] Já entre os [aspectos] negativos, penso que falta maior atenção as questões de construção civil mais alternativas e exequíveis quanto ao suporte em relação ao frio. As casas são muito precárias e não têm as mínimas condições de abrigar a população local, imagine-se algum pretense turista. Há necessidade de projetar-se sistemas construtivos simples mas eficazes. Outro aspecto é em relação às questões ambientais bem objetivas como queimadas, opções de produção que saiam do *status quo* da pecuária e lavouras extrativistas, tipo pinus e batata. Por ora, são estas as minhas observações” .
(Eng. Agr. Jaques Saldanha, coordenador, depoimento).

Embora levando em consideração os problemas ainda existentes, as pessoas passaram a reconhecer é possível construir novas alternativas de vida, senão para a atual, pelo menos para as futuras gerações, através da educação ambiental, da preocupação ecológica e do respeito e valorização à identidade cultural local. O exemplo do sucesso obtido pela transformação de fazendas de gado em pousadas, a valorização das práticas cotidianas no campo, a recuperação da saga dos tropeiros que povoaram a região transformada em alternativa turística (cavalgadas, mula-trekking), tudo contribuiu para a mudança.

O retorno do uso de plantas para fins medicinais, a valorização do artesanato, da culinária, música e hábitos locais, até há pouco considerados “[...] atrasados, antigos, fora do tempo [...]”, estão se firmando nesse novo panorama como instrumentos de mudança social.

A comunidade, acostumada a relações tradicionais de compadrio e assistencialismo, era avessa à discussão de um novo modelo de desenvolvimento, considerando ser esse um discurso ideológico de oposição, ou, mais concretamente, “*comunista*” (sic). Pela metodologia utilizada pelo Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem, de planejamento coletivo das ações, pautado na democracia participativa, bem como pela coincidência de implantação do Orçamento Participativo pelo governo do Estado, percebe-se uma significativa mudança. Hoje identificam-se líderes que, reconhecidos pela comunidade, não tem medo de discutir a realidade e propor novas alternativas. Já há padres na cidade. Mesmo assim a Igreja vem atuando pouco no trabalho realizado pela comunidade e universidade, restringindo suas ações a uma perspectiva salvacionista, carismática, sem participar diretamente da discussão de questões sócio-culturais que fazem parte do Programa.

O associativismo cresceu e se expandiu na comunidade. Hoje, além da tradicional influência do Centro de Tradições Gaúchas, há dois movimentos associativos agindo no sentido de dinamizar a vida cultural da cidade, que são a Associação das Pousadas e a Associação dos Artesãos de São José dos Ausentes. Embora com resultados ainda incipientes, representam a aceitação do movimento coletivo na defesa de interesses dos diferentes segmentos.

Mas tudo isso é pouco no que se refere à meta original deste trabalho. Desse modo, a fim de se concretizar um programa em São José dos Ausentes, que se constitua numa proposta de desenvolvimento sustentável, era necessário mobilizar r mais fortemente a população. Como fazê-lo? Mais uma vez por decisão coletiva foi decidido que a ação cultural só se tornaria mais eficaz se envolvesse o sistema educacional:

“O importante é a escola. Tudo aquilo que meu filho aprende, ele passa a cobrar aqui em casa. É o lixo, é o agrotóxico, tudo. O que ele aprende, nos cobra [. . .]”.

(S.Ricardo, fazenda Pessegueiro, conversas ao pé do fogo)

Invertendo os papéis, é inegável a função educadora da criança na própria família:

“Quando a Ana Júlia aprendeu na escola a usar o fio dental, com o pessoal da UFRGS, veio para casa querendo nos ensinar. Parecia que só ela sabia de tudo [. . .] . Aliás, a farmácia nunca vendeu tanto fio dental aqui em Ausentes [. . .]”.

(Gessa, dona de casa, conversas ao pé do fogo)

Desse modo, havia uma unanimidade de que somente através da escola se poderia atingir as metas previstas.

Ano de 2000. Os resultados dos projetos em andamento já apresentaram resultados suficientes para a concretização da última etapa de trabalho prevista, que seria a constituição de um plano de ação cultural voltado à religação do homem a natureza a ter como cenário a escola :

O ensino de preservação ambiental é uma reivindicação dos professores das escolas municipais de São José dos Ausentes. Eles manifestaram interesse em receber formação em ecologia para poderem reformular o currículo escolar, em consequência de problemas ambientais que assolam a localidade. O objetivo é despertar a comunidade escolar para a importância da água, como a do Rio Silveira, por exemplo, como fonte de vida individual e coletiva e conhecer os ecossistemas formadores das nascentes dos mananciais hídricos geradores da Bacia Taquari-Antas [. . .] Os dois rios são referências como mananciais de água e de biodiversidade, pela variedade de microorganismos, de fauna e flora que abrigam em seus leitos e margens. Pela proposta do projeto, a comunidade escolar do município será estimulada a conhecer, acreditar e aplicar atividades de educação ambiental no dia-a-dia. Professores e alunos têm uma nova concepção sobre cuidados necessários à preservação da bacia Taquari-Antas e os reflexos na importância para a construção de um sociedade sustentável [. . .]

(Pioneiro, 28 de setembro, 2001, p.24)

Dentro da mesma metodologia das etapas anteriores, foi decidido que a temática deveria girar em torno da preservação do ambiente e do homem dentro dele, utilizando como estratégia a realização de um programa de educação ambiental nas escolas, a ser implementado em dois dos dezessete projetos listados, a saber:

1ª Projeto de Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável

2º Projeto a Fotografia como Prática Pedagógica de Educação Ambiental

Concretizou-se assim um processo de ação cultural no Município que, muito mais do que um plano ou programa, exige permanência, continuidade e, principalmente, a apropriação de seus objetivos, estratégias e atividades pelos grupos sociais envolvidos. Assim, as informações e os conhecimentos obtidos através dos projetos anteriores, se constituem agora nos elos de ligação entre a universidade e a comunidade, rumo à mudança, ao futuro. E, ultrapassando a

dimensão interdisciplinar que caracterizava até então o Programa, a proposta, a partir dos três projetos novos, volta-se, ou pelo menos tenta ser transdisciplinar.

Ultrapassando as tradicionais separações dos campos acadêmicos, os novos projetos foram concebidos como sendo os eixos comuns que uniriam os diferentes saberes envolvidos, fossem da universidade, fossem da comunidade. É a última etapa da presença da universidade no processo; a partir daqui, quem seguirá realizando o trabalho, supervisionando-o e avaliando-o sempre que necessário, será a própria coletividade envolvida. O sistema educacional, nesse sentido, servirá como o agente cultural responsável por dinamizar o processo. Mas os resultados continuarão na dependência de sua apropriação pelas pessoas neles inseridas.

Como se verá a seguir, trata-se do momento em que a ação cultural se faz realmente responsável, num processo que, uma vez iniciado, dificilmente desaparecerá.

8.1 A Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável: a Romaria das Águas

A primeira atividade integrante do Projeto de Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável, foi realizada nos dias 31 de agosto e 1º e 2 de setembro de 2001, como primeira etapa da celebração da Romaria das Águas, que ocorreu durante a procissão fluvial de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro, em Porto Alegre. Na forma de

curso/oficina/atividade lúdica a um só tempo, se constituiu numa proposta simbólica de religação do homem com a natureza através da água.

Nessa perspectiva, incluiu que incluiu ritos de coleta de águas nas nascentes das nove bacias da região hidrográfica do Guaíba. A primeira atividade foi o Encontro das Águas de São José dos Ausentes, em 9, 21 e 31 de agosto daquele ano, quando todas as escolas coletaram água nas nascentes dos rios da região, reunida em dois frascos. O primeiro deles foi depositado no Arroio Pai José, no centro da cidade, enquanto o segundo frasco foi levado para Porto Alegre, para ser despejado no rio Guaíba durante a Romaria das Águas.

O programa, planejado, executado e coordenado pela Profa. Ilza Maria Tourinho Girardi e Eng. Agr. Jaques Saldanha, se constituiu numa atividade interativa e interdisciplinar, envolvendo desde informações teóricas até atividades lúdicas, canto, dança, relaxamento. Como pode ser observado no Anexo E, a fim de atingir o objetivo de incentivar a religação do homem com a natureza, a metodologia previu primeiro a própria integração das diferentes manifestações de ser, sentir, pensar do homem consigo mesmo e com seus semelhantes.

O resultado foi dos mais significativos, envolvendo cerca de quatrocentos alunos das escolas do Município, que participaram do Encontro das Águas de São José dos ausentes, bem como vinte representantes da comunidade que realizaram a Romaria das Águas em Porto Alegre:

"[. . .] Todos se manifestaram afirmando que o trabalho desenvolvido foi altamente positivo no sentido de levar novos conhecimentos aos participantes, bem como de estimulá-los a valorizarem os conhecimentos que eles têm sobre sua cultura, sua cidade e seu ecossistema [. . .] Como todo o trabalho desenvolvido teve como principal finalidade despertar na comunidade o interesse pela valorização da água como fonte de vida individual e coletiva, os participantes compreenderam a importância de conhecerem as nascentes de São José dos Ausentes[. . .]".

(Profa. Ilza Maria T.Girardi, coordenadora, depoimento).

Ficou evidenciado o caráter de permanência do processo de ação cultural que, conforme MILANESI (1991) e TEIXEIRA COELHO (1989), só ocorre na medida em que os grupos envolvidos se apropriam dele:

"[. . .] Certamente um dos resultados mais positivos foi a adoção de rios e arroios pelas escolas, tendo em vista que a região é rica em nascentes, acompanhada da realização de excursões para que os alunos conhecessem e coletassem águas das referidas nascentes[. . .] Os próprios participantes do curso, bem como a Secretária de Educação de São José dos Ausentes, verbalizaram o interesse pela realização de outros cursos da mesma natureza do que foi desenvolvido[. . .]"

(Profa. Ilza Maria Tourinho Girardi, coordenadora, relatório).

Logo, este projeto, bem como o de fotografia, a seguir apresentado, se constituem nos elos de ligação entre o que foi feito e a apropriação comunitária dos resultados obtidos. Na educação ambiental, considerada estratégia de conscientização ecológica, foi identificada a metodologia de trabalho, a partir do interesse em continuar, expresso tanto pela Universidade, quanto pela comunidade escolar. Entre as atividades que deverão ser realizadas em prosseguimento à Romaria das Águas, está

sendo planejada, novamente, a apropriação coletiva das informações e conhecimentos sobre o povo e a paisagem de São José dos Ausentes. Nesse sentido, através deste projeto, os resultados do Projeto Memorial de São José dos Ausentes, já referido anteriormente, têm seu prosseguimento garantido, com a identificação de alunos e professores interessados em continuar o trabalho. A etapa seguinte, já prevista pelos sujeitos envolvidos, tanto da Universidade quanto da comunidade, será a veiculação desses saberes numa rede específica de comunicação popular a ser construída no próprio sistema escolar, incluindo rádio comunitária, jornal mural e videoteca. Além disso, o projeto encampará também a alimentação do site sobre São José dos Ausentes, novamente conectado com o projeto de fotografia, apresentado em seqüência.

Figura 19

8.2 A Fotografia como Prática Pedagógica de Educação Ambiental

No ano de 2001, foi iniciado este projeto, com o objetivo de aplicar a fotografia como elemento de conscientização ambiental. Para isso, foram obtidos recursos para aquisição de equipamentos básicos, incluindo câmeras fotográficas, televisores e videocassetes, distribuídos entre todas as escolas do Município ²⁰, entregues no dia 15 de março de 2001, em evento que reuniu toda a comunidade escolar. De acordo com a metodologia da pesquisa participante, foram definidas as linhas básicas do projeto. Em termos curriculares, foi decidido que o uso da fotografia se concentraria nas disciplinas de Ciências. E assim, a partir da Teoria dos Universos Circundantes (MONTEIRO, 2000), foi aplicada uma metodologia dividida em duas partes: uma para os professores e outra para os alunos. No Anexo F são detalhados os principais elementos focados.

Entre os objetivos das atividades realizadas, merecem destaque:

- a) Observar, listar, desenhar, descrever, comentar e representar através da fotografia os componentes do ambiente da sala de aula, do panorama visto pela janela da escola, dos arredores, do jardim, da igreja, etc.
- b) Identificar o que é da natureza e o que foi feito pelo homem, e fotografar os elementos que mais chamaram a atenção, com o objetivo de despertar para uma percepção crítica das interferências do homem sobre os ambientes;
- c) Fotografar os elementos ambientais com as cores da natureza (azul do céu, branco, cinza das nuvens, verde das matas);

- d) Fotografar para posteriormente comparar dois ambientes. Um ambiente bonito (jardim bem cuidado, pátio limpo, ambiente com rios, matas nativas, etc.) e um ambiente degradado, que tenha sofrido pela ação do homem (lixo, sujeira, queimadas, etc.), com o objetivo de desenvolver uma crítica conceitual acerca de conservação/preservação e da sua própria responsabilidade nesse processo;
- e) Estabelecer um paralelo entre os níveis de percepção especial dos alunos antes da utilização da linguagem fotográfica e após. A forma adequada será por meio de comentários livres feitos pelos alunos, na forma que desejarem (desenhos, redações, debates, etc.)
- f) Discutir a diferença entre as imagens no ambiente natural e quando mexidas pelo homem, através de uma exposição das fotografias na escola. O aluno é quem escolherá as que pretende expor, discutindo seus próprios critérios com o professor para, posteriormente, discutir o tema focado, em evento público a ser realizado durante a exposição.
(Prof. Mário Bittencourt Monteiro, relatório, 2001).

Desse modo, alunos e professores se transformam, a partir da sua motivação pessoal, em líderes comunitários, responsáveis em dar continuidade ao processo iniciado.

A educação é, sem dúvida o motor propulsor da mudança de mentalidades, e a escola o cenário apropriado. Por mais que se informe e discuta com as gerações atuais o futuro de São José dos Ausentes, a escola continua sendo o cenário onde as mudanças mais efetivas serão realizadas. As alternativas para as queimadas de

²⁰ Os recursos financeiros foram obtidos através do Prêmio Universidade Solidária, concedido pelo Ministério da Educação/SESU a projetos de extensão universitária de destaque por sua inserção social.

campo, o impacto ambiental provocado pelas trutas, a preservação da biodiversidade local, os prejuízos causados pelo desmatamento, os malefícios do uso de agrotóxicos, já foram convenientemente reunidos num conjunto de conhecimentos que na fotografia, encontraram uma linguagem efetiva de comunicação e de expressão.

Além do impacto, será focada também a vezeza do ambiente, a riqueza da vida cotidiana, a culinária, o imaginário, a história. Desse modo, a fotografia servirá para articular uma rede de informações que, construídas coletivamente, passarão a ter um significado específico para os sujeitos envolvidos que, assim, se apropriarão da problemática ambiental, fazendo-a sua. Sendo assim, a fotografia torna-se o elemento de mediação entre o certo e o errado, entre o próprio e o impróprio, entre o belo e o feio, e, enfim, em todas as facetas que caracterizam a complexidade a realidade . Desse modo, a fotografia se constituiu num elemento de religação dos saberes, ultrapassando a clássica dimensão disciplinar de ciências, saúde, educação, economia, língua, literatura, e tudo o mais que identifica a tradicional compartimentação do conhecimento na escola. Educação ambiental implica uma visão holística e complexa da teia da vida, sob pena de se restringir a tão somente fragmentos de uma estrutura sem sentido.

Na fotografia, se uniram os saberes acadêmicos e populares a respeito de São José dos Ausentes, seu povo e paisagem. Coletivamente, construiu-se uma imagem, uma cara que identifica as pessoas e a natureza daquele território. Com a apropriação do ato de fotografar, ainda, os professores e alunos poderão integrar-se às perspectivas que se abrem no turismo ecológico rural, transformando-se talvez em guias turísticos, fotógrafos e, especialmente, guardiães do paraíso.

Através destes dois últimos projetos, estabeleceram-se as conexões e os vínculos necessários entre o que já foi e o que será feito. Deste modo, será praticamente impossível que se desatem nos nós, que se perca a urdidura, que se esqueça a trama construída ponto a ponto, passo a passo. Pelo caráter de permanência do processo de ação cultural, em especial quando voltado à religação do homem à natureza, seria no mínimo inconseqüente que, uma vez concluída esta investigação, se interrompesse tudo. Ao contrário, os vínculos se fizeram permanentes, eternos enquanto durarem os interesses, as emoções, os afetos, os sonhos e as fantasias de ambas as partes. Intenso modo de transformar os sonhos em realidade, mesmo que utópica.

Com se viu até aqui, ao mesmo tempo em que, com o avanço das novas tecnologias os conceitos de tempo e espaço estão se diluindo cada vez mais na virtualização da vida contemporânea, um questionamento se faz cada vez mais permanente acerca do novos papéis atribuídos à escola na sociedade, bem como da fragmentação do saber que o ensino tradicional traz consigo. Esse dilema se concretiza especificamente quando se discute a relevância de alguns conteúdos sobre outros e, mais ainda, na inclusão de determinadas disciplinas em detrimento de outros:

A vinculação do ensino a propostas relacionadas com o fato de dar resposta a problemas vitais dos alunos e da futura pessoa adulta faz com que, simultaneamente, busquem-se pautas de intervenção nas quais a importância dos conteúdos estritamente disciplinares por si mesmos se relativize, ao mesmo tempo em que as próprias necessidades de integração do saber no campo da ciência forcem a busca de fórmulas que superem a parcialização do conhecimento na escola [. . .](ZABALA, 2002, p.27).

A resposta à questão de como organizar os conteúdos numa perspectiva complexa e interdisciplinar é aplicação de *métodos globalizados* e de *enfoques globalizadores*, que se referem respectivamente a métodos de ensino completos e a novas formas e atitudes de aproximar o ensino do fato educativo, que, por sua vez, se operacionalizam através de novas maneiras de apresentar os conteúdos. Os métodos globalizados procuram romper a estrutura parcializada do ensino, propondo a organização dos conteúdos num caráter amplo e complexo, mas, como permanecem em sua condição de métodos didáticos, continuam definindo as características das demais variáveis envolvidas, como por exemplo a seqüência dos conteúdos, as relações interativas entre os sujeitos, a organização social do grupo, a distribuição do tempo e do espaço, entre outras.

A partir do momento em que é feita a opção por um ensino ideologicamente comprometido com o desenvolvimento da capacidade do ser humano intervir na sociedade, faz-se necessário que a atuação pedagógica tenha um *enfoque globalizador*, que transforma os conteúdos da aprendizagem nos meios necessários para que os alunos possam compreender ou responder a questões de sua própria realidade:

Aceitar essa finalidade significa entender que a função básica do ensino é a de potencializar nas crianças as capacidades que lhes permitam responder aos problemas reais em todos os âmbitos de desenvolvimento pessoal, sejam sociais, emocionais ou profissionais, os quais sabemos que, por sua natureza, jamais serão simples. Ser capazes de compreender e intervir na realidade comporta dispor de instrumentos cognoscitivos que permitam lidar com a complexidade: modelos de conhecimento e de atuação desde um pensamento para a complexidade e desde a complexidade [. . .]
(ZABALA, 2002, p.35)

Portanto, o enfoque globalizador aplicado nos dois projetos acima referidos, se constitui numa experiência pedagógica que pretende oferecer os meios para que os alunos possam compreender e atuar na complexidade. Acredita-se que eles somente poderão interferir na realidade abarcada pelo Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem, implementando as propostas permaculturais, de desenvolvimento sustentado e de ecologia social nele previstas, se estiverem familiarizados, a partir da experiência da escola, a pensar globalmente, sendo capazes de intervir na realidade por meio de formas que ultrapassem as tradicionais limitações do conhecimento disciplinar, com sua clássica compartimentação da realidade em campos isolados. Isso porque somente se pode atuar na perspectiva da complexidade a partir da aplicação integrada e inter-relacionada dos diferentes instrumentos de conhecimento já existentes:

O enfoque globalizador pretende desenvolver no aluno e na aluna um pensamento complexo que lhe permita identificar o alcance de cada um dos problemas que lhe coloca a intervenção na realidade e escolher os diferentes instrumentos conceituais e metodológicos de qualquer um dos diferentes campos do saber que, independentemente de sua procedência, relacionando-os ou integrando-os, ajudem-no a resolvê-lo.
(Op.cit., p.36).

É nesse momento que se aplicam ao fenômeno globalizador os conceitos que explicam os diferentes tipos de relações que podem ser estabelecidos entre as disciplinas em que se divide o conhecimento científico tradicional, a saber: a *multidisciplinaridade* (organização tradicional dos conteúdos, em que as matérias apresentam-se independentes uma das outras); a *interdisciplinaridade* (interação entre duas ou mais disciplinas, podendo gerar transferência de métodos e conteúdos entre si, a ponto de originar até mesmo um novo corpo

disciplinar) e a *transdisciplinaridade* (grau máximo de relações entre as disciplinas, a ponto de atingir uma integração global e totalizadora,, que estabelece uma unidade interpretativa entre todas as ciências, a ponto de explicar a realidade sem fragmentações, mas que até agora continua mais numa esfera utópica do que real). Uma vez que o enfoque globalizador parte sempre de situações complexas e amplas, lembra ZABALA (Op.cit.) ele ultrapassa o patamar da preocupação disciplinar, ou seja, assume uma perspectiva *metadisciplinar*, já que a aproximação ao objeto de estudo prescinde da estrutura das disciplinas para se concretizar:

A metadisciplinaridade [. . .] não implica nenhuma relação entre as disciplinas. Ela se refere ao ponto de vista ou à perspectiva sobre qualquer situação ou objeto, mas não é condicionada por apriorismos disciplinares [. . .] deveríamos entendê-la como a ação de se aproximar dos objetos de estudo a partir de uma ótica global que tenta reconhecer sua essência e na qual as disciplinas não são o ponto de partida, mas sim o meio de que dispomos para conhecer uma realidade que é global ou holística. De alguma maneira, podemos situar nessa visão os denominados eixos ou temas transversais. (ZABALA, op.cit., p.34).

E assim, no que diz respeito aos dois projetos em análise, podemos dizer, no que se refere à maneira que ambos utilizam para organizar os conteúdos de aprendizagem [por sua vez resultados dos quinze outros projetos que compõem o Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem], que partem de uma perspectiva metadisciplinar, uma vez que as áreas de conhecimento envolvidas, tanto da Universidade como das disciplinas do currículo escolar, não são em nenhum momento o próprio objeto de estudo, mas apenas os meios para atingir os objetivos que se pretende. Mas, a fim de não extrapolar o alcance possível através da experiência, aceita-se que, no mínimo, a perspectiva dos dois projetos se concretize como uma experiência interdisciplinar.

Definidos como seus temas transversais a preservação do ambiente, a qualidade de vida, a permacultura, o desenvolvimento sustentável, a ecologia social, a religação do homem à natureza, os dois projetos se converterão num processo de ação cultural na medida em que a escola os assumir em caráter permanente. Isso significa que o sistema escolar de São José dos Ausentes incorporará as mudanças decididas coletivamente, ao *substituir atividades*, unidades, eventos, experiências tradicionais, rotineiras, predeterminadas, prefixadas, como, por exemplo, a simples comemoração de dias especiais, por *processos* de mudança.

Assim, ao invés de tão somente continuar comemorando, como se fez, por exemplo, com o Dia Internacional da Mulher (um evento importante, sem dúvida, que deve ser comemorado, mas não suficiente para valorizar a mulher), transformar esse tema no fio condutor de um programa relacionado às necessidades da mulher, envolvendo saúde, alimentação, direitos, lazer, cultura, etc., bem acima da lógica disciplinar. A educação ambiental, especificamente envolvida pelos dois projetos, pode ser um dos cenários em que as unidades didáticas se convertam num dos eixos articulares do enfoque globalizador, cujos resultados poderão ser transferidos para outras áreas. E assim, mais uma vez, se distingue o alcance de um projeto de animação cultural para o de um processo de ação cultural, tema esse que já foi detalhadamente focalizado em capítulo anterior.

Figura 20z

9 Considerações Finais

O título, lá no início, não falava em vozes, e sim na voz dos ausentes. Isso porque, desde o princípio, acreditava-se no caráter coletivo que deveria ela deveria ter. É uma única voz, plural, difusa, discreta, mas única. Os ausentes têm uma voz que se escondia por detrás do Nada. Parecia que nada havia atrás das brumas. Naquele fim de mundo, no recanto da cerração, “onde o diabo perdeu as botas”, onde nada cresce, tudo morre, há gente que se acreditava fosse conformada, submissa e ausente.

Teria essa gente uma voz? Seria ela assustadora como a do Gritador? Numa terra em que até os santos são deportados, que tipo de religiosidade podem ter as pessoas? Seriam elas tão terríveis quanto a sepultura e a morte convertidas em rios, tão malucas quanto o louco que virou rio? Ou, talvez, tão místicas quanto a cruzinha lá de cima do morro, ou tão triste quanto o enforcado na cachoeira? E o que haveria depois de dissipada a neblina? Nada?

Pois esse ambiente macabro é na verdade a porta de um paraíso. De um santuário ecológico do planeta, onde são guardados pelo frio e pela distância belíssimas imagens da natureza, consubstanciadas na forma de rios, cachoeiras, matas, araucárias, animais quase extintos, flores exóticas. E as pessoas, quem são?

Como se procurou demonstrar até aqui, trata-se de uma voz que poderia estar abafada pela força da exclusão social, pela falta de oportunidades, pelo afastamento e pela distância. Mas que, a partir da criação de oportunidades, através da emancipação política, fez-se ouvir, num forte e bom tom. Antes pela municipalização, depois pela participação na construção do próprio processo de desenvolvimento sustentável, a voz se fez presente.

A universidade fez-se parceira, mas não assistente social. Não definiu rumos nem determinou o que fazer. Apenas colocou-se junto com a comunidade para, conectados ambos os saberes, o acadêmico e o popular, conseguir ir mais longe, rumo a um futuro melhor. A ciência e a tecnologia fizeram-se ouvir, mas de forma compreensível para serem apropriadas. Pesquisadores de todas as áreas juntaram-se na busca de uma abordagem mais complexa, que superasse a tradicional compartimentação do conhecimento.

Alguns resultados animadores foram atingidos, outros nem tanto. Há problemas que permanecem ocultos ou insolúveis pelo preconceito e pela descrença. Há questões ainda mais fortes, que necessitam muito mais do que uma parceria entre diferentes pessoas. São aquelas que dependem de uma mudança de perspectiva em torno da sociedade, mudança essa que consiga superar os problemas de exclusão de determinados segmentos do exercício da cidadania. Em outras já se vislumbra um foco de esperança, indicadoras de que algo novo está surgindo, tanto na universidade, quanto na comunidade. Novas formas de pensar a vida, calcadas em bases mais solidárias, coletivas, livres. Tanto na academia como na sociedade, ao lado da tradicional indiferença de alguns, outros continuam perseguindo a utopia de um

mundo melhor, onde os conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade sejam, realmente, características de um novo cotidiano, baseado em valores mais humanos e solidários.

Como se demonstrou no decorrer do trabalho, as relações entre os grupos sociais se processam dentro de um modelo tradicional de relações de poder entre dominantes e dominados. As grandes decisões sobre a vida pública continuam sendo direcionadas pelos interesses econômicos locais dos grupos mais fortes sobre os demais.

Mesmo em São José dos Ausentes, tão afastada do resto do mundo, percebe-se ainda um marcado sistema de domínio das elites, mantido através de formas veladas de dominação política. Todavia, a experiência de participação de tomada das decisões a respeito da vida pública, estimulada Programa São José dos Ausentes, Povo e Paisagem e incentivada pelo Orçamento Participativo, já mostram alguns resultados positivo de inserção política de segmentos que, tradicionalmente não participavam do processo de tomada de decisões.

A experiência de definição coletiva de prioridades para a vida em comum em todas as áreas, contribuiu para que a voz dos ausentes se fizesse ouvir. Num alto e bom tom as pessoas estão se acostumando a manifestar suas preferências, contentamento ou descontentamento. A voz dos ausentes é suave, mas incisiva, é doce, mas profunda, é cálida, mas direta. É uma voz particular, que representa uma coletividade que aos poucos se faz ouvir

A cultura local se identifica com a do gaúcho. Sem retoques nem enfeites a vida se faz gaudéria em seu cotidiano. Usar bombacha,

lenço vermelho ou branco no pescoço, tomar chimarrão, ter um cavalo amigo, ao invés de folclore, é dinâmica, é vida, é rotina.

Entre os agentes sociais, encontram-se os líderes necessários para motivar a comunidade a continuar lutando, a sobreviver naquele santuário ecológico que, até pouco tempo, era considerado o fim do mundo. Onde louco, enforcado e morte são nomes de rios; onde até os santos se ausentaram; onde as estradas afastam ao invés de aproximar, lá mesmo, diante da falta de condições mínimas de sobrevivência, os ausentinos conseguiram se manter vivos.

Hoje, diante da crise ecológica do planeta, São José dos Ausentes percebeu que é um pedaço de paraíso. Mesmo com tantos problemas, com tanto frio, solo pouco fértil, distâncias, falta de estradas, tem uma paisagem invejável, águas ainda limpas e em profusão, uma biodiversidade de fauna e flora impressionantes.

A perspectiva da ação cultural como estratégia de religação do homem com a natureza se fez presente em todos os momentos, porém atingiu a sua consubstanciação máxima através dos projetos que constituem a base cultural do programa de desenvolvimento sustentável da região. São eles o projeto de Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável e o de Fotografia como Estratégia Pedagógica para a Educação Ambiental. Através deles, se constituiu, de maneira muito clara e simples, a abordagem globalizadora de intervenção na complexidade do fenômeno social, proposta pelos autores que constituíram as bases do caminho crítico deste trabalho, em especial Edgar Morin, Humberto Maturana, Bill Mollison e Antoni Zabala. Dentro deles, a religação aparece

sob as mais diferentes formas, entre as quais merece destaque a origem da Romaria das Águas, aqui transcrita:

Tudo começou com uma Comunidade de Papeleiros da Ilha Grande dos Marinheiros, em pleno Parque Ecológico Estadual do Delta do Jacuí. Moradores rodeados de água por todos os lados e sem água para beber. Desde o início, a preocupação foi com a reciclagem do lixo e a despoluição das águas. Essa comunidade foi o laboratório da primeira Associação de Catadores de Porto Alegre, que cresceu para mais de trinta em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Iniciando os trabalhos de separação dos materiais da Ilha, eis que, de dentro de um saco plástico, “aparece” uma imagem em pedaços, de Maria, a Mãe de Jesus. É imediatamente catada por mãos femininas, movidas a energia solar. Em seguida é reciclada e devolvida ao culto sobre um altar. Da partilha entre culturas diferentes nasceu assim a Devoção a Nossa Senhora Aparecida das Águas, Rainha da Ecologia, que é invocada como Mãe Oxum pelos afro-brasileiros. O principal objetivo da Romaria, a partir da fé religiosa na Criação feita por Deus, é impedir a poluição e implantar a monitoração participativa dos rios e riachos por parte das populações ribeirinhas, com replantio das matas ciliares²¹

Assim, o paradigma ecológico em que se inserem as duas propostas, apresenta a vinculação entre a fé e o cotidiano em torno da causa ambiental e da própria sobrevivência do homem. Além disso, reintegra a espiritualidade numa perspectiva pan-religiosa, onde coexistem juntas diferentes manifestações religiosas. Além de sua origem, a Romaria das Águas constitui-se numa proposta de religação do homem com a natureza através dos próprios organismos responsáveis pela sua realização, a saber:

²¹ RIO GRANDE DO SUL, Governo do Estado. 8ª Semana Interamericana e 1ª Semana Estadual da Água, 6 a 12 de outubro de 2001, Porto Alegre. (folheto de divulgação).

A Romaria das Águas 2001 é um evento desenvolvido através da parceria do Pró-Guaíba com ONG's ambientalistas, universidades, prefeituras e igrejas que atuam em cada uma das nove bacias formadoras da Região Hidrográfica do Guaíba. O objetivo é, através de ações de educação ambiental, resgatar os valores ecológicos, sociais, culturais e espirituais tendo em vista a recuperação da qualidade da água e da vida nas nascentes das bacias Sua origem é a Processão Fluvial Nossa Senhora Aparecida das Águas. Criada em 1994 pela Devoção Nossa Senhora Aparecida, a procissão resgata a tradição dos grandes eventos fluviais, com o seu sincretismo religioso e participação popular que reverencia o sagrado no elemento água. Água que dá a vida e a mantém.
(Op.cit.)

Mais uma vez aparece a dimensão da ação cultural como um fenômeno mais radical, com abrangência bem mais ampla do que seria uma simples comemoração característica de um evento de animação cultural, de acordo com Luiz Augusto Milanesi e José Teixeira Coelho Neto, já discutidos anteriormente. Realizar a Romaria das Águas significa, de acordo com os seus organizadores, dar início a um processo de mudança de valores, comportamentos e atitudes voltados ao desenvolvimento de uma consciência ecológica pela população, a saber:

A participação do Pró-Guaíba na Romaria das águas deve-se ao entendimento de que, paralelo ao investimento na recuperação ambiental da Região Hidrográfica do Guaíba – através de projetos de intervenção direta nas áreas de esgotamento sanitário, resíduos sólidos, agroecologia e reflorestamento ambiental, unidades de conservação e manejo do solo urbano – é necessário trabalhar o desenvolvimento de uma consciência ecológica da população envolvida, criando valores, hábitos, comportamentos e atitudes que conduzam ao desenvolvimento sustentável e à justiça social[. . .] Estão sendo realizados ritos macroecumênicos de coleta de água em nascentes das nove bacias. As águas coletadas serão levadas para a Procissão Fluvial de Nossa Senhora Aparecida, que acontece em Porto Alegre no dia 12 de outubro. Nessa ocasião serão reunidas e lançadas no Rio Guaíba, em ritual que simboliza a interligação dos rios de toda a Região Hidrográfica e a importância de uma ação global e integrada para recuperar a qualidade das águas.
(Idem, ibidem).

Desse modo, a presença da comunidade de São José dos Ausentes na Romaria das Águas, depositando água trazida das nascentes de seu território, é um momento simbólico, que representa um momento de responsabilização de cada um pelo bem comum, de conscientização do papel individual na vida coletiva, ou seja, na cultura. Exemplo dessa nova visão, já integrada à voz dos ausentes, é o hino abaixo, criado por um aluno da 4ª série da Escola Estadual de Primeiro Grau Aparados da Serra, dentro das atividades do projeto. Dentro de sua simplicidade, singeleza e candura, representa que a religião, através da escola, será bem mais facilmente obtida:

AMAR O AMBIENTE

*Meu ambiente eu vou amar
Todos os dias
Porque dele eu vou cuidar
Com muito amor, orgulho e sabedoria
Sei que não posso sujar*

*Minha escola eu vou cuidar
Minha escola eu vou cuidar
Todos os dias
Não vou por papel no chão
Porque não quero mais poluição
Sei que posso reciclar*

*Brinco, sempre sorrindo
A esperança vive em meu olhar
Sorrindo vou cantando
Como criança sei conservar
Um lindo Ausentes minha gente vai ficar*

*Meu município eu vou amar
Meu município eu vou amar
Todos os dias
Sei que posso ajudar
A proteger nossas nascentes
E araucárias
E mais feliz irei ficar
Meu ambiente eu vou amar
Meu ambiente eu vou amar
Todos os dias
Sei que posso reciclar
Separo o lixo na escola e minha casa
Sei que posso ajudar
Todos os dias. Meu ambiente vou amar.*

Portanto, se a geração atual ainda tem resistência em relação ao fim das queimadas, se ainda polui os rios com o lixo jogado dentro da água, as crianças estão refletindo em torno da realidade em que vivem e já sabem do futuro que as espera. Além disso, já estão discutindo o papel de cada um dentro do contexto coletivo, abrindo espaço para uma nova perspectiva de vida.

Com a emancipação, a comunidade percebeu que aquele ambiente poderia ser exatamente o fio condutor para uma nova vida, uma alternativa para inclusão na economia globalizada. A vocação para o turismo, enquanto decisão coletiva, foi um dos fatores que deu início a um forte processo de crescimento econômico. A educação, bandeira de luta que vem acompanhando a história do Município desde o seu início, transformou-se no mecanismo desencadeador de um processo de ação cultural que, baseado na perspectiva do desenvolvimento sustentado, considera a escola como o grande vetor da mudança.

A geração de cento e cinquenta empregos em pouco mais de cinco anos, numa população de pouco mais de três mil habitantes, é um resultado significativo. O turismo, escolhido como atividade econômica que consegue ao mesmo tempo preservar o ambiente e gerar novas alternativas de sobrevivência e de melhoria da qualidade de vida, já é uma realidade. Todavia, não pode ser superestimado, já que, à semelhança de outros momentos da economia local (e nacional), poderá se constituir apenas numa falácia. Se não for acompanhado por uma radical mudança de mentalidade, de uma verdadeira educação para a preservação do ambiente, o turismo nada mais será, dentro de pouco tempo, do que mais um ciclo, mais uma etapa econômica deixando rastros

de destruição e desesperança em sua rota. O exemplo das serrarias, lá mesmo, em São José do Silveira, é um exemplo vivo do que poderá acontecer.

A universidade estendeu seu ensino e sua pesquisa, convertendo-se no que formalmente se denomina de extensão universitária. Sob esse título, iniciativas de todos os tipos são incluídas, como se fossem realmente resultantes de uma dinâmica integrada entre a criação e a divulgação da produção acadêmica. Só que, dessa vez, a extensão se fez real, concreta, qualificada. Ir para São José dos Ausentes representou para a UFRGS uma oportunidade de criar um novo cenário para o exercício de sua função na sociedade, enquanto universidade pública e gratuita, paga com recursos da própria comunidade. Se a lógica do neoliberalismo está forçando a instituição acadêmica a fechar suas portas, seus alunos, professores e técnico-administrativos, movidos por um espírito universitário bem vivo e alerta, consegue encontrar brechas por onde se infiltra essa outra universidade, esse outro espírito que representa, este sim, o próprio futuro da universidade.

E eis que aqui dou por encerrado este trabalho. Não com aquela espécie de fechamento clássico, conclusivo, fechado. Ainda daria para continuar refletindo sobre vários outros pontos que ficaram nas entrelinhas. Mas, por enquanto, fica assim. Em prosseguimento, poderão ser realizadas outras investigações sugeridas pelos dados aqui reunidos, como, por exemplo, uma discussão mais profunda sobre os reflexos do Orçamento Participativo na constituição da voz dos ausentes e o impacto do processo aqui relatado na perspectiva da televisão que, embora não

consiga ainda ser captada por todos os ausentinos, vai até lá para ouvir-lhes a voz.

Quanto a mim mesma, na condição de pesquisadora engajada na mudança social, continuo acreditando, cada vez mais, no papel que a universidade pública tem de, através da extensão universitária integrada ao ensino e à pesquisa, participar da construção de um País mais humano e fraterno. Continuo, talvez numa escala ainda maior do que no início deste trabalho, acreditando na importância das emoções e da subjetividade na ação docente. E, em uníssono com os participantes do II Fórum Social Mundial, persigo, cada vez insistentemente e sem pudor, a utopia de que um outro mundo é possível.

Finalmente, retomo a proposta que deu origem a este trabalho, de que a ação cultural é, realmente, uma estratégia de religação do homem, não só com a natureza, mas consigo mesmo. Pelo menos foi o que aconteceu com os ausentes e comigo mesma.

REFERÊNCIAS

A CIDADE dos Ausentes. **Época**, 24 de abril, 2000.

AGENDA 21. **Report of the United Nations Conference on Environment and Development**. Rio de Janeiro, 3-4 Junho, 1992.

ANDANDO nas nuvens. **Isto é**. n. 1596, 3 de maio, 2000.

A NEVE está chegando. **Terra**, ano 9, n.6, ed.98, junho, 2000.

A PATAGÔNIA brasileira. **Pesca Esportiva**, n.22.

ASSUMÇÃO, Jefferson; WEISSHEIMER, Marco. O Fórum Social Mundial e a inclusão social. **Adverso**. Porto Alegre, ADUFRGS, 2ª quinzena de janeiro 2000, p.6.

ASSUMÇÃO, Jefferson. De que lado está a mídia, afinal? **VOX XXI**. Porto Alegre, RS/Instituto Estadual do Livro – SEDAC/CORAG, março de 2002, ano 2, n.16, p. 3-13.

BARBIERI, J.C. **Desenvolvimento e meio ambiente**: as estratégias de mudanças da Agenda 21. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

BEM além das trutas. **Pesca & Cia**. ano VIII, n. 88.

BITENCOURT MONTEIRO, Mário. **Teoria dos Universos Circundantes**: percepção, espaço e fotografia, uma abordagem metodológica. **Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v.8, p.251-271, jan./dez. 2000.

BOFF, L. **Nova era: a civilização planetária** – desafios à sociedade e ao cristianismo. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. 2.ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **O destino do homem e do mundo**. 8.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

_____. **Saber Cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOSI, A. Cultura como tradição. IN: BORNHEIM, Gerd; BOSI, Alfredo et alii. **Cultura brasileira**: tradição e contradição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/FUNARTE, 1987.a

_____. (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.b

_____. **Dialética da Colonização**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Bosi, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Ecléa. Problemas ligados à Cultura das Classes Pobres. In: VALE, Edênio; José J. Queiroz (Org.) **A cultura do Povo**. 4.ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais, 1988.

BRANDÃO, C. Rodrigues.(Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo : Brasiliense, 1982.

_____. **Repensando a pesquisa participante**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL nas alturas. **Terra**, ano 8, n.6 , ed.86, junho 1999.

CABRAL, Ana Maria Rezende. **A vez e a voz das classes populares em Minas**. São Paulo: ECA/USP, 1995 (Tese de Doutorado).

CAMARGO, A. O método qualitativo : usos e perspectivas. Brasília : Sociedade Brasileira de Sociologia. **III Congresso Nacional de Sociologia - Sociologia - sociologias**. FINEP/CNPq, 1987. (Anais)

CANCLINI, Nestor Garcia. Cultura e política na Argentina: a reconstrução da democracia. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n.14, p.52-61, fev. 1986.

_____. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

_____. **Culturas híbridas**. São Paulo, EDUSP, 1996.

CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria Conceição de; FIEDLER-FERRARA, Nelson; COELHO, Nelly Novaes; MORIN, Edgar. **ÉTICA, solidariedade e complexidade**. São Paulo: Palas Athena, 1998.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHAUÍ, M.H., CANDIDO, A. et alii. **Política cultural**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

_____. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DALLA ZEN, Ana Maria. **A atividade de extensão universitária na UFRGS: êxitos, falhas e perspectivas**. Porto Alegre, UFRGS/Programa de Pós-graduação em Educação, 1980 (Dissertação de Mestrado).

DE CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995 (Col. Travessia do Século).

DEMO, Pedro. **Sociologia** - uma introdução crítica. São Paulo : Atlas, 1983.

_____. **Avaliação qualitativa**. São Paulo : Cortez, 1986.

_____. **Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

_____. **Política social do conhecimento: sobre futuros do combate à pobreza**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

ENSAIOS de Complexidade. Coordenação de Gustavo de Castro et alii. Porto Alegre: Sulina, 1997.

FEDOZZI, Luciano. Apresentação de Simon Schwartzman. **Orçamento participativo: reflexões sobre a experiência de Porto Alegre**. 2.ed. Porto Alegre, Tomo Editorial/Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal/IPUR/UFRJ, 1999.

_____. **O poder da aldeia: gênese e história do Orçamento Participativo de Porto Alegre**. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2000.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. IN: FESTA, Regina e SILVA, C.E.L. **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **Comunicação popular e alternativa** : a realidade e as utopias. São Paulo : IMS, 1987 (Dissertação de mestrado).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo : Cortez e Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C.R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p.34-41.

GENRO, Tarso. Cidade, exclusão e mundo. **Folha de São Paulo**, 25/outubro/2000, p. A4 (Opinião)

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1978.

HAGUETTE, Maria Teresa Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, reimpressão 2000.

LE BOTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEIS, H. R. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes; Santa Catarina: UFSC, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, N.J. **Educação**: projetos e valores. São Paulo: Escrituras, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. Trad. Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **A contemplação do mundo**. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MATTELART, Armand. Entrevista. **VOX XXI**. Porto Alegre: RS/Instituto Estadual do Livro/ SEDAC/ CORAG, março de 2002, ano 2, n.16, p. 14-23.

_____. **História da utopia planetária**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte, MG: Humanitas/ Ed. UFMG, 1998.

_____. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Org. e Trad. Cristina Magro e Víctor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MICELI, Sérgio (Org.). **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo : Difel, 1984.

MILANESI, Luis Augusto. **O paraíso via Embratel** : o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978. (Col. Estudos Brasileiros; v. 32).

_____. **O que é biblioteca**. São Paulo : Brasiliense, 1983.

_____. **A casa da invenção**. São Paulo: Siciliano, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 3.ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

MOLLISON, B. & HOLMGREY, D. **Permacultura um**. Rio de Janeiro : Ground , 1979.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo 2 – necrose. Trad. de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

_____. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo 1 - neurose. Trad. de Maria Ribeiro Sardinha. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Ciência com consciência**. Trad. De Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya: revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília,DF: UNESCO, 2000. ^a

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar e reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. ^b

_____; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Trad. Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2000.

_____; LE MOIGNE, J.L. **A inteligência da complexidade**. Trad. Nurimar Maria Falci. São Paulo: Petrópolis, 2000 (Série Nova Consciência).

_____. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI Jornadas Temáticas (1998, Paris, França), idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001. ^a

_____. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação uma pedagogia do presente. Juremir Machado da Silva (org.). Porto Alegre, Sulina/EDIPUCRS, 2001 (Col. Comunicação, 13).^b

_____. **O método II**: a vida da vida. Trad. Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2001. ^c

_____. **O método IV**: as idéias, habitat, vida, costumes, organização Trad. Juremir Machado da Silva. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2001. ^d

NAS ALTURAS de São José dos Ausentes. **Terra**, junho 1999.

NICOLESCU, Basarab. **Educação e Transdisciplinaridade**. Trad. Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman. Brasília, UNESCO, 2000 (Edições UNESCO).

O PENSAR complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Alfredo Pena-Veja e Elimar Pineiro de Almeida (org.) Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PAIM, F. **Habitações auto-sustentatadas** : diretrizes permaculturais / Flávio Paim e Otávio Urquiz. Porto Alegre : ARCOO - Cooperativa de Trabalho Transdisciplinar, 1995.

PELAS BANDAS dos pampas. **Terra**, junho, 2000.

PEREIRA, Luiza Helena. A análise de conteúdo: um *approach* do social. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, Programa Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS, v.9 , 1998.

PERUZZO, Cicília. **A participação na cultura popular**. São Paulo; USP, 1991 (Tese de doutorado).

PREFEITURA Municipal de São José dos Ausentes. **Plano municipal de saúde**, 1996.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas:** tempo, caos e as leis da natureza. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996 (Biblioteca básica).

RICHARDSON, Roberto Jarry et alii. **Pesquisa Social:** métodos e técnicas.3^{ed}. São Paulo, Atlas, 1999.

RODRIGUES, A. **Comunicação e cultura** : a experiência cultural na era da informação. Lisboa : Presença, 1994.

RONSINI, V. **O cotidiano rural e recepção de televisão** : o caso de Três Barras. São Paulo : USP, 1993 (Dissertação de mestrado).

SALOMON, Délcio Vieira. **A maravilhosa incerteza:** pensar, pesquisar e criar. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução à ciência pós-moderna**. São Paulo : Graal, 1991.

_____. **Pela mão de Alice** : o social e o político na pós-modernidade. 2.ed. São Paulo : Cortez, 1996.

SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, um lugar chamado aventura. **Viva no Sul**, ano 3, n. 30, maio, 2001.

SERRES, M. **Hermes** : uma filosofia das ciências. Roberto Machado & Sophie Poriot-Delpech (Org.) Trad. Andréia Dalier. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **O contrato natural**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. **A lenda dos anjos**. Trad. Rosângela Vasconcellos Tibúrcio. São Paulo: Aleph, 1995.

_____. Entrevista. **Programa Roda Viva**. São Paulo: TV. Cultura, 22 de setembro de 1999. (Vídeo).

_____. **Luzes**: cinco entrevistas com Bruno Latour. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unimarco, 1999.

SOTO, William Héctor Gómez. A análise do discurso nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS, v. 9, 1998.

TEIXEIRA COELHO, José. **Usos da cultura** : políticas de ação cultural. São Paulo : Paz e Terra, 1986.

_____. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Col. Primeiros Passos, n. 216).

_____. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo : Iluminuras, 1997.

THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 3.ed. São Paulo : Cortez, 1986.

TOURAINÉ, Alain . O pacto humanitário. **Folha de São Paulo**. 3/maio/98, p.3 (Mais!).

_____. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Trad. Jaime A . Classen e Ephraim Alves. Petrópolis, Vozes, 1998.

TRUTAS com chimarrão. **Pesca Esportiva**, ano VII, n. 70.

UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. Convênio. Processo 23078.034446/96-28. Porto Alegre, 9 de janeiro, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira . São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). KNIJINIK, Gelsa; LOURO, Guacira; COSTA, Marisa et alii. ***Crítica pós-estruturalista e educação***. Porto Alegre: Sulina, 1995.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**: uma proposta para o currículo escolar. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre, ARTMED, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

Cd-rom São José dos Ausentes, Povo e Paisagem